



ARTE EDUCAÇÃO  
PRODUÇÕES  
CO-MEMORAR  
20 ANOS

VOLUME 2 • 2008 A 2020  
NOSSA MEU, A CIDADE É UM MUSEU!  
AEP NO MCSP: MEMÓRIAS

anderson costa barbosa  
daniela calvo rodrigues dionízio  
valéria peixoto de alencar

Em 2021 o AEP – Arteducações Produções completou 20 anos de existência. Fundado pela artista/educadora Ana Amália e composto por educadores, produtores e artistas, vem desenvolvendo projetos educativos, artísticos e de mediação cultural.

Para celebrar, refletir e documentar as ações desse coletivo, foi organizada esta coleção de livros, que conta partes dessa história, para a qual ouvimos uns aos outros, tanto participantes diretos do AEP quanto colaboradores e parceiros.

Organizado em três volumes que visam delinear um território de experiências sobre arte/educação, buscamos documentos e relatórios, consultamos instituições em que realizamos projetos, olhamos fotografias e materiais gráficos, relemos muitos textos e os resultados estão aqui reunidos como relatos, memórias e registros.

O volume 2 apresenta realizações em arte/educação e mediação cultural patrimonial no MCSP – Museu da Cidade de São Paulo entre 2008 e 2020.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Arteeducação Produções : co-memorar 20 anos [livro eletrônico] : volume 2 : 2008 a 2020 : nossa meu, a cidade é um museu! : AEP no MCSP : memórias / organização Anderson Costa Barbosa, Daniela Calvo Rodrigues Dionízio, Valeria Peixoto de Alencar. -- 1. ed. -- São Paulo : AEP Serviços Culturais, 2022.

PDF

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-998785-2-7

1. Arteeducação Produções - História 2. Criatividade (Literária, artística, etc) I. Barbosa, Anderson Costa. II. Dionízio, Daniela Calvo Rodrigues. III. Alencar, Valeria Peixoto de.

23-162352

CDD-701.15098161

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Arteeducação Produções : São Paulo : História 701.15098161

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Denise Dognini Kalima pela revisão gramatical, Carlos Neves Cavalcanti pela consultoria jurídica, Departamento dos Museus Municipais da Secretaria Municipal da Cultura, Centro de Memória do Circo, Arquivo Histórico Municipal, Centro de Arqueologia de São Paulo, OCA – Pavilhão Lucas Nogueira Garcês, Pavilhão das Culturas Brasileiras – Palácio do Estados Engenheiro Armando de Arruda Pereira, Museu do Theatro Municipal de São Paulo, supervisores e educadores, gestores e diretores do MCSP - Museu da Cidade de São Paulo que contribuíram com projetos do AEP, Leandro Brasílio, Kátia Donley e Monica Onodera pela assessoria e apoio de produção, Casa REX – Gustavo Piqueira e Samia Jacinto pelo design gráfico e a todas e todos os fotógrafos responsáveis pelas imagens presentes neste livro, os quais nos esforçamos para identificar corretamente as respectivas autorias, o que nem sempre foi possível<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Caso identifique alguma autoria de fotografia, solicitamos que entre em contato com o AEP para a inserção dos devidos créditos.



**Prefácio 07**

patrimônio e mediação cultural: entre arquiteturas, memórias e afetos

**Introdução: A caminho 13**

**1 A angústia e a potência do patrimônio 28**

**2 Uma construção de caminhos, percursos e trajetórias 46**

**3 Experiências de formação:  
a mediação como proposta narrativa 64**

**4 Ensaio Visual:  
Tentativas de capturar e narrar treze anos 81**

**5 Uma conversa final? 92**

**anexo 1 101**

lista de exposições e projetos no cbb

**anexo 2 112**

lista de ações educativas no MCSP

**anexo 3 123**

lista de publicações relacionadas ao educativo do MCSP

**nota das organizadoras 128**

## **PREFÁCIO**

7

### **PATRIMÔNIO E MEDIAÇÃO CULTURAL: ENTRE ARQUITETURAS, MEMÓRIAS E AFETOS**

A rede de edifícios históricos que compõem o Museu da Cidade de São Paulo (MCSP) nos impele a refletir sobre os diversos atores e saberes envolvidos nas ações de patrimonialização, em diferentes escalas. Em âmbito institucional, as treze casas históricas do MCSP são reconhecidas pelo poder público como bens portadores de referência à identidade, à história e à memória da cidade ou do estado de São Paulo, tuteladas por meio do tombamento e integradas a uma rede museológica municipal. Na escala do edifício, as casas abrigam bens móveis e exposições temporárias, e são parte do próprio acervo museológico. Cada arquitetura do MCSP é o espaço que acolhe, mas também que instiga a ação museológica, como tema e problema. Na escala da cidade, por sua vez, as casas se espalham pelo território e suscitam uma leitura de conjunto, pontuando referências urbanas sobre distintos períodos históricos. Estão situadas em diferentes regiões, estabelecendo relações significativas com o bairro e os moradores da vizinhança e abrigando atividades culturais que atraem visitantes vindos de longe. Esses fragmentos de história urbana contemporaneamente selecionados e agrupados em rede configuram um “museu de cidade” voltado a promover a reflexão sobre a história e a memória da capital paulista e de seus

habitantes. Ao pensarmos, contudo, na diversidade de atores sociais, desígnios e conhecimentos mobilizados na patrimonialização desse conjunto edificado, nas diferentes escalas destacadas, nos perguntamos: quais histórias e memórias têm sido reconhecidas e mobilizadas a partir deste acervo? E se focarmos na função educativa de um museu, como se dá ou pode se dar a mediação cultural entre as arquiteturas musealizadas e os diversos sujeitos e saberes que as ocupam?

Quando tratamos do patrimônio edificado, logo pensamos em debates sobre políticas públicas de preservação, tombamento, projetos de conservação, restauro ou musealização, além de programas de educação patrimonial. É como se o debate estivesse centrado, prioritariamente, nas ações de preservação e difusão de bens culturais promovidas pelo poder público, por órgãos de preservação ou por especialistas e acadêmicos. Pouco se fala, contudo, sobre a recepção e interpretação de arquiteturas tombadas e musealizadas por parte do público que as frequenta ou que vivencia seus arredores, assim como dos educadores que atuam nesses espaços. Os edifícios estão preservados como exemplares de interesse histórico e cultural para a coletividade, mas as histórias até então narradas pelos livros ou os valores reconhecidos nos processos de tombamento são as únicas leituras possíveis? Quais percepções e interpretações podem ser mobilizadas se soubermos construir espaços de escuta e debate para os variados públicos que frequentam o MCSP?

Ao completar 13 anos de atuação junto ao MCSP, os autores Valeria Peixoto de Alencar, Daniela Dionízio e Anderson Costa Barbosa, educadores da Arteducação Produções, registram suas experiências e reflexões diante dessas indagações e desafios. As experiências aqui narradas são fruto de um programa proposto por equipe multidisciplinar que explora práticas de mediação cultural tradicionalmente voltadas para as artes, mobilizando-as para o tratamento do patrimônio, abarcando desde as casas e seus acervos até os territórios em que estão situadas. Valendo-se da linguagem do diálogo, os autores revelam seus anseios e angústias diante da prática diária de interpretação dessas materialidades, adotando o patrimônio como o vetor da mediação cultural. A narrativa traz também memórias e depoimentos de mediadores atuantes nas diversas unidades do MCSP, atores diretamente envolvidos nesse contínuo diálogo entre as materialidades e imaterialidades na interpretação do patrimônio edificado.

Ao longo de quatro capítulos, a publicação discute conceitos e práticas do campo do patrimônio por meio de experiências de mediação cultural que problematizam esses mesmos conceitos, no embate direto com o público e a cidade, com as representações e significações que construímos a partir

do edificado e do território. Nesse percurso, narrativas hegemônicas e interpretações patrimoniais consolidadas são postas em debate, mas não somente mediante argumentos acadêmicos. A grande inovação é a leveza com que temáticas tão polêmicas são postas em discussão, privilegiando vozes geralmente silenciadas nos estudos sobre a patrimonialização: os educadores atuantes em museus e casas históricas, com destaque para a percepção que puderam construir, ao longo de suas experiências de mediação cultural, a respeito do público que frequenta as casas históricas e que carrega consigo ricas experiências urbanas, histórias de vida, memórias e afetos. Nas experiências narradas e discutidas, a bagagem sociocultural do público e dos próprios educadores se destaca no processo de reconhecimento patrimonial. Desse modo, público e educadores interagem na atribuição de sentidos à matéria edificada, reinterpretando os discursos patrimoniais tradicionais como sujeitos ativos da narrativa histórica.

No primeiro capítulo, *“A angústia e a potência do patrimônio”*, a escrita/conversa nos convida a discutir as formas de percepção e recepção do patrimônio edificado para além dos discursos históricos oficiais. A quem pertence a memória exaltada pelo acervo arquitetônico do MCSP? Como mobilizar outras memórias e narrativas por meio desses mesmos bens? De um lado, os autores discutem a potência da mediação cultural e do trabalho educativo para a problematização de narrativas hegemônicas calcadas na patrimonialização de bens edificados, buscando compreender as origens desses discursos para alavancar reflexões sobre o papel do sujeito contemporâneo na ressignificação dessa materialidade. O acervo arquitetônico do MCSP é exemplar para alavancar esse debate. Ali observamos a construção histórica da figura do bandeirante – na invenção da chamada “casa bandeirista” –, assim como a reiteração de uma história urbana associada ao espaço social das elites paulistanas e ao ideário de modernidade. A mediação cultural, nesse sentido, nos provoca à ação, pois a compreensão de tais processos abre caminho para uma educação libertadora e emancipadora: não é suficiente substituir tais narrativas, é necessário problematizá-las, compreender as suas origens e desígnios para podermos identificá-los em roupagens contemporâneas. Por outro lado, contudo, os autores não se deixam enganar por um único caminho interpretativo e a experiência dos educadores revela o quanto a prática cotidiana lança luzes sobre a discussão teórica. Nem sempre a desconstrução de narrativas hegemônicas é o foco, pois parte significativa do público não acessou essa informação. A percepção dos visitantes e as trocas de experiências entre o público e os educadores são novas fontes de conhecimento sobre essas mesmas casas.

Logo, as casas históricas não perdem valores porque parte das narrativas a elas associadas está em discussão; as casas são muito mais do que dizem as narrativas oficiais. E a mediação cultural é capaz de revelar os matizes afetivos das memórias que permeiam o frescor da taipa, a aspereza do concreto e os meandros do território.

No segundo capítulo, *“Uma construção de caminhos, percursos e trajetórias”*, o território da cidade é evidenciado e as casas históricas são vistas como partes de um sistema urbano complexo, material e imaterial. Os trajetos realizados para acessar esses patrimônios, as percepções, memórias e afetos acionados nesses percursos são narrados pelos autores como elementos fundamentais na conformação de uma cartografia de sentidos em que as permanências construídas exercem papel fundamental. A cidade de São Paulo se transforma cotidianamente, demolições e novas construções remodelam a paisagem com grande rapidez, revelando tempos que se sobrepõem, permanências e memórias ameaçadas, territórios em disputa. Compreender a relevância de uma rede de casas históricas espalhadas pela cidade pressupõe apreender essa territorialidade geográfica e política, memorial e afetiva.

No capítulo 3, *“Experiências de formação: a mediação como proposta narrativa”*, o diálogo se volta para os processos de formação continuada no MCSP e a relação dinâmica entre trabalho e estudo, teoria, prática e reflexão crítica. Se a mediação cultural parte da experiência como instrumento para a construção coletiva de saberes, a importância do patrimônio edificado não deve residir em sua individualidade, mas no processo de construção de saberes desencadeado pela leitura desse objeto em diferentes contextos de produção, mediação e recepção. A publicação é finalizada com um belo ensaio fotográfico, uma continuidade do diálogo, desta vez com imagens.

A escolha da escrita/conversa não poderia ser mais acertada. A ideia de mediação está presente em toda a estrutura do texto: na linguagem adotada, na atenção aos processos de escuta, no espaço ocupado pelas vozes e corpos dos visitantes, na captura do próprio leitor/ouvinte. A escrita/conversa e os depoimentos destacados capturam o leitor para o interior da narrativa, nos leva a compreender nossas próprias memórias e afetos como instrumentos privilegiados da experiência urbana, do reconhecimento de nós mesmos como agentes da história de nossa cidade, a ponto de não percebermos em que momento do diálogo os nós parecem desatar e o patrimônio arquitetônico desce de seu pedestal para integrar o território construído pelo povo. O leitor sente-se convidado a participar da conversa, como um visitante virtual, dando-se conta, a cada depoimento, da potência de suas próprias memórias, afetos e experiências

como meios de decifrar ou ressignificar os patrimônios da cidade.

Ao concluir a leitura, imersos na virtualidade e na realidade de isolamento social a que estamos submetidos pela pandemia de Covid-19, somamos à história urbana a experiência de nossa saudade e imaginamos com cores vivas nossa próxima visita às casas históricas e aos lugares de memória na cidade.

Manoela Rossinetti Rufinoni<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Professora do Departamento de História da Arte e do Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo.





**FIGURA 1**

Educadores da primeira equipe do Museu da Cidade de São Paulo reunidos no Sítio da Ressaca durante a formação inicial, 2008.  
Foto: Camila Lia.

## **ACHADOUROS**

Acho que o quintal que a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. Mas o que eu queria dizer sobre o nosso quintal é outra coisa. Aquilo que a negra Pombada, remanescente dos escravos do Recife, nos contava. Pombada contava aos meninos de Corumbá sobre achadouros. Que eram buracos que os holandeses, na fuga apressada do Brasil, faziam nos seus quintais para esconder suas moedas de ouro, dentro de grandes baús de couro. Os baús ficavam cheios de moedas dentro daqueles buracos. Mas eu estava a pensar em achadouros de infâncias. Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal, lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira. Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro, lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa. Sou hoje um caçador de achadouros de infância. Vou meio dementado e enxada às costas a cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos. Hoje encontrei um baú cheio de punhetas.

Manoel de Barros



## INTRODUÇÃO: A CAMINHO

13

**DANIELA** Pessoal! Que bom encontrar vocês! Acabei atrasando, peguei trânsito para chegar aqui.

**VALERIA** Oi, que saudades! Tudo bem, eu não sou mais supervisora, pode atrasar... (risos) Mas, bem, de nós três, você foi a primeira a chegar, digo no Museu da Cidade de São Paulo (MCSP). Você era educadora desde quando mesmo? Porque o Anderson entrou comigo, em 2010 – aliás, eu estava no seu processo de seleção na Arteducação Produções (AEP), lembra And? Eu iria ser a nova supervisora do educativo do Museu, no lugar da Camila Lia.

**DANIELA** Entrei em dezembro de 2008. Minha entrevista foi com a Camila e lembro o quanto fiquei contente, pois seria educadora no Sítio Morrinhos, uma das

unidades do Museu<sup>2</sup>. Lembro de estar caminhando lá na rua Augusta, quando recebi a notícia. Era um sonho: trabalhar em um museu que abordava questões relacionadas à cidade de São Paulo, principalmente com arqueologia, que era o tema principal ali no Morrinhos!

**ANDERSON** Lembro sim, Val. Eu tinha acabado de chegar de Brumadinho. Ainda estava entendendo a cidade e as pessoas. Comecei como folguista, trabalhava só aos finais de semana e feriados. Numa das vezes em que fui trabalhar na Casa do Bandeirante – lembra Dani? –, você que estava lá. Meu currículo tinha sido enviado diretamente para o Museu, e de lá o encaminharam para a AEP. Estou na empresa desde então.

**DANIELA** Nossa, quanto tempo têm essas histórias! Dá muitas saudades. And, nós nos conhecemos na Casa do Bandeirante, mas, para mim, o período mais marcante foi quando trabalhamos juntos como educador e educadora na Capela do Morumbi. Lembro de um dos últimos grupos que atendemos lá antes que eu saísse do Museu, um grupo que foi embora da visita cantando, e cantamos com o grupo. Val, acho que na época você ainda era nossa supervisora. Lembro que saímos do projeto mais ou menos ao mesmo tempo. O que você foi fazer quando saiu do Museu?

**VALERIA** Foi em março de 2012 quando eu saí do Museu. Eu tinha ingressado no Doutorado no Instituto de Artes/Unesp em agosto de 2011, no começo de 2012 comecei a receber a Bolsa da CAPES, razão pela qual não poderia ter mais vínculo empregatício. Enfim... mesmo que pudesse, o Museu era um trabalho bem puxado: casas espalhadas pela cidade, a equipe espalhada pela cidade,

14

2 O Museu da Cidade de São Paulo (MCSP), atualmente, é constituído, por treze unidades, espalhadas pelas cinco regiões da cidade: Solar da Marquesa de Santos, Beco do Pinto, Casa da Imagem, Cripta Imperial (Monumento à Independência), Casa do Grito, Chácara Lane, Sítio Morrinhos, Casa Modernista, Casa do Sítio da Ressaca, Casa do Bandeirante, Casa do Sertanista, Casa do Tatuapé e Capela do Morumbi. Em 2019, foi aberto um processo em vista da necessidade de mudança dos nomes Casa do Bandeirante e Casa Sertanista, em virtude do desenvolvimento de estudos decoloniais, que serão discutidos ao longo deste livro. Esses locais passaram a se chamar, respectivamente, Casa do Butantã e Casa do Caxingui – nome dos bairros em que estão situados. No website do Museu os nomes já foram atualizados, mas até a data desta publicação não haviam sido oficialmente modificados.

a FDE<sup>3</sup>... era muito trabalho, não tinha como conciliar. Lembro que você saiu, mas o Anderson ficou.

**DANIELA** Sim, Val, saí um mês depois de ti. Eu saí porque queria experimentar novos lugares e fui trabalhar em outro museu. Passei um ano no Instituto Butantã e, na sequência, fui parar em uma empresa de arqueologia que fazia licenciamento ambiental. Passei quatro anos nessa empresa, trabalhando com Educação Patrimonial. Acredito que meus quase quatro anos no Museu da Cidade tenham contribuído para esse novo trabalho, usei muito da mediação cultural para realizar oficinas, rodas de conversa, cursos, exposições pelos interiores do Brasil, e foi uma experiência mágica. E agora estou de volta ao Museu, como supervisora, junto com o And.

**ANDERSON** Eu segui, como vocês bem colocaram, e estou até hoje no Museu da Cidade de São Paulo. De educador fui trabalhar na supervisão; tive muitas duplas nesse novo cargo: trabalhei com Gabriel Linares, que também foi educador; com Bruno Makia; com a Luciana Rocha; com a Camila Lia; com o Rodrigo Monteiro... e agora estamos novamente, Dani e eu, fazendo dupla no trabalho, primeiro como educadores e agora na supervisão. Vi muita coisa durante esse período na AEP e no projeto do Museu da Cidade, casas que foram anexadas ao Museu, casas que saíram e depois voltaram. Mudança de diretoria, de secretários de Cultura, de prefeitos. A cada gestão parecia que começávamos a trabalhar em um novo Museu, em um novo lugar! Cada gestão tinha suas particularidades e seus desejos. Foi assim que notei o quanto faz falta um plano museológico!

15

**DANIELA** Com certeza, muitas mudanças. Nos quatro anos que voltei para o Museu já vejo isso. Mas que bom que finalmente estão construindo esse plano! Oxalá fique pronto logo! É um documento de grande importância para um Museu desse porte, desse tamanho! Mas vamos ao que interessa: o que temos para refletir

3 Referimo-nos especialmente ao Projeto Lugares de Aprender: a escola sai da escola, do Programa Cultura é Currículo da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), que durou de 2008 a 2013. O projeto levava estudantes de escolas públicas a todas as unidades do Museu da Cidade abertas na época, uma turma no período da manhã e uma no período da tarde, de terça a sexta-feira. Na época, esse atendimento ocupava a maior parte do trabalho e atenção da equipe, seja no planejamento de atividades e materiais, no atendimento em si, bem como nos relatórios produzidos todos os meses.

sobre os 13 anos<sup>4</sup> da AEP no projeto educativo do Museu da Cidade de São Paulo?

**VALERIA** Sim. Vamos lá! Colocar nosso leitor/ouvinte a par do que pretendemos aqui. Nas próximas páginas, vamos tecer uma escrita/conversa que traga essa memória da AEP no Museu da Cidade de São Paulo. Para isso, imediatamente, a ideia de colher as memórias dos sujeitos envolvidos nesse processo, por meio de depoimentos e relatos, parece ser a mais adequada, porque nestes 13 anos um diferencial dessa experiência educativa foram as diversas camadas de mediação: a mediação entre educadoras e educadores; entre o acervo e o público, certamente, mas também a mediação entre as/os educadoras/es como grupo; entre educadoras/es e supervisão; entre a AEP e a Prefeitura; entre educadoras/es, acervo; formação continuada e a cidade e tantas camadas de mediação que se possam imaginar.

Dessa maneira, é pertinente o título desta publicação – “Nossa meu, a cidade é um museu!” –, que reproduz a fala de Thiago Nascimento (educador do Museu de 2013 a 2014), ao se referir à sua percepção sobre a cidade poder ser um grande museu, um grande patrimônio. Isso porque quando a AEP implementou o projeto educativo, em 2008, todas e todos que passaram por esta experiência puderam perceber a cidade como um museu, o museu da cidade, as mediações entre museu/cidade e cidade/museu<sup>5</sup>.

16

- 4 O contrato da AEP com o MCSP teve início em abril de 2008: “Em abril [2008] realizamos as entrevistas [seleção de educadores/as], no início de maio estávamos com a equipe contratada e ainda nesse mês algumas das unidades do MCSP iniciariam o atendimento às escolas do Programa Cultura é Currículo” (LIA, 2012, p.72). Para saber mais sobre o MCSP e este início, vale a leitura da dissertação de mestrado de Camila Serino Lia (2012).
- 5 Cabe reforçar que não estamos falando sobre uma cidade-museu, tombada pelos órgãos oficiais de patrimônio, mas de um entendimento de várias/os educadoras/es que relataram suas percepções e modos de conhecer a história da cidade pelo Museu da Cidade de São Paulo, as casas como “achadouros” de saberes e memórias que serão apresentadas, em parte, no decorrer desta publicação.



**FIGURA 2**

Interior da Capela do Morumbi com a instalação Penélope, de Tatiana Blass, 2011.

Foto: Everton Ballardin/<http://www.tatianablass.com.br/obras/66>

**DANIELA** Mas é bom lembrar que o projeto da AEP não foi a primeira experiência educativa na instituição, e sim uma herança de projetos educativos que se iniciaram em 1978, quando ainda era a Divisão de Iconografia e Museus (DIM) e que foi se constituindo e se consolidando ao longo do tempo nos espaços onde hoje está o Museu da Cidade de São Paulo. Dentre os projetos, vale destacar o Museu-Escola, o Museu-Comunidade e a própria concepção do Museu da Cidade, com sua inauguração a partir de uma expedição pela cidade.

## OUTRAS PROPOSTAS EDUCATIVAS NO MCSP

No ano de 2019, alguns educadores e educadoras realizaram pesquisas sobre a história do educativo no Museu, buscando entender essa trajetória. Beatriz Silvério e Bruno Augusto Faria decidiram realizar uma pesquisa pensando nas mudanças de rumos dos projetos relacionados à gestão municipal. A pesquisa, na íntegra, faz parte do *Memorial e Relatório Anual de 2019* sobre as ações educativas do MCSP, produzido pela AEP. Beatriz e Bruno realizaram um levantamento e pesquisaram sobre outras propostas educativas no MCSP e descobriram que os projetos nas décadas de 1970 e 1980 tiveram um caráter esporádico. Houve um primeiro projeto, chamado Circuito Cultural, a partir de 1978, um projeto-piloto de formação de professores, que funcionou para as Casas Sertanista, Bandeirante e do Grito. Acreditamos que funcionou até 1982. Paralelo a esse projeto veio o Museu-Escola, que teve início em 1979. Nos dizeres

do projeto, a ideia era fazer com que o centro fosse percebido como um Museu vivo. Além das ações nessas casas já citadas, começaram a ocorrer ações no Tatuapé e no centro da cidade. A visita ao centro seguia um roteiro que tinha início no edifício Martinelli (Casa do Comendador). Entre 1986 e 1988, o projeto Museu Escola foi desestruturado e só voltou a ocorrer no mandato da Luiza Erundina (1989-1992), com apoio da secretaria de Educação. O serviço educativo no Museu tomou corpo em 1989-90, sob a coordenação de Nilson Carlos Louzada. Estas e outras informações foram consultadas no Centro de Documentação do MCSP.

A partir de 2003, o serviço educativo trabalhou de forma pontual, com a formação e capacitação de funcionários internos do Museu, que atuavam nas unidades por meio de convocação. Também foi realizada a formação de agentes de turismo, que começaram a incluir espaços do Museu, como o Solar da Marquesa, em seus roteiros turísticos. “Lembranças de São Paulo” foi um projeto de atendimento voltado tanto para a terceira idade como para os moradores das regiões centrais, que se desenvolveu ao longo dos anos, de 1993 à 2004 e trabalhou com memórias relacionadas à cidade.

Em 2008, uma licitação pública possibilitou a contratação da AEP, uma empresa de arte/educação, para desenvolver um programa voltado à reflexão sobre o patrimônio. Esse contrato foi o que viabilizou a ocupação com educadores/as em todas as casas que faziam parte do Museu da Cidade e, de certa maneira, se justificou com o atendimento do programa Cultura é Currículo, da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE).

**VALERIA** Importante ressaltar que, desde o início da atuação da AEP, a equipe de educadoras/es foi contratada em regime de CLT. Isso foi um diferencial, pois na época poucas instituições contratavam educadoras/es com direitos trabalhistas, a tal “carteira assinada”. As ações educativas nos museus e centros culturais tinham, em grande parte, equipes com contratos de estágio ou contratos temporários autônomos<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Sobre este assunto vale consultar a pesquisa de Valeria Peixoto de Alencar, O mediador cultural. Considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de Arte. (2008).



**DANIELA** Aqui vale apontar, ou perceber, as transformações passadas ao longo do tempo até chegarmos ao formato de Museu que conhecemos hoje. Casas foram sendo incorporadas durante o processo de abertura do Museu da Cidade e essa expansão segue ativa até hoje. Outro ponto interessante a ser notado é o contrato de educação patrimonial, que a AEP assume com uma equipe multidisciplinar, de modo que o entendimento do trabalho também foi se transformando ao longo da experiência. Acreditamos que uma das maiores potências dessa experiência foi a utilização de práticas de mediação cultural, em geral, por parte da empresa e de muitos educadores e educadoras contratados/as, utilização esta voltada para as artes e que começa a ser efetivada em relação ao patrimônio. Um dos principais objetos a ser mediado é um patrimônio! A princípio, nos primeiros anos, olhamos muito para o patrimônio edificado, para a história da casa<sup>7</sup>, porém abrimos as janelas dessas *casas velhas*<sup>8</sup> e deixamos entrar a cidade. A cidade é nosso grande patrimônio. Do material para o imaterial. Deixamos entrar os contextos sociais, políticos, culturais que fervem na nossa metrópole.

**VALERIA** Que bonito isso! A cidade como patrimônio, as histórias da cidade, as histórias dos visitantes do Museu... Aqui, Dani, penso que a potência está na equipe multidisciplinar, como você disse, porque a arte também é um patrimônio cultural. Verdade que a AEP tem/teve muita atuação em exposições de artes visuais, mas dentro de uma ideia de mediação cultural qualquer objeto pode ser vetor do trabalho. O olhar mais ou menos direcionado ou dirigido da arte/educação como área do conhecimento vai estar relacionado ao trabalho da equipe. Seja o objeto artístico ou objeto patrimonializado por outro motivo que não artístico, a ideia da mediação cultural é uma construção interessante de se perceber.

**ANDERSON** Acredito que a troca entre educadores/as que têm formação em Artes, com educadores/as com formação em História, Ciências Sociais, Geografia, entre tantas outras áreas de conhecimento que passaram pelo Museu só potencializou o trabalho. Olhávamos o patrimônio e construíamos arte. Olhávamos para a arte e chegávamos a questões profundas sobre a cidade.

7 As casas que fazem parte do Museu da Cidade de São Paulo são parte de seu acervo, juntamente com o acervo fotográfico, o de bens móveis e o de história oral, Além disso, exposições temporárias são realizadas nas casas a partir de projetos de pesquisadoras/es, curadoras/es e artistas (ver anexo com Lista de exposições de 2008 a 2020), que também são trabalhados na mediação pelas educadoras e educadores.

8 “Casas velhas” era a forma como Mário de Andrade se referia às casas rurais que remetiam ao período colonial. Essa referência está em Lia Mayumi (2008).

Nossa melhor escolha foi seguir trabalhando com tantas formações diversas entre a equipe. Com pessoas diversas. Com corpos diversos ocupando o espaço.

**DANIELA** Também acredito que foi muito importante tanta diversidade. A equipe atualmente é composta por vinte e seis profissionais de diversas áreas, como das Letras, História, História da Arte, Geografia, Rádio e TV, Produção Cultural, Artes Cênicas, Artes Visuais, Ciências Sociais, Filosofia, Pedagogia e Comunicação das Artes do Corpo, oferecendo ao visitante, além de visitas mediadas às casas que fazem parte do Museu, um atendimento bilíngue em espanhol, inglês e libras. Vale ressaltar que a partir de 2015 começa a existir uma coordenação educativa no Museu, trabalhando em conjunto com a empresa contratada para o serviço educativo, a AEP, no caso. Anteriormente tínhamos uma espécie de “fiscal de contrato”, que foi o André Douek, fotógrafo, contratado como Técnico da Seção do Museu Histórico da Imagem Fotográfica. Ele não atuava como coordenador, apenas fazia uma ponte entre nós e a prefeitura, uma fiscalização mesmo sobre se estávamos cumprindo as normas do contrato.

**VALERIA** Mas eu bem me lembro de um lado bom nisso tudo: eu fazia tudo o que eu queria (*risos*). As/os educadoras/es e eu tínhamos bastante autonomia para realizar encontros com professores/as, ações culturais, estudos e pesquisa, desde que cumpríssemos as regras contratuais e atendêssemos a FDE (essa era maior preocupação na minha época).

20

**DANIELA** Então, a partir de 2015, com a diretoria de Beatriz Cavalcanti de Arruda, o MCSP assumiu o papel de coordenar o setor educativo, e não somente fiscalizar a empresa contratada, o que é muito significativo porque impacta na formulação da ideia de museu, o entendimento que museu tem função educativa também. Inicialmente, tivemos a Júlia Anversa e a Heloiza Soler como coordenadoras, mas também passou pela coordenação a Carolina Dantas e, atualmente, estão nesse cargo a Nádia Bosquê e Natália Godinho<sup>9</sup>. Trago aqui a fala da Heloiza Soler, que trabalhou no Museu entre os anos de 2015 e 2020 e que nos enviou um relato de sua passagem pelo Museu, para entendermos o comprometimento e a busca da construção de uma coordenação ativa no Museu:

<sup>9</sup> Em 2021 Adelaide Maria de Estorvo Alencar da Silva assumiu a assistência de coordenação do núcleo educativo.



**HELOIZA SOLER (PORE-MAIL)** Estar em contato com o educativo do Museu da Cidade de São Paulo foi uma experiência enriquecedora, com inúmeras possibilidades de caminhos de diálogos e descobertas sobre as diversas dimensões e histórias dessa cidade tão singular e complexa. Desenvolver um trabalho educativo coeso e com identidade para todas as unidades do museu, sempre se mostrou um desafio potente para todas as pessoas que trabalham no MCSP e principalmente para educadores que estão em contato direto com o público que irá desvendar este lugar. Um desafio que também lida com diferentes dimensões de uma instituição pública e suas peculiaridades. Para mim foi um percurso com muitos aprendizados, escutas, trocas de experiências, desenvolvimento de bons projetos e construções de discursos de uma cidade mais plural.

**VALERIA** E, não posso deixar passar sem comentar, já que você abordou a ação de uma coordenação educativa a partir de 2015, o quanto nós da supervisão da AEP, desde o início, lutamos para conquistar espaços de formação contínua, estudos e pesquisa na carga horária de trabalho, em especial se considerarmos que o MCSP é constituído de unidades espalhadas pela cidade, o que dificultava uma reunião de equipe, por exemplo. Eu quebrava minha cabeça para montar escalas de folga de final de semana de modo que as reuniões de formação contassem como horas de trabalho. Como diz a Camila Lia, ex-supervisora da equipe do educativo do MCSP em sua dissertação de Mestrado: “Esses tempos e espaços precisam ser preservados e, muitas vezes, conquistados e negociados com as instituições, como em muitos momentos foi necessário com a direção e administração do MCSP/DPH” (2012, p. 77). Além disso, o quanto brigamos para que houvesse dois cargos de supervisão – porque até então, temos apenas um: a/o assistente da supervisão é um/a educador/a deslocado/a da função. Na verdade, só agora, no caderno técnico para o próximo contrato, que teoricamente iniciará em 2021, foram finalmente previstos dois cargos de supervisão!

**ANDERSON** Mesmo com essa luta, é importante lembrarmos também das ações desenvolvidas pelo educativo. Em todo esse período, diversas ações foram realizadas, como formação de professores que ocorreram principalmente entre os anos de 2010 à 2013, algumas delas feitas pela Val, lembra? A Dani e eu, por exemplo, acabamos trazendo para a semana, no atendimento das escolas, as oficinas de final de semana propostas pelas/os educadoras/es, pois nós sempre acreditamos ser algo transformador. Atualmente, temos duas atividades mensais que podemos destacar aqui: um clube de leitura chamado “Tramas Urbanas”, que

tem como foco literaturas sobre cidades e suas dinâmicas, e o “Sarau LGBTQIA+” que ocorre de sazonalmente e é fruto de pesquisa dos educadores que pensam a importância da discussão dessa temática e sua relação com o Museu.

**DANIELA** Também vejo essas ações atuais como muito importantes, poder discutir literatura e olhar para a cidade, e principalmente pensar que corpos estão ocupando os esses espaços patrimoniais quando se faz um Sarau LGBTQIA+ nas casas do Museu. Como você disse antes: corpos diversos ocupando os espaços do Museu!

**VALERIA** E hoje como o Museu se relaciona com as instituições do entorno? Existe alguma parceria realizada? Atividades conjuntas?

**ANDERSON** Val, você se lembra do atendimento ao projeto Cultura Currículo da FDE, que era um projeto fantástico; chega a dar saudade. Durante todo ano letivo, os educadores eram responsáveis pelo atendimento das visitas escolares nos períodos da manhã e tarde de terças a sextas-feiras, em todas as unidades do Museu da Cidade. Era cansativo porque não havia muito tempo para se dedicar aos estudos, mas ao mesmo tempo era uma delícia ver as unidades do Museu da Cidade em constante movimentação. Com o fim do projeto, em 2014, começamos a investigar as instituições próximas das unidades que poderiam ser futuros parceiros do Museu da Cidade. Nesse momento o/a educador/a se movimenta, pesquisa, planeja, constrói atividades diferenciadas como oficinas nos finais de semana e visitas temáticas com o intuito de promover as Casas do Museu.

**DANIELA** Acho importante apontar que as educadoras e os educadores participam de uma formação continuada, desde sempre, desde que começamos em 2008, como disse a Val. Essa formação consiste em reuniões mensais com toda a equipe para palestras ou visitas a outros espaços museais, possibilitando assim a discussão de temáticas voltadas ao patrimônio cultural. Vou contar aqui uma formação que foi muito marcante, na qual Anderson e eu éramos educadores e Val era nossa supervisora. Estávamos discutindo um texto sobre imagem e paramos para discutir sobre os “pixos” intervindo nos Monumentos. Isso me marcou tanto que foi uma questão que levei pra vida, sempre em meus estudos levo em conta as intervenções no patrimônio, e o que elas trazem de diálogos e o que expressam dos sentimentos sociais. As formações foram pontos marcantes no nosso processo no Museu. Vocês se lembram de alguma formação marcante também?

**VALERIA** Lembro desse texto ao qual você se refere, é do livro de Alberto Manguel, *Lendo imagens* (2001), que foi muito significativo para que eu pudesse perceber/entender as possibilidades dos diferentes contextos ao ler imagens. Acho que foi o primeiro autor que, de fato, me provocou esses questionamentos. Agora, marcantes no processo do MCSP, para mim, foram todas as formações, porque eu pensava no meu papel como mediadora também, estar na supervisão é isso: fazer a mediação entre a instituição e a equipe e os conteúdos do Museu e as conversas sobre mediação em si... Mas, algo mais significativo, na época, ainda, na discussão sobre patrimônio e mediação, foi tomar contato com os textos do Imanol Aguirre que tratam desse tema. Se não me engano, a Camila Lia, quando supervisora, chegou a levar, uma vez, antes do meu tempo, o Imanol Aguirre em algumas casas. Você se lembra disso, Dani? O Imanol escreveu um texto – não tenho certeza se foi trabalhado em alguma formação, mas conheci nessa época – cujo título é *Nuevas ideas de arte y cultura para nuevas perspectivas en la difusión del patrimonio* (2008).

**DANIELA** Sim, Val, o Imanol esteve aqui no Brasil e conheceu quase todas as casas do Museu. Acredito que, com essa conversa toda, até aqui, já podemos desenhar o que virá pela frente neste nosso livro.

Pela nossa conversa, já é possível notar que, no trabalho educativo, nada fazemos sozinhas/os. A troca de que a gente fala é sempre muito importante, pois nosso trabalho é construído a partir dos diálogos, sempre juntos e juntas, uma ideia que complementa a outra. Como iríamos, então, neste livro, escrever somente a partir de nossa experiência e com o nosso ponto de vista? Impossível! Então, aqui revelaremos ao leitor que realizamos encontros – virtuais, por causa da pandemia – com ex-educadoras/es e educadoras/es atuais. E, a partir do que foram contando, lembrando e trazendo da vivência delas e deles no Museu, fomos tecendo e definindo os capítulos. Muito se falou em patrimônio cultural, conversamos sobre nossas próprias trajetórias e também sobre o quanto as formações foram muitas vezes marcantes para compreendermos nosso papel no Museu, na vida. No início das conversas, era mostrada uma imagem disparadora (Figura 3) que, de diversas formas, nos tocava, nos despertava memórias e gerava questionamentos. Também enviamos e-mails para algumas pessoas que estiveram envolvidas de várias formas com o projeto, seja como funcionários/as do Museu da Cidade ou da AEP<sup>10</sup>.



**FIGURA 3**

Criança em visita à Casa do Bandeirante, 2009.

Foto: Camila Lia.

**VALERIA** Aproveitando a imagem, que foi tão significativa nas conversas, mesmo que cada grupo tenha tido um foco diferente<sup>11</sup>, a fotografia utilizada foi a mesma nos três encontros.

**ANDERSON** E para os relatos escritos também usamos esta imagem.

24

**VALERIA** Sim, verdade. Quando escolhemos esta imagem como disparadora, lembro-me que foi sugestão da Dani, e nós logo acolhemos, pois ela traz a

- 11 Os grupos focais ocorreram nos dias 5, 7 e 13 de agosto de 2020. O Grupo Focal 1 (GF1) foi composto por Nilton Moraes, Katia Santos, Luciara Ribeiro, Thiago Nascimento; no GF2, participaram Lilian Damasceno, Tatiana Yukie e Vinícius Nonato; no GF3, participaram Sidiney Peterson e André Greatti. Também contamos com alguns relatos que nos foram enviados por e-mail: Camila Lia (supervisora do educativo do MCSP de 2008-2010 e 2013-2015), Rodrigo Monteiro (educador e supervisor de 2013 a 2015), Heloiza Soler (coordenadora educativa do MCSP de 2015 a 2020), Júlia Rocha Pinto (educadora e supervisora do Educativo no Pavilhão das Culturas Brasileiras, 2011-2012), Juliana dos Santos (educadora de 2008 a 2011) e Beatriz Cavalcanti de Arruda (diretora do MCSP de 2015 a 2016).
- 11 O GF1 teve como tema principal patrimônio cultural, o GF2 o tema foi Percursos e o GF3, Formação. Os temas foram pensados a partir da estrutura de capítulos deste livro, decididos previamente. Apesar disso, são temas que se atravessam e se inter-relacionam, de modo que as falas dos/as educadores/as serão compartilhadas nos diferentes momentos desta publicação, independentemente do tema do GF em que foram coletadas. Cabe ainda pontuar que os grupos foram gravados e as conversas transcritas por Leandro Brasília, colaborador da AEP. Depois de transcritas as conversas, selecionamos trechos para inserir ao longo do texto, realizando um processo inaugurado/concebido por Haroldo de Campos. Esse processo consiste em uma tradução de texto. No caso, uma tradução da linguagem oral para a escrita, permitindo uma cocriação. Intervimos no texto, porém, sem que ele perca o seu sentido, muito menos a forma de expressão em que foi dita. Haroldo de Campos utilizou essa metodologia para a tradução de poemas e poesias: “Mas a transcrição, para Haroldo, significava acima de tudo uma postura de fidelidade, ou de hiperfidelidade, como ele dizia: uma tradução atenta ao modo de construção do poema, a seus aspectos fono-semânticos, à sua configuração sónica” (NÓBREGA, 2006, p. 250-251).

ideia da relação corpo/espço, visitante/patrimônio, afetos e descobertas que atravessam a todas/os nós em relação ao MCSP.

Assim, no primeiro capítulo deste nosso livro, *A angústia e a potência do patrimônio*, vamos falar sobre patrimônio, os impactos de autores já citados aqui, como Manguel e Imanol, e de outros, além das reverberações das formações envolvendo nossa relação com o patrimônio vão estar lá, mais aprofundadas. Acredito que a imagem seja potente para este tema e vamos, com certeza, falar de patrimônios palpáveis, alcançáveis, dando uma atenção especial à própria noção de patrimônio a partir de problematizações advindas dos estudos decoloniais, tateando tais questões. Mas isso nos traz outro ponto também, sobre acessibilidade ao patrimônio, o quanto e como é acessível para a sociedade.

**DANIELA** Essa imagem nos provoca também no tema do segundo capítulo, *Uma construção de caminhos, percursos e trajetórias*, nossas experiências. Acho importante esse tema, pois carregamos ideias e contextos para nosso trabalho no Museu, mas também levamos conosco nosso aprendizado quando passamos por lá. É como se fôssemos fazer uma grande viagem, que seria a vida, e sempre carregamos nossas mochilas, com o que nos serve durante esse processo. Assim que paramos de usar uma coisa ou outra ali guardadas, vamos deixando pelo caminho. O que ganhamos, o que nos afeta, o que nos surpreende, o que nos toca, o que nos faz chorar ou sorrir. Esse tema é bem importante para mim, pois sempre penso no meu percurso também, até chegar aqui onde estou, tanto na vida pessoal quanto profissional. E pensando nesse tema relacionado à cidade, o que sinto é que a cada conversa, a cada passo que damos, vamos colecionando experiências, vivências. A cada casa do Museu em que trabalhei – Sítio Morrinhos, Monumento à Independência, Casa do Grito, Casa do Bandeirante, Capela do Morumbi, e as outras que estive somente por poucos dias – parece que foi-se construindo um quebra-cabeça para mim. Com peças que se conectam ao mesmo tempo, em tempos históricos distintos, se relacionam com a cidade de formas diversas, representam parte da sociedade, excluem uma outra parte, maior ainda do que a que representam. O que sinto é que essas histórias e contextos formam um percurso que eu e tantos outros educadores percorremos, e que é parte de uma caminhada maior, das reflexões que levamos para nossas vidas.

**ANDERSON** Falaremos no terceiro capítulo, *Experiências de formação: a mediação como proposta narrativa*, sobre os processos de formação continuada no Museu como uma ferramenta importante para nosso trabalho, que visam a promover



uma atualização de conteúdos relacionados à educação patrimonial, assim como a colocar a equipe alinhada com as discussões realizadas em outros espaços museais. Atualmente, essa formação acontece em dois formatos: um encontro geral, contando com a presença de toda a equipe; e um segundo formato, que reúne grupos menores, possibilitando uma reflexão mais aprofundada dos temas. Os encontros gerais foram apelidados de “Encontrões” pelos/as educadores e educadoras, e os encontros com grupos menores, “Encontrinhos”. Vale a pena comentar que essa formação continuada que tanto prezamos no projeto e que foi uma luta para conquistar esse espaço como bem foi lembrado anteriormente. Ah, e também cabe falar sobre formação de público, aqui. Passamos por muita coisa, não?

**VALERIA** Acho que nossa passagem pelo Museu nos marcou de diversas formas, não é?! Acredito que para educadores e educadoras não foi diferente. Lembro de momentos eternizados em imagens, algumas na memória, outras em fotografias e vamos trazê-las num ensaio visual, no quarto capítulo, *Tentativas de capturar e narrar treze anos palavras*, pois essas fotografias mostram nosso afeto e como nos afetamos por este trabalho. Bateu uma saudade...

**DANIELA** Queria deixar registrado que vocês e outras tantas pessoas que foram nossas companhias e companheiras/os de trabalho, muitas seguem conosco e seguirão por toda a vida! Acho que estou ficando emotiva já!

Falamos do Museu da Cidade, mas não podemos esquecer de contar também que trabalhamos em espaços municipais abarcados pelo contrato e pelo projeto do Museu, como foi o caso do Museu do Theatro Municipal, do Pavilhão Lucas Nogueira Garcez (OCA) e do Pavilhão das Culturas Brasileiras<sup>12</sup> em um dado momento e, atualmente, o Arquivo Histórico Municipal e o Centro de Memória do Circo.

**ANDERSON** Dani, não vá chorar! Nossas ações sempre foram muito emocionais, sempre nos envolvemos muito realizando oficinas, formação para professores, ações que muitas vezes foram tão teatrais. Acho que uma mudança drástica também foi a quantidade de educadores no projeto por casa antes e atualmente,

<sup>12</sup> O educativo do Museu do Theatro Municipal ficou a cargo da AEP 2008 a 2010; o da OCA de 2013 a 2020; e o do Pavilhão das Culturas Brasileiras (PACUBRA), de janeiro de 2011 ao final de 2013, quando o Pavilhão fechou para reforma e as/os educadoras/es foram realocados para as casas do MCSP. Vale acrescentar que o PACUBRA aparece no website do Museu da Cidade de São Paulo – embora não faça parte do MCSP e sim do Departamento dos Museus Municipais (DMU) –, com o nome de Museu das Culturas Brasileiras, mas até a data desta publicação o nome oficial do equipamento é Pavilhão das Culturas Brasileiras.

questão que iremos aprofundar ao longo do texto. Hoje, educadores ou educadoras estão sozinhos nas casas. Um trabalho conjunto acontece quando temos um grupo agendado, fora isso, ficam sozinhos. Juntam-se para as oficinas e, por conta da dinâmica de trabalho, muitas vezes se falam ou combinam ações pelo Whatsapp. Há uma enorme diferença entre as relações de quando começamos no Museu e as de hoje. Mas temos que admitir que a estrutura ofertada pelo Museu também mudou muito, antes tínhamos um computador em cada casa, no último contrato tivemos que lutar por essa estrutura, e estamos terminando ainda sem ter essa estrutura por completo.

**VALERIA** Sim And, teremos espaço para trazer todas essas questões. Mas terminamos esta introdução voltando a um ponto trazido pela Dani, quando ela fala sobre mediar patrimônio. Queria perguntar para vocês, para seguirmos: o que é patrimônio?

**ANDERSON** Para mim, patrimônio é um gosto, um cheiro, uma sensação.

**DANIELA** Para mim, é o que nos toca, nos preenche e nos dá/constrói sentido para a vida, o que ajuda a compor nossas identidades. Patrimônio é o que escolhemos e não o que nos é imposto. É o que acreditamos!

**VALERIA** E para você, cara ou caro leitor, o que é patrimônio?



1

**A ANGÚSTIA E A  
POTÊNCIA DO PATRIMÔNIO**



SOMENTE UMA EDUCAÇÃO  
QUE FORTALECE A DIVERSIDADE  
CULTURAL PODE SER ENTENDIDA  
COMO DEMOCRÁTICA.

ANA MAE BARBOSA

**VALERIA** Quando ouvi esta frase, *a angústia e a potência do patrimônio*, de Kátia Santos, a Kakau (Assistente de supervisão e Educadora no MCSP, 2010-2014), sobre sua sensação ao trabalhar como educadora patrimonial, logo pensei: “nossa, isso resume o que, para mim, é trabalhar com patrimônio cultural”: é potente e é angustiante, de forma dialética. Em tempos de estudos decoloniais, de movimentos que propõem a derrubada de monumentos públicos, o que significa trabalhar com o patrimônio da cidade que resgata e enaltece a figura do bandeirante paulista, por exemplo, como o caso das casas bandeiristas<sup>13</sup> pertencentes ao acervo do MCSP? Ou ainda, como lidar com certas angústias que envolvem as relações entre o patrimônio e os cidadãos e utilizar sua potência para uma educação libertadora e emancipadora<sup>14</sup>?

29

13 O termo Casa Bandeirista foi cunhado por Luis Saia à época do IV Centenário da cidade de São Paulo, em um artigo em que tratava da restauração da Casa do Bandeirante nominando, assim, um estilo arquitetônico comum a algumas casas do período colonial paulista construídas de taipa de pilão. Ainda, segundo Paulo Zanettini, esta denominação ajudava a consolidar o imaginário do passado para uma burguesia paulistana, de modo que a casa Bandeirista foi transformada na “morada do herói paulista, alargador de fronteiras, sustentáculo ideológico da modernidade, soberbamente talhado no Monumento às Bandeiras de Vitor Brecheret às portas do Parque Ibirapuera.” (ZANETTINI, 2005, p. 70). O termo, inclusive, foi revisto e a equipe educativa adota, atualmente, o termo casa rural, o que elas eram de fato.

## A TRAIÇÃO DA MEMÓRIA

Algumas datas se confundem com eventos e processos e nos traem. Algumas delas podem ser confirmadas em documentos (contrato de trabalho, relatórios...), outras não, pois há uma relação de trabalho e afeto envolvido com alguns dos personagens que compõem essa narrativa. Valeria, Camila Lia e eu, por exemplo, estamos na AEP desde o início, em 2001, já fizemos muito trabalho que o documento não registra e a memória trai, assim como a Kakau, contratada como educadora, deslocada da função no início em que atuou como assistente de supervisão e em seguida retorna como educadora na Chácara Lane e, leitor/a, você vai perceber mais adiante que as datas mencionadas aqui são controversas. Mais uma traição da memória...

Relacionados a isso ainda estão os dizeres da professora Ana Mae Barbosa, sobre uma educação democrática e intercultural, que lá em 1998 já apontava questões muito pertinente ao que discutiremos aqui:

30

Procurar igualdade sem considerar as diferenças é obter uma pasteurização homogeneizante. [...] Os códigos europeus e o código branco norte-americano são os únicos válidos. Instituições, historiadores da arte, curadores e artistas em geral não têm a preocupação com o pluralismo cultural, a multiculturalidade, o interculturalismo etc. Quando a têm, é em nome do folclore, e folclore já é uma designação colonialista. (BARBOSA, 1998, P. 80).

Ainda que algumas mudanças venham acontecendo desde a virada de século (a passos bem lentos, podemos dizer) por políticas públicas e alguns projetos institucionais que garantiram não só acesso aos bens culturais, mas também a participação na produção desses bens, seja como artistas, curadoras/es, acadêmicas/os, o MCSP ainda mantém muito forte um discurso colonizador, não acham?

- 15 O conceito de “educação libertadora” está relacionado a Paulo Freire (1987) que propõe um processo de ensino/aprendizagem que seja dialógico, em oposição à “educação bancária”. Já o conceito de “educação emancipadora” relaciona-se a Jacques Rancière (2011) que sugere o reconhecimento da emancipação do aprendente, sem que haja necessidade da ação explicadora. De certa forma, pode-se entender o diálogo como uma das estratégias fundamentais das duas propostas, daí sua relação com a mediação cultural, como será discutido no texto.

**DANIELA** Sim, as Casas do Museu da Cidade fazem parte do Patrimônio Material e Cultural da cidade de São Paulo. Cada um desses lugares tem suas especificidades, seja em sua história, seja relacionada a sua localização. Construídas com técnicas diferentes, são registros arquitetônicos vivos de vários momentos históricos, de uma São Paulo rural ou urbana. Uma cidade do século XVII, XVIII com suas paredes de barro e outra cidade em intenso crescimento pulsando com seu coração voraz pelos anos dos séculos XIX ou XX, em direção ao tão sonhado e desejado progresso que permeava e ainda permeia o imaginário da sociedade paulistana, representado pela locomotiva, pelos grãos de café que cercam o Monumento construído, em local tão simbólico, às margens plácidas do Ipiranga.

Essas casas, moradas, monumentos, foram frutos de diversas pesquisas desde que começaram a funcionar como parte do Museu da Cidade. Pesquisas em diversas áreas: arquitetura, arqueologia, história, arte e educação. Cada uma delas apontou caminhos a serem aproveitados no dia a dia das ações educativas desenvolvidas no Museu. Muitas dessas pesquisas acabaram por construir narrativas, discursos da história hegemônica, que apontam na direção do bandeirante herói desbravador (a maior parte do acervo imóvel são as chamadas casas bandeiristas, ainda que não tenham sido habitadas por nenhum bandeirante), de uma São Paulo da modernidade e de um passado aristocrático.

31

**ANDERSON** Nesse sentido, cabe bem pensar em potência e angústia, pois há uma história por trás da história oficial que vale ser lembrada e histórias e memórias que atravessam, contestam, problematizam, complexificam a narrativa hegemônica, isto é potência; e a angústia que é para nós educadores/as trabalhar com a força que possui esta narrativa já consolidada pode também ser potente. Entendem o que quero dizer?

**VALERIA** É dialético, e pensando nessa relação angustiante e potente de nosso trabalho como educadoras/es patrimoniais, convido Rodrigo Monteiro (educador e supervisor 2013 a 2015<sup>15</sup>) para uma reflexão conosco:

**RODRIGO MONTEIRO** Lembro-me que, em muitas das visitas para jovens na Casa do Tatuapé, uma questão que sempre trazia era: como podemos ter este lugar (a casa) como um referencial para podermos entender a mudança da paisagem da cidade, paisagem esta que não é apenas a mudança da curva

15 Rodrigo Monteiro assumiu novamente essa função em 2022.

do rio ou do tipo de material utilizado na construção, mas também aquela que envolve nosso próprio modo de olhar e estar nesta cidade?

Acredito que nas várias visitas realizadas, fossem elas para grupos escolares ou para visitantes que iam conhecer a casa em um final de semana, o ambiente próprio da casa se alterava, nem que fosse minimamente. Parafraseando Milton Santos, esse importante geógrafo brasileiro, a cada visita dada, aquele local era “lugarizado”. As paredes de taipa e de pau a pique, o sótão e o chão eram, de certa maneira, envoltos em camadas de significação que nos convidavam a ver aquilo que estava por detrás, mas sempre com a atualização feita por um olho que vive o agora e que se prepara para o futuro.

**VALERIA** É disto que se trata, esta é uma das potências deste trabalho: a “lugarização”, como diria Milton Santos, citado por Rodrigo, sobre o “cotidiano imediato, localmente vivido [...]cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (1997, p. 273). E, ainda, podemos pensar na relação do patrimônio cultural com a contemporaneidade, a interação com a vida real, como propõe o professor Imanol Aguirre, a partir de Clifford Geertz, e da ideia antropológica e dinâmica de cultura e produção cultural. Aguirre (2008) nos convida a refletir de forma dialética também acerca do patrimônio para “alcançar uma dimensão mais real da forma de que o patrimônio e a vida real interagem” (p. 94, tradução nossa).

Penso que muito dessa relação dialética, global/local, memória/atualidade, história/vida real, é proporcionada pelo trabalho de mediação cultural<sup>16</sup>. Assim, a conversa que gostaria de propor aqui atravessa os lugares da potência educativa do patrimônio, mesmo que, e até por isso, seja possível a sua problematização. E, quando penso na potência do trabalho educativo, penso nos processos de mediação cultural como proposta, uma mediação que não é apaziguadora e sim provocadora, uma mediação que considera os diferentes contextos do patrimônio cultural incluindo o contexto de recepção pelo público 100, 200 anos após a construção dessa casa histórica ou desse monumento. Praticamente, todo/a educador/a do MCSP tem uma história para contar sobre um/a visitante que nasceu, cresceu ou conheceu uma casa de taipa e cria uma identificação

<sup>16</sup> Cabe reforçar que no contrato de trabalho da equipe consta o título do cargo como “educador patrimonial”, título este que é também motivo de muitas de nossas angústias, porque problematizamos a ideia de educação e de patrimônio, o que potencializa ainda mais nossas concepções acerca da mediação cultural como proposta educativa, como será explicitado no decorrer do livro.

com a arquitetura do lugar não por contar uma história sobre um passado da cidade, mas por contar uma história sobre si, uma história que envolve afeto e memória, por exemplo, quando a Lilian Damasceno (educadora do Museu desde 2017) nos conta sobre uma visitante no Sítio da Ressaca:

**LILIAN DAMASCENO** Uma vez veio uma senhora, ela já tinha uns, sei lá, quase 70 anos e ela morava em Minas Gerais e estava vindo visitar a neta em São Paulo e foi lá no Jabaquara, e ali ela disse: “Nossa, essa casa lembra muito a casa da minha mãe”, e começou a contar como era a casa da mãe. E, na cozinha ela falou assim “ai, a cozinha eu não vou nem te explicar porque não tem como saber, era só olhando”. Então, eu falei: “pronto, a senhora acabou de explicar pra mim, de uma maneira simples de falar, o que é tombamento, o porquê de se tombar os espaços, a senhora está me dizendo agora “não adianta nem te explicar, você tinha que ver como era aquele lugar”. Gente, eu fiquei apaixonada...

**DANIELA** Uma experiência como essa, em que as memórias acionam os afetos, ou em que os afetos acionam as memórias – penso que este seja um caminho de mão dupla – é muito potente na discussão sobre patrimônio, porque a partir da nossa proposta educativa de mediação cultural, não como ponte simplesmente, entre o patrimônio e o público, e sim considerando todos os contextos envolvidos, como fala Rejane Coutinho (2007, p. 57): “quando falamos, nos referimos, quase sempre, exclusivamente ao contexto da obra, e nos esquecemos do contexto dos atores, mediadores, do público e da instituição, assim como museografia e da curadoria”. Isto está aí, na memória que levou, inclusive, à discussão do conceito de tombamento.

**ANDERSON** Esse caminho da mediação, da troca, é maravilhoso. Eu me lembro que quando eu fui contratado para trabalhar como educador patrimonial, algo que nunca havia passado pela minha cabeça, porque eu estava trabalhando com exposição de artes visuais, de repente, “pããa, educação patrimoni-a-a-a-l-l”, eu pensei: “Meu Deus, eu preciso decorar, 1834, 17 e tanto...” Decorei tudo, na ponta da língua. Então, quando chegou a primeira visitante, ela entrou, eu fui dar um bom dia e ela falou: “nossa, o cheiro dessa casa me lembra lá no período da minha infância em que eu morava em uma casa de taipa, lá no Pernambuco, sabe?”. Eu pensei: “é isso, pronto”. Vamos resgatar essa memória e vamos trabalhar a visita nisso, sabe? Assim eu fui criando vínculos com a questão patrimonial e com a questão histórica também; não dá para você fugir de dados

históricos, porque tem visitante que quer saber precisamente o ano que foi o primeiro restauro lá, e isso também faz parte da mediação. Esse foi o meu medo, esse primeiro contato, e quando você traz informações também, mas eu comecei a entender mais afetivamente mesmo essa relação com o patrimônio.

**DANIELA** Realmente, talvez a relação de afeto seja uma das principais potências quando trabalhamos o patrimônio cultural pelo viés da mediação cultural, do diálogo.

**VALERIA** Dentro ainda dessa conversa dos afetos eu queria trazer o exemplo do Nilton Moraes, o Fininho (educador do museu de 2011 a 2015), um exemplo que traz a mediação do patrimônio envolvendo muitas memórias e afetos, uma mediação entre a casa, as memórias do visitante, a pesquisa acadêmica do Nilton, suas experiências:

**NILTON MORAES** [...] no meu projeto de pesquisa da graduação em História, me debrucei sobre a história de Carlos Marighella. Então, na casa do Bandeirante eu conheci um visitante que era um grande amigo do Marighella, ele nasceu na Bahia e na visita que eu medie com ele, a gente falou da taipa de pilão e ele me contou muitas histórias, muitas memórias da Bahia, de casas, das casas em que ele viveu, não de taipa de pilão mas de pau a pique, falamos sobre a pobreza, sobre a miséria em que aquele povo vivia e ele falando como Carlos Marighella trouxe esperança pra ele e para as pessoas que estavam em volta... Pra mim foi muito emocionante, porque eu me debrucei em livros durante muito tempo e, de repente, eu vi uma pessoa que teve contato direto com Carlos Marighella, isso pra mim foi incrível. Eu acho que eu não teria essa oportunidade se eu estivesse em outro lugar.

Duas coisas me chamam a atenção nesta fala do Fininho: uma é quando ele diz: “na visita que eu medie *com* ele”. Vejam, não é *para* ele, mas *com* ele, isto para mim está no cerne de uma proposta dialógica de mediação cultural. Ainda que, como disse o And, muitas vezes o/a visitante peça para ouvir as informações, uma “mediação diretiva” como diria Bernard Darras (2009), já a conversa *com* traria mais esta proposta de uma mediação construtivista, em que surge a “construção de um ou vários processos interpretativos pelo ‘destinatário’ da mediação” (DARRAS, 2009, p. 38). A gente pode, inclusive, perceber isso também na fala do Rodrigo, da Lilian, inclusive no que você disse And.



**ANDERSON** Sim, o cheiro da casa... E, mesmo quando somos mais diretivos, isso requer escuta atenta, perceber o que o/a visitante quer ou está disposto/a à e, pode ainda, ser uma entrada para uma conversa *com*. Mas, você disse que “duas coisas te chamaram a atenção”, qual é a outra?

**VALERIA** Ah, quando ele se coloca como espectador das histórias do visitante. É mais que uma escuta atenta, é ser espectador, ouvir as memórias do outro que foram acionadas pelo lugar de memória, o Museu, mas que passam a ser a história principal. Isso é muito bonito no processo educativo, é potente. Ah, vocês sabiam que o Fininho foi meu aluno na faculdade de Licenciatura em História? Mas ele, uma vez, me contou que se lembrava de mim de antes da faculdade, de uma visita que ele fez a uma exposição no Museu da FAAP, eu era educadora na época, a exposição era “Os deuses gregos”. Ele me contou que entrou na exposição, era o único visitante esperando uma visita espontânea (é como a gente costuma chamar nas exposições o atendimento a grupos não agendados), eu era a educadora e a visita foi uma conversa mais do que qualquer outra coisa, e ele me disse que ficou surpreso, porque esperava uma visita guiada, daquelas bem tradicionais mesmo e foi bem diferente, tanto que ele não se esqueceu. Ouvindo-o falar desse caso, do visitante que conheceu o Marighela e da conversa entre eles, fiquei pensando que o Fininho também não será esquecido. Ok, fugi um pouco do assunto, mas foi um parêntese que eu não queria deixar passar.

35

**DANIELA** Não fugiu, não, eu penso que são nestas emoções e experiências a partir da equipe educativa com os estudos e pesquisas sobre o objeto patrimonial em si e sua mediação que acabam surgindo algumas angústias comentadas anteriormente, justamente pela potência desta relação. Por exemplo, quando se questiona por que este patrimônio e não outro, por que Casa do Bandeirante? E as memórias da cidade que foram apagadas? Afinal, a história que esse Museu pretende contar é de que parte da cidade? De quais pessoas da cidade?

**VALERIA** Retomo, então, o professor Imanol Aguirre (2008), quando propõe rever a ideia de patrimônio cultural, a partir da própria relação entre patrimônio e cultura, para tratar de questões relacionadas à difusão e acesso ao patrimônio; e, no que se refere ao patrimônio coletivo, por assim dizer, pensando na ideia do Museu da Cidade, podemos questionar a quem pertence a memória trazida à luz por esta instituição: o “pertencimento a um coletivo está por trás da consideração do *patrimônio regional, nacional ou universal*. Sem dúvida, conforme avançamos no nível de generalização, comprovamos que a produção de significados fica

exclusivamente nas mãos das instituições culturais”. (AGUIRRE, 2008, P. 101, GRIFOS DO AUTOR, TRADUÇÃO NOSSA). Isto tem muita relação com o surgimento dos museus no final do século XVIII e início do XIX, em especial, os museus nacionais, que preconizavam a conservação e divulgação de uma memória nacional, prevalecendo as escolhas de um determinado grupo social, uma elite financeira e intelectual que determinou que certas memórias eram passíveis de estar num museu (ALENCAR, 2015).

**LUCIARA RIBEIRO** [...] do que entendemos por patrimônio e quais patrimônios merecem ser preservados. Isso é algo que sempre atravessava as minhas visitas, pensando que é importante ter aquelas casas no Museu da Cidade, mas que casas são essas? São casas que realmente simbolizam o que são São Paulo e a sua história? É um debate necessário a ser feito dentro do Museu da Cidade.

[...]

Sempre quis procurar essa história que é posta pra baixo do tapete. Para mim foi essa relação construída com o patrimônio, ao mesmo tempo entendendo-o como uma narrativa construída dentro de um discurso eurocentrado, um discurso elitista, mas entender que essa história elitista da cidade não contava muito sobre mim, não dizia sobre mim nem sobre a maioria dos estudantes que iam ali, não falava muito sobre o resto da cidade. Então como transformar aquele espaço em um lugar que fizesse sentido para as pessoas? E, para mim? A gente teve um passado colonial, isso aqui são resquícios dessa colonialidade, e então a gente ir entendendo por que há espaços preservados do Museu da Cidade no centro ou nesses espaços mais nobres, e nas periferias não, a história da periferia não é parte, a periferia não é patrimônio, não memória... então vamos fazer, construir as nossas memórias, nesse contradiscurso narrativo assim.



## DES/DE/PÓS/ANTICOLONIAL...

Quando falamos em estudos decoloniais ou decolonialidade, partimos de propostas de descolonização dos saberes, de pensamentos pós-coloniais e de uma luta anticolonial, como diria a antropóloga Silvia Rivera Cusicanqui: “o decolonial é uma moda, o pós-colonial é um desejo e o anticolonial é uma luta.”

Trazemos a ideia de decolonialidade a partir dos estudos do grupo latino-americano: Modernidade/Colonialidade, mas temos ciência de que é uma discussão recente, carece de estudos, passível de críticas como as da Rivera Cusicanqui, por exemplo. O importante é termos em mente o processo provocador da mediação cultural que leva, inclusive, a rever estes conceitos na dinâmica desta escrita/conversa.

**VALERIA** Nesta fala da Luciara eu destaco, também, duas questões importantes que envolvem patrimônio e educação decolonial: o questionamento sobre um discurso eurocêntrico muito presente na História enquanto narrativa, seja escrita ou materializada nos objetos museais (móveis e imóveis), e uma ação colonizadora que se reverbera do centro da cidade em relação às periferias, o que Aníbal Quijano vai denominar “colonialidade do poder” ao dizer que o eurocentrismo não é um pensamento exclusivo dos europeus, mas também das pessoas que foram educadas sob a hegemonia do pensamento europeu naturalizado como a única possível (APUD OLIVEIRA; CANDAU, 2010). Quantas vezes não ouvimos dizer que o “pixo”, por exemplo, é vandalismo, sem se questionar ao que ele responde?

**ANDERSON** Penso que esta discussão, estas problematizações são possíveis por conta dos processos de formação contínua que envolviam pesquisas e estudos, trocas e reflexões sobre o trabalho, entendendo que numa ação mediadora as nossas histórias de vida, nossos interesses, desejos e expectativas estão presentes. Educação não é algo neutro, o Sidiney Peterson Lima (educador de 2011 a 2012 e 2015), falou sobre isso:

**SIDINEY PETERSON LIMA** [...] falar do passado, a partir do presente, mas entender o nosso lugar nesse presente, ou seja, a gente nunca faz uma visita que não esteja atravessada por nossa formação de vida, religiosa, cultural, artística,

histórica, e, portanto, não é uma visita que está de alguma forma isenta de nossas concepções sobre o passado.

**VALERIA** Pois não existe processo educativo neutro, e a consciência desses atravessamentos faz parte da mediação cultural. O Daniel Munduruku tem um livro que eu gosto muito, *Sobre piolhos e outros afagos*, em que ele traz a ideia de que “educadores são mediadores” e não donos do conhecimento, como seriam os professores, propondo uma reflexão sobre o ser educador/a, ele diz: “[...] educar exige que a pessoa saia um pouco de si e vá ao encontro do outro; um outro desconhecido; um outro anônimo; um outro que me questiona; um outro que me confronta com meus próprios fantasmas, meus próprios medos, minha própria insegurança” (2005, P. 13).

**ANDERSON** Até aqui estamos falando de identificação com o patrimônio pela memória, pelos afetos, mas e quando pensamos nas crianças? Está aí um “outro desconhecido”, fantasma de muitos/as educadores/as. Não que elas não tenham memória ou afetos, mas estas estão em outro lugar. Em geral, não é uma memória da cozinha da casa da mãe na casa de taipa lá de onde nasceu... E mais, as problematizações sobre um discurso colonial podem vir em provocações bem diferentes, como desinteresse na visita ou ainda em pensar no que aquele patrimônio tem a ver com ela.

**DANIELA** Verdade, o trabalho com as crianças, talvez percentualmente o maior público do Museu por conta das visitas escolares, caminha por outra abordagem. Mesmo assim, dentro da ideia de mediação cultural, devemos considerar também seus contextos. A necessidade de sair de si, como bem disse o Munduruku, é gritante, assim a ação educativa como potência libertadora e emancipadora também se faz presente. Como disse o André Greatti (educador do Museus de 2008 a 2011):

**ANDRÉ GREATTI** [...] esse lugar que eu trabalhei [Casa do Bandeirante] era completamente diferente do que eu vi na escola, eu pensava ‘nossa, por que a escola *não é assim*’? *A escola deveria ser esse ambiente do Museu, pelo menos desse, porque a visão que a gente tem do Museu quando vem da escola pública, é aquele ambiente fechado, aquela coisa velha, com coisa pra ler na parede.*

[...]

e eu achava que a parte mais legal do meu trabalho era desconstruir, era pegar toda aquela história que eles conheciam e falar sobre a história

da casa, que não era casa de bandeirante, a história do Museu, quando eles fizeram em 1954, que aí eles mudaram a história da casa... Dependia também da turma que ia. Mas era essa sensação mesmo: uma escola ao ar livre.

Também era meu primeiro contato com turmas de verdade, com crianças de quarta série; não me imaginava falando com crianças de quarta série. Eu ficava imaginando 'como é que eu vou falar com essa molecada?'

[...]

O Museu, para essas crianças é um evento, elas realmente estão suscetíveis a coisas e experiências novas, eu acho que a nossa obrigação como educadores nesses espaços é saber disso e proporcionar isso, não aquela coisa maçante de explicar 'isso, aquilo e aquilo ali', mas saber o que aquilo lá fala, todo aquele lugar, toda aquela situação, o que que aquilo tem a ver com a vida delas.

**VALERIA** Eu gosto muito desta fala do André, porque...

**ANDERSON E DANIELA** Porque tem duas coisas que te chamam a atenção! (*risos*)

**VALERIA** E não é que tem? Primeiro porque ele fala, no decorrer de nossa conversa, que foi descobrindo como ser educador, trabalhar com crianças – foi no processo, ele diz que nunca tinha trabalhado com crianças até então – e como foi descobrindo e aprendendo com a outra educadora da Casa do Bandeirante, a Fernanda Kelly Brito. E, isso me faz recordar o quanto aprendi com as/os colegas com quem trabalhei, tantas exposições, tantas instituições, e as trocas informais muitas vezes, como isto é formação contínua – mas a gente vai conversar sobre isso depois. O outro ponto que chamou minha atenção foi como ele passou a olhar e se relacionar com a história, a desconstrução da história, com as crianças, o parque, mediar tudo isso e fazer com que tenha significado para as crianças.



**FIGURA 4**  
Crianças com André Greatti  
na Casa do Bandeirante,  
2009. Foto: Camila Lia.

**DANIELA** Eu trabalhei bastante tempo com o André na Casa do Bandeirante, aprendi com ele muita coisa, e tínhamos uma ótima sintonia para realizar e pensar as visitas. Acho importante ver nesta sua fala o olhar do que foi a escola e da ideia de museu para ele até então, bem na direção do que o Daniel Munduruku (2005), como você mencionou, das diferenças entre ser professor e ser educador:

40

Professores são donos do conhecimento.

Educadores são mediadores

Professores são profissionais do ensino.

Educadores fazem do ensino um estímulo para seu crescimento pessoal.

Professores usam a palavra como instrumento.

Educadores usam o silêncio.

[...]

O educador tem os pés no chão, mas sua cabeça está sempre nas alturas porque acredita que quem está à sua frente não é um cliente esperando para ser atendido, mas uma pessoa aguardando orientações para seguir seus passos. (MUNDURUKU, P. 13-14).

**VALERIA** Bastante provocadora esta fala do Munduruku, pensando aqui na relação do próprio André com a escola e o museu, sobre seu desejo de uma escola e uma ação mais educadora e menos professoral, digamos assim. O Munduruku

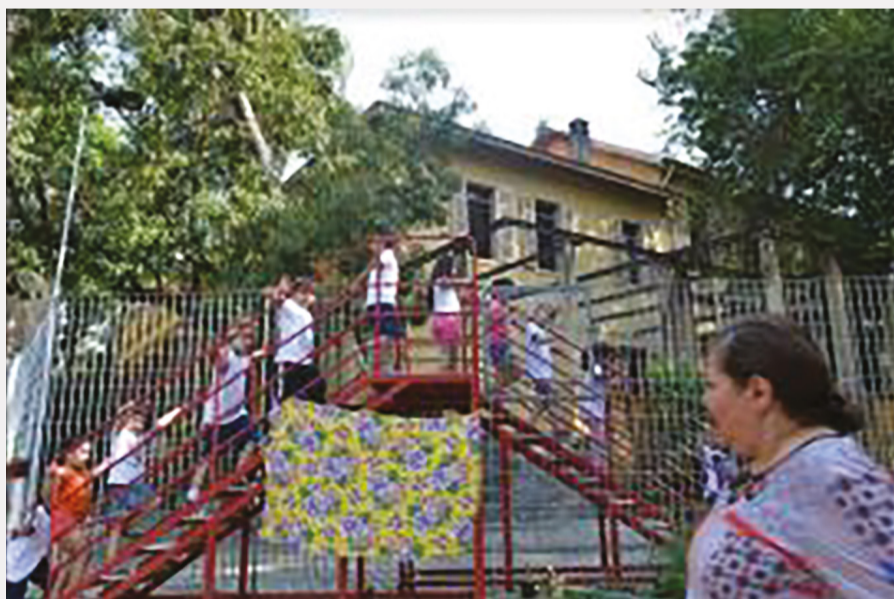
segue falando num ideal que rompa com o sistema educacional tradicional e que isso seja acessível a todos e todas.

E isso me leva a outra questão colocada sobre as angústias e potências do patrimônio em relação aos acessos: como se dá o acesso a casas históricas, por exemplo, que as pessoas não sabem que existe? Eu me lembro da Casa do Tatuapé, por exemplo: a primeira vez em que fui lá, fui perguntando nos comércios da vizinhança, pedindo informações de como chegar, e ninguém sabia do que eu falava. Muita gente pensa em museu como um espaço grande e não uma casa perdida no meio da vizinhança, inclusive as escolas, quando buscam lugares para levar as crianças em visitas, as ideias passam pelo Museu Paulista ou a Pinacoteca do Estado. Muitas vezes há o desconhecimento da existência do local em si ou o que seria aquele local. Vocês se lembram daquela escola que levou as crianças usando roupas de banho por baixo do uniforme porque pensaram que Sítio Morrinhos era um sítio ou uma chácara com piscina?

**DANIELA** Sim, e o que ajudava essa ideia de que ali fosse um lugar para relaxar é o próprio nome da casa – Sítio – e os muitos animais que viviam ali: tinha galo, galinha, bode, cabra, cachorros. Mas um museu deveria ser também um lugar para relaxar, e por que não ir ao museu para tomar sol?

41

**VALERIA** Por que não? Várias casas do MCSP estão em parques...



**FIGURA 5**

Crianças da EMEI Gabriel Prestes atravessando da escola para Chácara Lane (ao fundo) através da obra “Escada-escola” de Carmela Gross, 2017.

Foto: Anderson Costa.



Voltando à questão dos acessos: às vezes, nem precisa ser uma casa longe do centro da cidade ou desconhecida para provocar questionamentos sobre acesso e, vejam, nem falo sobre acessibilidade para pessoas com deficiência, aí o buraco é mais embaixo. Falo em acessar um patrimônio da cidade, porque muitas vezes a gente fica querendo desconstruir, descolonizar a memória da cidade e boa parte da população nem tem essa memória construída. Queria trazer a fala da Katia, novamente, sobre uma relação de acesso entre a Chácara Lane, onde fica o gabinete do desenho, e a Escola Municipal de Educação Infantil Gabriel Prestes, vizinha à chácara, uma relação potencializada pelo trabalho educativo com a obra Escada-escola (2016) da artista Carmela Gross<sup>17</sup>. Vale lembrar que ambos os espaços, Chácara Lane e EMEI, são municipais. Vamos ver o que disse a Kakau:

**KATIA (KAKAU)** Eu queria pontuar uma experiência, que eu acho que sintetiza um pouco das falas de todo mundo, um pouco das sensações de todo mundo e dessa relação entre angústia e potência. Como a última experiência que eu tive no Museu da Cidade foi na Chácara Lane, existia um sentimento de lar, e um sentimento de tomar aquele espaço, [...]. Ao mesmo tempo, havia a relação com aquela escola ali ao lado, a Gabriel Prestes. Então a gente fez um trabalho de aproximação com aquela escola de fato, de tomada daquele espaço para si.

[...] aos poucos eu entendi que a sua maneira, que aqueles professores olham para aquele espaço com uma memória de forma bastante particular, mas ao mesmo tempo eles entendem que podem também fazer parte de um patrimônio dentro da cidade, alguns professores ali entendem que eles são patrimônio dentro da cidade, e entendem também as pessoas como patrimônio. Aos poucos a gente foi estabelecendo esse sentimento em relação a Chácara Lane e aquela escola, que na verdade não deveria ter o muro.

**DANIELA** Acho muito especial esta fala da Kakau porque traz uma preocupação do educativo, presente desde que eu entrei no projeto, em 2009, em entender o entorno das casas, a vizinhança, trazer para dentro da casa as memórias que estão ao seu redor.

17 18 Para visualizar imagens da obra Escada-escola, acesse o site: <https://carmelagross.com/portfolio/escada-escola-2016/>



**VALERIA** Isso é tão importante, essa aproximação e apropriação da memória da cidade, seja para problematizar, seja para afetar ou ser afetado/a, e a arte pode ser um vetor dessa aproximação, como a Kakau segue falando:

**KATIA (KAKAU)** *É muito feliz aquele trabalho Carmela Gross ali, em que ela põe uma escada, que remete à ideia de ponte, e essa ponte, aliás, eu acho que foi muito bem utilizada pela escola, e ela é simbólica pra se entender essa questão do patrimônio, da angústia e da potência, creio eu.*

Então, como a gente faz um trabalho junto com aquela escola? Ao mesmo tempo em que tinha essa coisa da FDE, de vários grupos, agitação e tal, também tinha um silêncio muito grande, a casa muito vazia sem visitaçã, eu acho que esse silêncio é a falta de apropriação da cidade em relação a esses patrimônios e isto é angustiante, o que é muito dúbio porque, como que pode um patrimônio estabelecido, solidificado, que pertence à cidade ter tanto silêncio e vazio?

A partir do momento em que a gente convidou a escola para entrar naquela casa – e eu acho que essa é uma outra questão, como que dentro de um patrimônio solidificado como esse, você precisa do convite ainda? A escola ali do lado não tinha ainda se apropriado daquele espaço. Isso diz muito sobre o Poder Público que às vezes se orienta por uma outra relação com o patrimônio, com a sua história oficial apenas. Enfim, a gente fez esse convite, essa aproximação, e rolou muita coisa bacana, no final, depois do atendimento, depois de todas as questões que para nós educadores ali naquele momento eram importantes para a continuidade desse trabalho.

Ao final do ano as crianças fizeram uma coisa assim muito bacana e que para nós foi bem inesperada... eles fizeram uma exposição de arte. Era a finalização do ano, a escola tinha alguns trabalhos e parte desses trabalhos era colocar a mostra de experiências que eles tiveram, das casas, dos museus que eles visitaram durante o ano, então eles nos chamaram para participar de uma visita mediada por eles.

**ANDERSON** Que bom você trazer essa memória da Kakau falando da EMEI Gabriel Prestes, porque hoje os meninos fazem o trabalho de curadores mirins. Desses encontros que ela comenta se desenvolveram outras ações e, agora anualmente, eles selecionam um objeto de memória e os pais e responsáveis escrevem sobre a importância daquele objeto na vida da criança. Então eles fazem a exposição lá na Chácara Lane! Eles escolhem o lugar onde vai ficar exposto o objeto, legendas são feitas e fica lá exposto durante um mês. Tem uma abertura, todo

um evento, as crianças são as mediadoras da exposição, e isso partiu deles, da escola, essa vontade de usar a casa, sabe?



**FIGURA 6**

Exposição “Do coisário ao Relicário” realizada por curadores mirins (estudantes) da EMEI Gabriel Prestes na Chácara Lane, 2017.

Foto: Anderson Costa.

**VALERIA** Isso é muito potente! Não tenho como não me lembrar da Nina Simon (2010) descrevendo algumas ações colaborativas e de cocriação nas instituições museais. Em *The participatory museum*, ela fala do *Santa Cruz Museum of Art and History*, na Califórnia, que mantém um diálogo permanente com a comunidade de Santa Cruz, tanto no que se refere às propostas de atendimento a um público diverso, como na participação colaborativa e coletiva na criação de eventos e exposições. Podemos dizer que essa relação Chácara Lane/EMEI Gabriel Prestes vem sendo uma ação colaborativa efetivamente (FIGURA 6).

44

**VALERIA** Olhando essas imagens, vejo uma “partilha do sensível” (RANCIÈRE, 2009), quando as crianças tomam parte na decisão de quem toma parte, invocam suas memórias, suas famílias e evocam uma ação museológica para contar, partilhar suas memórias.

Ainda, pensando em museus participativos/colaborativos e em acessos, não quero deixar passar despercebido um trecho da fala da Kakau em que ela problematiza esse acesso. Repito aqui suas palavras: *como que dentro de um patrimônio solidificado como esse, você precisa do convite ainda? A escola ali do lado não tinha ainda se apropriado daquele espaço. Isso diz muito sobre o Poder Público que às vezes se orienta por uma outra relação com o patrimônio, com a sua história oficial apenas.* Isso tem muita relação com o que temos conversado sobre o desconhecimento e o desinteresse pelo patrimônio cultural, que pode ser pelo viés da construção de uma história/memória oficial que não representa muitas pessoas distantes desta narrativa, ou mesmo pelo poder público que

ainda reverbera ou potencializa uma história oficial, colonizadora, excludente e gera angústia em nós, como educadoras/es que buscamos incluir, descolonizar, resgatar outras histórias e memórias.

E vendo a apropriação do espaço Chácara Lane pelas crianças, isso amarra ou sugere um caminho que relacione nossos desejos como educadoras/es patrimoniais: construir saberes a partir da história da cidade, provocar questões a respeito de pertencimento a essa memória, seja por se sentir representado, seja para questionar o passado, seja por ocupar esses lugares de memória, como no exemplo citado da EMEI na Chácara Lane, “lugarizar”, como falou o Rodrigo citando Milton Santos, afetar e ser afetado, como trazem outras/os educadoras/es.

**ANDERSON** Esse processo, esse caminho é rico, gerador, criativo, um caminho potente.

**DANIELA** Um caminho... me fez pensar aqui: e se continuarmos por outro percurso? Porque frente a essa nossa conversa, sobre as angústias e potências do patrimônio, devemos olhar para os primórdios do MCSP e seus planos, se se efetivaram ou não, e de que forma. Como questionamos, resistimos, reproduzimos e/ou lutamos dentro dessa instituição como setor educativo? Como esse patrimônio reverbera em nós, em nossas vidas durante e após nossa passagem pelo Museu?



2

UMA CONSTRUÇÃO DE  
CAMINHOS, PERCURSOS  
E TRAJETÓRIAS

QUANDO SE PROPÕE UMA VIAGEM POR DENTRO DA CIDADE [...] PARA DISPOR-SE A RECONHECER OUTROS HORIZONTES E PERCEBER A PALPÁVEL EFETIVA EXISTÊNCIA DE REDES SOCIAIS, INICIATIVAS LOCALIZADAS, ARRANJOS COLETIVOS, SISTEMAS DE TROCAS, PROJETOS EM PARCERIAS, PONTOS DE ENCONTRO, FORMAS DE AUTOPROTEÇÃO, DE REPRESENTAÇÃO, DE ASSOCIAÇÃO- SEM OS QUAIS A VIDA SOCIAL, EM SUAS MÚLTIPLAS DIMENSÕES, JÁ ESTARIA IMPOSSIBILITADA, NO CENÁRIO DESSA MEGALÓPOLE.

**JOSÉ GUILHERME CANTOR MAGNANI**

**DANIELA** O Museu da Cidade de São Paulo tem início, na prática<sup>18</sup>, com a *Expedição São Paulo 450*<sup>19</sup>. Essa expedição ocorreu em 2004 e tinha como objetivo principal caminhar pela cidade de “norte a sul, de leste a oeste” (MAGNANI ET AL., 2004, P. 9) para se aproximar dos diversos contextos sociais, políticos e culturais presentes na cidade de São Paulo e entendê-los. Em relação ao Museu, seu papel era o de abrigar o resultado dessa expedição, da qual participaram diversos pesquisadores de diversas áreas de estudo, como Maria Cristina Oliveira Bruno, Maria Ignez Mantovani Franco, José Guilherme Cantor Magnani, entre tantos outros que geraram, nesse processo, fotografias, a coleta de relatos e objetos, além do resultado de pesquisas sobre a cidade. O espaço museal sonhado e planejado também seria um lugar onde “os habitantes de São

**18** Existem dois decretos para a criação do Museu da Cidade, um do ano de 1993 (Decreto n. 33.400/93), porém, somente após o decreto de 2004 (Decreto n. 44.470/2004) o Museu caminhou para a abertura e efetivação. O primeiro cria, porém não traz diretrizes e, na prática, tudo segue como antes, funcionando da mesma forma. O reconhecimento e efetivação se dão a partir do segundo decreto, e se inaugura com a expedição. (ARRUDA, 2014).

**19** A expedição é uma iniciativa que tem como inspiração uma outra expedição que ocorreu na cidade no ano de 1985, da qual participou o pesquisador Julio Abe. A expedição São Paulo 450 é fruto de uma parceria entre a Secretaria Municipal de Cultura e o Instituto Florestan Fernandes (MAGNANI et al., 2004)

*Paulo possam se enxergar e se perceber uns aos outros”* (MAGNANI ET AL., 2004, P. 9). Esse projeto colocava o Museu em um compromisso social, com expedições que aconteceriam pela cidade de tempos em tempos, coletando e recoletando materiais pelo caminho, escutando e reescrevendo histórias, servindo à sociedade como um observatório, olhando para suas transformações.

**VALERIA** Infelizmente não foi assim que aconteceu. Sendo um equipamento municipal, o MCSP tem seu funcionamento atrelado às gestões da prefeitura, de modo que projetos como esse, muitas vezes, são interrompidos, sucateados...

**ANDERSON** *“Na mesma praça, no mesmo banco, na mesma rua, no mesmo jardim...”* Foi bom a Dani ter trazido essa história da Expedição, que era a base estrutural para o Museu, e como diversos projetos interessantíssimos para o Museu, a gente acaba vendo morrer quando muda de gestão. Mas vejo no educativo, mesmo de forma intuitiva, um pouco desse olhar para a cidade, sabe?, dessa faísca lançada em 2004 relacionada a esse percurso percorrido pela expedição.

**DANIELA** Sim! Acredito muito no que Mário Chagas sempre coloca quando define o que é um Museu, um lugar de disputa (CHAGAS, 2015). Na apresentação do livro *“Há uma gota de sangue em cada museu”*, a antropóloga Regina Abreu faz o seguinte questionamento:

Como trabalhar com museus sem cair na armadilha celebrativa das instituições que reforçam o poder constituído, museus das elites a repetir as desgastadas cantilenas de uma história do Brasil sob a ótica dos governantes e dos mais bem aquinhoados economicamente?

(ABREU, 2015, P. 16).

E frente a esse questionamento, o poeta/museólogo nos traz um direcionamento e uma esperança:

[...] a memória (provocada ou espontânea) é construção e não está aprisionada nas coisas e sim situada na dimensão inter-relacional entre os seres, e entre os seres e as coisas, teremos, então, os elementos necessários para o entendimento de que a constituição dos museus celebrativos da memória do poder decorre da vontade política de indivíduos e grupos, e representa os interesses de determinados segmentos sociais.

(CHAGAS, 2015, P. 33).



Com essas duas colocações, podemos olhar para o MCSP e pensar que escolhas, que muitas vezes são externas, acabam mudando o rumo das coisas. De um lugar que seria ponto para discutir os problemas sociais da cidade, acabamos muitas vezes caindo no lugar da celebração, seja do bandeirante, seja da independência do Brasil, seja de uma parcela da elite paulista que, de uma forma ou de outra, é representada pelo acervo constituído pelas casas do Museu.

**VALERIA** Mas como o Chagas aponta, a memória não está somente nas coisas, mas também em nós, aí está o lugar para a transformação. Penso que o MCSP tem seu início com uma linda receita de como trabalhar sem cair na armadilha do museu celebrativo, e de como trabalhar com a memória de forma plural e diversa. Porém, como o And trouxe, com as mudanças de gestão do Museu e da prefeitura, os projetos, os planos, as ideias se perdem. Acredito que essa luta, a crítica e as reflexões em relação ao tipo de museu planejado e a potência de museu que temos com o MCSP ainda respiram nas ânsias do educativo e em alguns funcionários de alguns outros setores.

**DANIELA** Para seguir, vejo que precisamos pensar em duas palavras que são de extrema importância: percurso e território. A primeira palavra traz em si a ideia de trajeto, de espaço a ser percorrido. Tem como sinônimo caminho, rota, rumo, trajeto. Tem tudo a ver com os primórdios do MCSP. Trajeto, trajetória. Quando pensamos em percursos para ser um tema de conversa no grupo focal, automaticamente pensamos também nos trajetos e trajetórias percorridas por um educador ou educadora patrimonial, trajetos geográficos e afetivos. Trajetórias de vida. Que caminhos percorremos de nossas casas até as casas do Museu? Como percebemos a cidade nesse percurso? Como isso nos afeta e cria afetos? Construimos identidades com esses processos? A partir dessas perguntas disparadoras criaremos diálogos para nos aproximar de uma experiência cartográfica pelos territórios da cidade de São Paulo. Olhando para a cidade, caminhando por ela, notamos os territórios, que trataremos e definiremos mais a frente.

**VALERIA** Você acredita que seu percurso pessoal tem a ver com essa reflexão? Que palavra você escolheria para sintetizar essa sua experiência?

**DANIELA** Acredito que sim, Val, tudo está conectado. Meu percurso como educadora patrimonial é acompanhado por uma palavra que, para mim, tem um significado muito especial: caminhar. Caminhar aparece nas minhas ações

e lembranças como o próprio ato de ir ao trabalho desde que comecei a atuar como educadora no Museu da Cidade. Eu caminhava longos trajetos pela cidade para chegar nas casas em que atuava. Caminhava porque queria perceber o caminho, a cidade.

Caminho é processo. Somos seres em processo e em construção. Somado a essa ideia de processo acrescento o flandar, de Walter Benjamin<sup>20</sup>, termo/ideia/conceito que o filósofo utilizou em textos como *Paris, capital do século XIX* e *Passagens*. A ideia sobre o flandar pela cidade fez parte dessa minha experiência com a cidade. A primeira vez que escutei esse termo, flandar<sup>21</sup>, me encantei, pois requer perder-se voluntariamente em um espaço, em um lugar, e caminhar sem rumo, aberto e disposto a entender e perceber tudo o que o caminho pode nos oferecer. Sim, Benjamin utilizou esse recurso para compreender a modernidade e os processos do capitalismo com todas as mazelas que o acompanham. E quanta coisa aprendemos quando nos dispomos a realizar esse ato, não? Às vezes observamos situações, objetos, construções, pessoas, que no nosso trajeto rotineiro não estamos abertos a notar.



FIGURA 7

Educador Vinícius Nonato em visita com grupo no entorno do Solar da Marquesa, 2019. Foto: Anderson Costa.

**20** Estudei muito Walter Benjamin no início da graduação, em 1997, e essa ideia de flandar não me saía da cabeça, pois tinha acabado de mudar para São Paulo, vinda de uma cidade litorânea, onde a relação com o urbano era distinta e o tempo parecia correr em um ritmo diferente. Flandar foi para mim uma experiência que ajudou a me conectar e conhecer a cidade.

**21** Flandar significa andar ociosamente, sem rumo nem sentido certo; flanejar, flainar, perambular.

Ao nos deslocarmos pelas ruas e bairros da cidade de São Paulo vamos cada vez mais nos aproximando dela. A cada trajeto, para quem chegou de mudança na metrópole há pouco tempo, ou mesmo para quem sempre viveu na cidade, acaba se tornando um processo de aprendizagem em relação ao espaço. Construímos mapas mentais dos trajetos, para uma localização geográfica, mas também criamos mapas afetivos. Um grafite que nos toca, uma cena de crianças brincando em uma praça, uma loja que vende algo que queremos, um cheiro, um relacionamento. Tudo vai se somando, se consolidando e transformando nossa imagem da cidade. O Museu da Cidade nos traz isso e podemos ver esse deslocar presente na fala do André Greatti:

**ANDRÉ GREATTI** [...] a gente conhece um ponto “aqui” e outro ponto “lá”, e em algum momento você vai ver a ligação desses pontos. E você vai fechando esse mapa mental, é como se tivesse o mapa da cidade na minha cabeça onde as coisas estão todas espalhadas, e quando eu estava andando, eu sentia a cidade reduzir, sabe? “Ah essa rua liga com aquela e sai ali...”, muitos lugares a gente não alcançava com ônibus, nem com metrô, hoje em dia eu ando de moto pela cidade inteira, então eu sinto mesmo que a cidade deu uma reduzida, então eu tenho uma noção de espaço mesmo, que foi sendo construída aos poucos, conforme a gente vai conhecendo a cidade. E tem essa parte de conhecer o mapa histórico da cidade também, você conhece a história desse lugar, a história daquele, a história daquele outro, e aí você vai numa casa (do Museu) que fala a mesma coisa que falava na outra casa, então o pessoal comentava: “ah, aqui também acontecia isso”, ou “ah, então aquele personagem de lá, é daqui?”. Na Casa do Bandeirante, por exemplo, a gente falava do Afonso Sardinha, depois eu fui visitar o Pico do Jaraguá e lá tem a casa do Afonso Sardinha mesmo. [...] E tem o rio que liga esses lugares, então existe esse mapa geográfico aliado ao mapa histórico de todas as coisas que a gente vai vendo. E vai juntando com uma história da cidade, e a gente acaba se incluindo, como cidadão, como todas as pessoas que passam pelo Museu, a gente também as inclui na cidade. A gente acaba entendendo por que fulano é assim, por que ciclano é daquele jeito, por que naquele bairro funciona desse jeito, quais são as necessidades daquele pessoal que tá lá e por que eles são assim. *Então todas as coisas que eu estudei depois do Museu, eu sempre via como mais uma gota no meu copo de conhecimento da cidade. Comecei a ver muitos filmes dos anos 80, que tinham São Paulo, mostravam a época que São Paulo estava sendo construída, a linha vermelha do metrô estava sendo*

*construída no filme O homem que virou suco. Vocês já viram esse filme?  
Nossa, mano! Caramba, eu teria uma relação totalmente diferente com esse  
filme do que se eu não tivesse tido essa experiência no Museu, não é?*

**VALERIA** Interessante que podemos notar essa aprendizagem apontada pela Dani, que a própria cidade nos possibilita, mas também aparece um pouco das escolhas do MCSP para seguir o caminho do museu celebrativo<sup>22</sup>, quando nesse mapa mental construído por ele aparece a figura do bandeirante.

**DANIELA** E é normal, pois tanto o nome da casa como as exposições que ali eram montadas sempre remetiam ao bandeirante. Quando um visitante acessava aquele espaço, essa era a história que queria escutar, o nome da casa convida a isso. Uma ação importante que o MCSP vem realizando é a busca e tentativa de mudar o nome dessas casas que homenageiam<sup>23</sup> esse personagem. A Casa do Bandeirante mudará, se tudo der certo, para Casa do Butantã, e Casa do Sertanista para Casa do Caxingui.

**ANDERSON** Sim, a relação que estabelecemos com a cidade, com as pessoas nos transforma, nos faz refletir tanto em processos históricos, como também pessoas. A fala do André nos mostra também isso, como vamos conhecendo e entendendo a cidade na prática. Eu acho bem interessante trazer esse percurso relacionado com o caminhar ou transitar pela cidade, porque eu, que sou de Brumadinho (Minas Gerais), quando mudei pra São Paulo, morava em Embu, então foi uma coisa assim: trabalhar no Museu da Cidade foi, pra mim, conhecer a cidade que eu escolhi viver. Lembro que quando era educador folguista, a Val me escalou para trabalhar no Monumento... e na casa da minha tia tinha computador, mas não tinha impressora – era caro ainda ter impressora – e eu desenhei o mapa – não tinha celular com GPS –, então eu desenhei onde eu tinha

<sup>22</sup> Chamamos a atenção aqui para uma característica não só do MCSP, mas dos museus de História em geral, surgidos na França a partir do final do século XVIII e difundidos no Ocidente, de uma “memorização intencional”, como diz Ana Claudia Fonseca Brefe, celebrando um passado em que os “valores históricos e comemorativos se confundiam com intenções históricas e patrióticas” (ALENCAR, 2015, p. 31). <sup>23</sup> Chamamos a atenção aqui para uma característica não só do MCSP, mas dos museus de História em geral, surgidos na França a partir do final do século XVIII e difundidos no Ocidente, de uma “memorização intencional”, como diz Ana Claudia Fonseca Brefe, celebrando um passado em que os “valores históricos e comemorativos se confundiam com intenções históricas e patrióticas” (ALENCAR, 2015, p. 31).

<sup>23</sup> Acredito que aqui, é importante trazer o que significa para parte da população paulistana, composta por guaranis, o que significa homenagear os bandeirantes, que foram seus algozes históricos, que escravizaram e massacraram a população indígena desde a invasão europeia.

que descer, fiz um desenho superfofo, e quando eu saí do metrô Alto do Ipiranga, que eu cheguei na Avenida Nazaré, no Google Maps dizia que no meio da avenida tinha um rio! Só que quando eu cheguei lá, esse rio não existia, e eu fiquei desesperado, eu fiquei perguntando para as pessoas “não pode ser a Avenida Nazaré porque aqui fala que tem um rio” e me falaram que tinha um rio canalizado e que eu comecei a pensar/ver a cidade metrópole algo do tipo: “Mano, tem um rio canalizado, como assim?!”

**VALERIA** Muito interessante essa conversa, pois além dos percursos que traçamos das nossas vidas na cidade, temos também o próprio percurso e processo da cidade em transformação. Acredito que para todas e todos nós, seja trabalhando no educativo ou visitando o Museu da Cidade, existe uma experiência em relação ao percurso que nos aproxima e nos traz um vislumbre de entendimento em relação a cidade, mas nos coloca também o entendimento de nós mesmos habitando e circulando esse espaço.

**DANIELA** Acredito que de fato é muito marcante essa experiência para nós, que trabalhamos neste Museu. São muitas camadas!

53

**ANDERSON** Também é possível deparar com contextos e situações tão diferentes entre cada unidade do Museu, que parece uma viagem dentro da mesma cidade, por diversos tempos e regiões. A cada local que passamos, muitas vezes, entendemos a ligação tão potente entre o espaço que estamos trabalhando, ou seja, a casa que é acervo do Museu, com o bairro, a história de vida das pessoas que habitam o entorno ou que já habitaram em tempos passados.

**VALERIA** Vou trazer aqui uma fala da Tatiana Yukie (educadora no Museu entre 2008 e 2010). Acredito que possamos notar em sua fala exatamente isso, o deslocar pela cidade durante o processo de formação para começar a trabalhar no MCSP, e as sensações geradas:

**TATIANA YUKIE** Eu me lembro do trajeto que eu fazia da minha casa até o chegar num lugar a que eu nunca tinha ido, e uma das primeiras casas, a primeira casa se eu não me engano foi a Casa do Bandeirante, que pra mim era do outro lado do mundo, eu moro na Zona Leste e para ir até a Zona... é Oeste né? Então foi pensando nesse percurso, nesse caminho, de como chegar até lá, o que a gente ia encontrar, a gente sabia que eram casas históricas, [...]. E, o contato que a gente fez, eu conheci vários educadores



nesse momento, a gente criou uma relação tão forte e tão grande que virou uma grande família. Então era sempre um grande prazer quando a gente tinha que fazer essas trocas de casas que não era tão constante naquele momento, mas sempre quando eu podia ir lá para a Capela do Morumbi, que eu acho incrível e é a casa que eu mais gosto, apesar de ser a mais difícil de chegar. (Até hoje se falar para eu ir para lá não sei ir, eu vou ter que redescobrir). Mas era esse caminho, esse percurso que a gente fazia, em que cada pessoa vinha de um lugar tão distante e tão diverso e a gente combinava “ah vamos no metrô, se encontrar”, e aí já começou esse contato a ter esse caminho esse encontro de pessoas vindo de lugares tão distantes, tão diferentes e se encontrando no mesmo lugar. [...] essa foi a minha primeira experiência como Educadora. Então, eu tinha experiência com a arte, por visitar muitos espaços expositivos, nunca havia visitado uma casa histórica, tanto que o Monumento eu fui conhecer só quando eu trabalhei lá.

E, falando um pouquinho do Monumento, eu lembro do caminho. Eu ficava no Monumento e tinha os educadores da Casa do Grito, eu me lembro do caminho que a gente fazia para levar os visitantes até lá, e era muito divertido, porque quando era aquele dia de sol e calor e aquele asfalto pegava fogo, era muito penoso de atravessar aquele caminho, mas, ao mesmo tempo, quando a gente chegava na Casa do Grito era um clima totalmente diferente do que a gente estava acostumado lá na Capela Imperial, então a gente sentia as árvores, sentia o frescor... e esse contato dessa criança tocando na parede [referindo-se a figura 3] era exatamente essa sensação, do geladinho, do gostoso, do conforto da Casa do Grito, que ela nos proporcionava... Sempre quando a gente queria um respiro a gente ia pra lá, porque, ao contrário, o Monumento parecia muito sufocante, era aquela coisa: superconcreto, pesada, e além de ser um mausoléu que carrega toda uma história, a Casa do Grito carrega outras histórias, então acho que era um respiro.

54

**DANIELA** Pela fala da Tatiana, podemos notar alguns pontos importantes. A sensação de deslocar pela cidade e a aproximação com os colegas de trabalho, pois estavam todos vivenciando essa mesma experiência em relação ao Museu e a São Paulo. O transitar entre uma zona à outra da cidade e o deslocar no tempo... visitando uma “casa histórica”. Isso gera uma série de transformações em nosso modo e forma de olhar a história e os territórios. Também podemos ver nesta fala o percurso pensado durante a visita, pensando no visitante. E as sensações e o peso que cada casa carrega com sua história.



**ANDERSON** Esses territórios que vão sendo percebidos na cidade, como a Dani colocou, também pode ser vistos na fala da Lilian:

**LILIAN** [...] falando de percurso, de cidade, eu lembrei como foi ir pra Capela do Morumbi, e o choque de ver casas gigantes e ruas vazias e sem espaço para que as pessoas andassem nas ruas, eu não via muita mobilidade para o pedestre. Foi um choque ficar olhando isso e foi nesse dia que eu pensei assim: “nossa, se a periferia não madrugar a cidade não acontece”, porque quem estava ali eram mulheres de uniforme branco, com cachorro, não conseguindo andar direito, mas tendo que passear com cachorro, e eu fiquei muito tempo olhando aquilo, eu perdi o ponto de descer do ônibus, eu tinha ido para lá, eu morava em São Matheus, então também foi superdemorado chegar lá. E ver a cidade mudar, a cidade vai mudando muito, muito... a gente precisa descobrir a cidade nos livros pra poder criar repertório e discutir com o visitante, mas essa experiência de sentir a cidade também eu pude estando trabalhando no Museu, e ir sentindo essa, eu falo muito de energia, ir sentindo a diferença de energia em cada espaço. Existe todo um histórico social por trás da observação desses percursos, que eu estou sintetizando como energia.

55

**DANIELA** Nessa fala da Lilian podemos perceber que, para além de observar e sentir o caminho, ela traz de forma muito importante a questão social. Pessoas que precisam madrugar para fazer com que parte da vida da cidade aconteça. São babás, empregadas/os domésticas/os, porteiros/as, faxineiros/as entre tantas/os outras/os profissionais que se deslocam das periferias para trabalhar em bairros de classe média e alta.

**VALERIA** Pois é, a Capela do Morumbi, a casa favorita da Tati Yukie, e do MCSP (eu sempre senti isso) é um local difícil, longe, eu sempre precisava ver um mapa ou olhar o site da SPTrans para ver que ônibus me levava até lá, nunca acertava o ponto de ônibus para descer e, chegando lá, dependendo da condição de mobilidade do/da visitante, o local segue inacessível<sup>24</sup>. Os problemas de acesso podem ser ainda mais profundos do que discutimos anteriormente e a mobilidade pela cidade é parte dos percursos. Mas, voltando, gosto de ler essa percepção da Lilian de como a paisagem da cidade vai mudando e é interessante como ela

**24** O acesso à Capela do Morumbi só é possível após subir uma íngreme escadaria, tornando-se inacessível para pessoas com deficiência motora.

ainda precisa de distanciamento, talvez, para dar sentido ao que ela sintetiza como “energia”. Essa fala dela é impregnada de reflexões sobre o processo de ser educadora mediadora que transita pelos espaços e tempos da cidade.

**DANIELA** Outro ponto importante notado por ela é em relação a estrutura da cidade, sem acesso fácil e sem a devida mobilidade. Essa nossa segunda palavra de importância para este texto, território, cabe aqui tanto para pensar a cidade como o Museu. Em sua concepção, o MCSP se coloca como um museu de território, além de ser um museu de cidade<sup>25</sup>. Para a pesquisadora Raquel Rolnik:

Entrar em São Paulo é estar permanentemente exposto a sua imagem contraditória de grandeza, opulência e miséria, de carroças e carros blindados, de mansão e buraco, de shopping center e barraca de camelô, de food truck e ambulante. Cidade fragmentada, que aparenta não ser fruto da ordem, mas, sim filha do caos, da competição mais selvagem e desgovernada de projetos individuais de ascensão ou sobrevivência, do sonho de gerações sucessivas de migrantes e imigrantes que vieram em busca das oportunidades distantes e da potência da grande cidade.

(ROLNIK, 2017, P. 13).

56

Para Milton Santos (1997), o território se constrói a partir da fragmentação do espaço geográfico e de interesses de grupos que os habitam. Isso podemos observar no trecho acima, e também podemos pensar que o território, assim como o museu, é um lugar de disputas. Os educadores percebem isso no deslocamento entre uma casa e outra, em relação às sensações geradas, como pontuou o Vinicius Nonato, educador do Museu desde 2018:

**VINICIUS NONATO** [...] você atravessa uma ponte e você está em outro lugar, na música dos Racionais MC's<sup>26</sup>, quando o Mano Brown fala “o mundo é diferente da ponte pra cá” e é isso mesmo. Eu morei muito tempo na Lapa, e eu sou de São Matheus, voltei para São Matheus nesse momento e, antes

**25** Ulpiano Bezerra de Meneses (1984/1985) define Museu de Cidade como um espaço que não irá mistificar o passado da cidade e nem diluir suas contradições sociais em suas discussões. No artigo O museu na cidade x a cidade no museu: para uma abordagem histórica dos museus de cidade, o historiador debate como seria pensar e trabalhar os objetos, acervos e debates a serem realizados nesses espaços e como problematizar ali a cidade.

**26** Refere-se à música “Da ponte pra cá”, do grupo Racionais MC's, composta por Mano Brown e gravada em 2002 no álbum: Nada como um dia após o outro.

da pandemia eu estava indo para duas casas, o Solar da Marquesa, no centro, e o Sítio Morrinhos, e o quanto era só atravessar a ponte ali da Lapa para zona norte, eu via a total diferença, não só na paisagem, mas também no ritmo das pessoas, chegava ali na Braz Leme e ia para o Morrinhos e pensava “nossa, que diferença do Solar, aqui parece que eu estou num sítio de fato, eu estou distante de tudo”, como isso me fazia pensar nas relações de trabalho também, eu estou no campo, aqui no meio da cidade, onde, eu estou perdido no meio de um monte de casa gigantes. Enquanto que, quando eu vou para o Solar eu vejo aquele centro e um monte de pessoas ali de São Matheus e de vários outros bairros mais distantes para acessar o centro da cidade. Enfim, duas casas diferentes, não muito distantes do ponto de onde eu estava (acho que é quase a mesma distância da Lapa para a zona norte passando pela ponte, quanto da Lapa para o Centro) e como mudava totalmente a experiência de trabalho, de rotina, e também do espaço geográfico e da relação das pessoas. Chegava no Sítio Morrinhos não tinha ninguém, ficava o dia inteiro lá e não passava ninguém na rua mesmo, não passava. Eu só me lembro de sexta-feira que passava um senhor que vendia queijos, ele passava lá pra saber se eu queria comprar. Isso me faz pensar nessas relações do nordestino em São Paulo, também tinha que vir de outro bairro pra acessar esse lugar que é onde o Sítio Morrinhos está localizado, e como isso mudava a experiência no meu dia, apesar de ser a mesma distância, eu demorava o mesmo tempo pra chegar nos dois lugares e mudava totalmente a dinâmica assim e enfim.

57

**ANDERSON** O Vinicius traz bem essa mudança de paisagem entre lugares relativamente próximos e, também, nas entrelinhas temos a questão social, os acessos que a periferia tem em relação à cidade que se forma e ocupa a cidade entre rios. A imagem de Vinicius entre casarões, o diálogo com o interior imaginado e o centro da cidade, o sonho do migrante, que aparece na citação anterior da Rolnik, materializado pelo moço vendendo queijo. Os deslocamentos por áreas ocupadas com grupos que se opõem economicamente e que dependem um do outro, criando relações de exploração e de luta por dignidade.

**DANIELA** Acredito que a intenção do Museu, em seu escopo de efetivação, tinha esse olhar para a sociedade, e isso foi se perdendo com as gestões, como vocês mencionaram anteriormente. Mas acredito que intuitivamente fazemos isso no educativo, olhando para a cidade, não de forma metodológica e organizada, mas a partir de nossas vivências e nossas preocupações.

**VALERIA** Quando chegamos para trabalhar com educação patrimonial, trazemos conosco uma bagagem de experiências de vida. Possivelmente as educadoras e educadores olham para a cidade, percebem as situações desses territórios ao se deslocarem entre as casas do Museu, pelo próprio interesse e pelas reflexões que já trazem na vida, pelos caminhos do mundo, como diria Paulo Freire (1987, p. 68): “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

**ANDERSON** Isso me traz algumas questões, como: qual é nosso percurso até aqui e como ele nos ajuda a entender e perceber a vida na cidade e as questões relacionadas ao território? Nosso Percurso diz respeito só ao que vivemos, ou ao que veio antes? Tem relação com nossa ancestralidade? Seguimos transformando o que sobreviveu até chegar aos nossos dias?

**VALERIA** Nos faz pensar até na relação desses lugares e a relação deles com os visitantes e a forma como a equipe irá desenrolar a conversa durante a mediação, tanto sobre o que seriam pontos importantes para a educadora ou o educador apresentar, como escutar o que é importante para o visitante dizer. Essas perguntas me fizeram pensar em como as pessoas participantes desse grupo focal trataram de emaranhar os percursos, seja para falar de seus percursos formativos, percursos pela cidade e percursos na mediação, com essas ideias de ancestralidades, transformações e sobrevivências, por exemplo, quando o Vinícius fala sobre “pensar no percurso como construção” ao comentar a construção de um percurso de visita com visitantes no Solar da Marquesa:

**VINICIUS NONATO** [...] Eram senhores do Nordeste, de vários lugares do Brasil, e estavam em São Paulo e, muitos deles, construíram casas de taipa no Nordeste. Assim, foi essa a troca: como é construir uma casa de taipa. E, durante a visita, eu pedi para que eles conduzissem a visita ao invés de eu ficar falando, de como é construir essa casa. E, depois, no piso superior, tinha uma exposição lá no Solar, que tinha um moedor de mandioca e coisas que tinham a ver com o contexto de vida deles.

**DANIELA** Durante a conversa no grupo focal, o Thiago pontuou também algo nesse sentido, sobre o que vê de importante nesse acervo e o que acredita ser importante pontuar durante a conversa com as/os visitantes. Ele traz como exemplo sua passagem pela Oca e suas reflexões:

**THIAGO** Eu costumava provocar: “quem é a pessoa mais importante na construção da OCA?” Principalmente quando vinham as escolas particulares, porque muitas vezes eles vêm cheios de conteúdo na ponta da língua: “arquitetura modernista, quem foi Oscar Niemeyer...” E eu perguntava: “Será que foi ele que fez? Quem é que fez então?” Aí a gente falava dos trabalhadores, de quem carregou lata, concreto... Então, tinha um momento de a gente ampliar essas experiências.

Acho que uma coisa legal, uma coisa que mudou minha relação com o patrimônio foi essa experiência na AEP, minha relação com o patrimônio foi se transformando à medida que eu ia entendendo... porque você não é o visitante, você está dentro e vai entendendo como é que funciona a política da cidade, como tem várias questões que impedem o trabalho de poder alcançar um salto muito mais significativo. [...] Vê a relação da AEP com a própria estrutura da prefeitura, do entendimento do que é esse Museu da Cidade. E eu acho que a AEP tem um papel fundamental de fazer de fato a cidade acessar, tanto o público espontâneo, quanto da FDE, por exemplo.

**ANDERSON** Ainda em relação às nossas vivências e ao que trazemos na bagagem, é muito interessante ver a ludicidade ao trabalhar com o grupo, a partir de uma expertise e um repertório relacionado às artes trazida pelas/os educadoras e educadores durante as conversas no grupo focal. São formas de acessar o passado, de problematizar e questionar as histórias trazidas pelas casas do Museu de forma poética:

**TATIANA YUKIE** Eu só queria pontuar uma coisa também, eu aprendi muito trabalhando no educativo do Museu com as oficinas, a gente se tornou muito criativo. Eu não sou muito da atuação, mas eu atuei, eu só não toquei nenhum instrumento porque eu não sei, mas a gente fez, [...] a gente fez uma oficina de caminhantes [Oficina “Pode entrar”, Figura 8], lá na casa do Grito. A gente confeccionou roupas, os meninos tocavam instrumentos, e a gente fez uma encenação da moradora na Casa do Grito, e eles eram os caminhantes, então eles faziam o percurso com os visitantes no trajeto. Essa foi a minha fase final de fechamento no educativo, então, só pra trazer esse relato das oficinas, foi bem marcante, bem bonito, e foram amigos que ficaram assim pra sempre.





**FIGURA 8**

“Pode entrar” na Casa do Grito, 2010.

Foto: Camila Lia.

**VALERIA** Da mesma forma que trazemos para a vida após sairmos do Museu as reflexões e experiências que construímos ao passar por lá. Para isso podemos ver a relação que o Nilton cria, com a cidade, com o Museu e com sua história e sua vida:

60

**NILTON** Esses encontros de patrimônio que vivenciei, de que participei, que motivei, que propus no Museu da Cidade me trouxeram à luz uma série de questões relacionadas à minha família. Eu nasci no bairro de Perus, eu acho que muitos de vocês conhecem, é uma região que tem uma potencialidade incrível, não só histórica, mas também nos dias de hoje e ao longo do período que estivemos no Museu da Cidade de São Paulo.

Eu tinha um certo conflito com o meu pai e, de repente, a gente reatou o diálogo e voltamos a ter uma boa relação quando ele me falou que trabalhou na fábrica de cimento de Perus. Pra quem não conhece, a fábrica de cimento de Perus, desde os anos 1940/50 produziu cimento que proporcionou a urbanização da cidade, na construção de Brasília foi cimento de Perus, e esse é o processo. Lá também, nos anos 1960/70, aconteceu a maior greve da história do Brasil, alguns historiadores falam que foi o maior movimento grevista da história do mundo, do movimento operário... e foi em Perus, o bairro que eu nasci e o bairro que meu pai trabalhou, olha que incrível. Nos dias de hoje, as estruturas da fábrica de cimento estão de pé, claro que com uma série de problemas, mas não houve ao longo dos anos um trabalho do Poder Público no sentido de



preservar aquele espaço e preservar a memória daqueles trabalhadores. Então eu me peguei num dilema ali, trabalhando na Casa do Bandeirante, um lugar que buscou nos anos 1950 preservar a memória de figuras que escravizavam, que matavam, que estupravam... Eu trabalhava em um Museu que tinha esse histórico. E, de repente, um patrimônio fenomenal do bairro em que nasci, do local em que meu pai trabalhou, não se tinha cuidado algum, na verdade estava abandonado, estava sendo até utilizado a pouco tempo atrás como jogo de paintball, o pessoal colocava aquelas vestimentas e ai jogar paintball, destruindo um pouco que restou daquele espaço. Então, naquele momento, 2011-2012, eu me envolvi com grupos de artistas, com coletivos, casa de hip hop, a gente se organizou no sentido de fazer com que aquele patrimônio passasse a ser valorizado pelo poder público e que ali fosse construído algo significativo para a população de Perus e que trouxesse, então, à luz essa memória, a memória dos queixadas<sup>27</sup>, a memória desses trabalhadores que organizaram e lutaram contra o patrão que era extremamente opressor, luta esta que levou ao fim da fábrica.

E a história desses trabalhadores? Se não fossem esses movimentos, esses coletivos de estudantes, de artistas, de familiares e mesmo esses grevistas – muitos estão vivos, inclusive –, olha que patrimônio fenomenal que nós temos, então o Poder Público durante muitos e muitos anos colocou de lado e priorizou esse patrimônio, essa memória da história oficial enquanto a gente nas periferias, nesses prédios históricos, com uma rica história dos operários, dos trabalhadores de São Paulo, essas histórias simplesmente colocadas em segundo plano... Me fez pensar também que, em se tratando de patrimônio, não se deve levar apenas em consideração aquilo que o Poder Público coloca como memória como passível de se contar aos outros, passível de se “preservar”, não é?

Eu acho que a classe trabalhadora tem que se organizar, os estudantes trabalhadores, a comunidade de uma forma geral tem que se organizar e valorizar aquilo que é seu, valorizar a sua história e possibilitar que as novas gerações tenham acesso a esse saber. É isso que a gente tem feito lá em Perus nesses últimos anos, trazer à luz a memória desses

27 Queixadas é como foram denominados os mais de 3 mil funcionários por ocasião da greve mencionada por Nilton na Fábrica de Cimento Portland Perus. Para saber mais sobre este movimento de valorização do patrimônio ao qual Nilton se refere, consulte: <https://www.brasildefato.com.br/2018/02/28/moradores-de-perus-lutam-para-preservar-a-historia-dos-queixadas> e/ou <https://mural.blogfolha.uol.com>.

trabalhadores para que as novas gerações tenham acesso e também possam se inspirar na luta desses operários né.

**DANIELA** Acredito que essa fala do Nilton sintetiza muito do nosso percurso como educadoras e educadores patrimoniais. Temos que trabalhar e lidar com memórias e bens que nós, como sociedade ou indivíduos, muitas vezes não escolhemos, patrimônios que deparamos pelo caminho, que não podemos tocar, que não nos trazem significados, que não nos dão esperanças de transformação, que muitas vezes pouco dizem para e sobre nossa vida. Muitas vezes, seguimos nesses patrimônios “oficiais”, realizando nosso trabalho, “educando” a sociedade a olhar e reconhecer algo que está longe também de sua vida, que não reflete o modo como viveram, nem suas heranças. Já um patrimônio desses, como a fábrica de Perus, é a própria história de vida dos moradores daquela região e da cidade de São Paulo. O educar para o patrimônio pode também alcançar esse bem, quando estamos nessas casas que reproduzem uma história relacionada à colonização de mentes e corpos e questionamos até mesmo a sua existência, o seu tombamento e sua preservação e olhamos para o que não foi tombado, não foi escolhido e nem preservado. São processos de silenciamentos e de opressão, com que deparamos ao caminhar pela cidade e ao nos relacionarmos com ela. São territórios em disputa, lutas pelo poder. O que é, afinal, ser educadora ou educador patrimonial? Voltamos para as angústias do patrimônio...

62

**ANDERSON** São muitas questões que precisamos pensar: nosso trabalho, o quanto somos afetados e afetamos com ele, o quanto transformamos e somos transformados por ele...

**DANIELA** Outra referência que me veio à cabeça foi em relação ao trabalho de Francis Alÿs (1959) artista belga de 62 anos de idade que se desloca pelo mundo realizando suas obras provocativas e reflexivas. Durante sua passagem por Havana, concebeu a obra *zapatos magnéticos* (1994), são sapatos em que instalou ímãs e saiu para caminhar por toda a cidade (Figura 9). Buscava com isso entender o que seus pés atraíam pelo caminho, ou com o que depararia a partir de seus passos. Essas duas situações contam muito sobre percursos.

**VALERIA** De fato, posso dizer que foram os ímãs nos meus sapatos que captaram (e ainda captam) muito da minha bagagem, estofo das minhas pesquisas e trabalho, e meu percurso no Museu da Cidade foi significativo não só pelo trabalho em si, mas pelo fato de percorrer a cidade, descobrir os

entornos dos equipamentos, que caminho, que transporte, que situações iriam ser magnetizadas...

**ANDERSON** Além de olharmos e nos entendermos nesse processo, escolhendo caminhos e entendendo esse percurso. O que nos fica depois de uma caminhada?



**FIGURA 9**  
Frame de vídeo de Francis Alÿs Zapatos magnéticos, 1994. Foto: website do artista:  
<http://francisalys.com/zapatos-magneticos/>



3

**EXPERIÊNCIAS DE  
FORMAÇÃO: A MEDIAÇÃO  
COMO PROPOSTA  
NARRATIVA**

NÃO HÁ ENSINO SEM PESQUISA E PESQUISA SEM ENSINO. ESSES QUE-FAZERES SE ENCONTRAM UM NO CORPO DO OUTRO. ENQUANTO ENSINO CONTINUO BUSCANDO, REPROCURANDO. ENSINO PORQUE BUSCO, PORQUE INDAGUEI, PORQUE INDAGO E ME INDAGO. PESQUISE PARA CONSTATAR, CONSTATANDO, INTERVENHO, INTERVINDO EDUCO E ME EDUCO.

**PAULO FREIRE**

**VALERIA** Acessei a obra do Francis Alÿs (Figura 9) no website, pensando em tudo que conversamos até agora e retomando a pergunta do And, “o que fica depois de uma caminhada?”. Uma questão vem permeando nosso diálogo de forma latente: o que é ser educador/a patrimonial? Nós temos discutido sobre educação como mediação, sobre as relações de poder e disputa que envolvem a patrimonialização e musealização da memória e, cada vez mais, acredito que essas problematizações acontecem por conta da nossa formação continuada no trabalho. Elas envolvem nossa ideia de educação e patrimônio que vai se transformando no percurso formativo, mencionado por muitas e muitos educadoras/es.

**DANIELA** E seja essa formação inicial, isto é, quando começamos o trabalho e estudamos sobre o conteúdo do Museu e das exposições, sobre estratégias de mediação, ou seja ela uma formação contínua formalizada em reuniões de estudo, visitas a outros museus e espaços culturais e participação em eventos externos. Há também a troca de experiências entre a equipe, conversas informais que, atualmente, têm sido muito prejudicadas pelo fato de apenas ter um/a educador/a em cada casa do Museu por conta de cortes no orçamento da prefeitura, o que precarizou muito o trabalho. Tudo isso é formação, pesquisa e educação, de forma dialética, como preconiza Freire (1997) citado na epígrafe

deste capítulo. E ainda, linkando percurso e formação, penso que a fala da Júlia Rocha Pinto (educadora e supervisora do Pavilhão das Culturas Brasileiras de 2011-2012) pode ser bem elucidativa:

**JÚLIA ROCHA PINTO** Entre 2011 e 2012 trabalhei como educadora e supervisora no Pavilhão das Culturas Brasileiras, com uma equipe de educadoras/es que tinham diferentes formações. Foi uma experiência enriquecedora primeiro porque pude ampliar meu repertório em relação à mediação, que até então tinha sido construído somente na minha cidade, Florianópolis, com uma proporção diferente em relação à coleção do museu, aos números e aos públicos. Pensando na especificidade do Pavilhão, me interessava muito a perspectiva de diálogo com as culturas. A pluralidade de questões que envolviam a coleção do espaço, que vinha do antigo Museu do Folclore e também das Missões de Pesquisas Folclóricas promovida por Mário de Andrade, foi um desafio para a equipe como um todo, o que acabou sendo respondido com a criação de um grupo de estudos, onde partilhávamos leituras e discussões semanalmente. Com o incentivo da AEP tínhamos uma autonomia em relação a esse aspecto formativo, o que foi muito produtivo para nosso trabalho em equipe; lembro que fazíamos muitas visitas a diferentes espaços, dialogando com formadores e mediadores de instituições da cidade de São Paulo. Gostava muito também da dinâmica diária do Pavilhão, em que dividíamos sala com o administrativo e o acervo, tendo diariamente a formação da equipe em diálogo com os demais setores. Pensando especificamente em formação e olhando numa perspectiva mais pessoal, o período de atuação no Pavilhão foi muito importante para meu percurso acadêmico, porque pelo trabalho contínuo nas diferentes exposições e contando com a equipe que trabalhava junto comigo pude desenvolver parte da pesquisa do mestrado, pensando em outras significações e possibilidades de avaliar as visitas mediadas com os públicos. A experimentação e a reflexão foram a tônica desse período em que trabalhei com a AEP no Pavilhão das Culturas Brasileiras e que reverberam até hoje na minha prática como professora.

66

**ANDERSON** Que massa ler esse relato da Júlia, traz a forte relação entre percurso e formação, educação e pesquisa, o que também foi bastante falado nos grupos focais.

**DANIELA** Quero abrir um parêntese aqui, porque houve um acontecimento no Pavilhão que foi muito significativo no que se refere à formação, tanto para o



projeto, como para mim. Na época, eu pesquisava muito a história e culturas indígenas, e a Julia ou a Edna Onodera, não lembro bem, me convidou para fazer uma tarde de conversa lá, sobre esses meus estudos. Ia ter uma exposição de alguns objetos de várias culturas indígenas e estavam realizando alguns estudos sobre o tema. Passei três horas lá trocando, o Moa Simplício estava junto. Foi uma das primeiras vezes em que vi acontecer uma formação entre os pares, no próprio educativo, e foi muito gratificante. Eu estava muito nervosa, lembro que eu trabalhava com o And na Capela do Morumbi, e fiquei estudando muito para essa conversa, pois achava isso muita responsabilidade, não queria decepcionar ninguém, e foi superimportante até para entender de que eu gostava e gosto de fazer junto a equipe: eu adoro pegar um tema e destrinchar, adoro fazer as formações com as educadoras e os educadores hoje.

**ANDERSON** Que lindo isso, Dani.

**VALERIA** Sim, muito lindo. Acho que nós três podemos dizer que a parte mais legal, mais enriquecedora do nosso trabalho é a formação com a equipe.

**ANDERSON** Mas, voltando às memórias coletivas: o Pavilhão tinha uma dinâmica diferente, toda a equipe estava num único local e, como a Dani falou, antes, estarmos em pares nas casas do Museu já era um ganho em relação a ter uma equipe espalhada na cidade. De qualquer maneira, MCSP e Pavilhão trabalhavam com as mesmas diretrizes e a mesma FDE... Isso também me faz pensar que a diminuição expressiva da quantidade de atendimentos a grupos agendados com o fim do Programa “Cultura é currículo”, da FDE, foi um ponto negativo, pois a quantidade maior de atendimento de grupos atuava de forma potente em nosso desenvolvimento como educadores/as.

**VALERIA** Verdade, e essa potência vem justamente das trocas e reflexões antes e após as visitas, até durante a visita, aquele conhecido “jogo de cintura” que muitas vezes temos que ter para desenvolver algo na hora em que o grupo chega, porque vieram com uma expectativa, como foi o caso das crianças de roupa de banho por baixo do uniforme, como comentamos, ou porque as crianças querem ficar no parque, ou ainda as expectativas dos professores e das professoras. São tantos os exemplos que podemos pensar para tratar desses saberes e fazeres. Lembrei-me do Donald Schön, um autor que utilizei muito na minha pesquisa de mestrado que falava, também, sobre formação de educadoras/es para e em exposições, tratando sobre a prática reflexiva:

“conhecer-na-ação, reflexão-na-ação e reflexão sobre a reflexão-na-ação” (APUD ALENCAR, 2008, P. 9) no processo de formação. Alguns depoimentos dos educadores e das educadoras do Museu trazem isso, por exemplo, o André quando diz o quanto aprendeu com sua parceira quando iniciou o trabalho:

**ANDRÉ** Eu sinto que a Kelly foi a minha mentora na Casa do Bandeirante, porque eu era cru, eu cheguei assim verdinho, e pensei: ‘tá, o que eu faço agora?’ e a Kelly foi me mostrando, me mostrou todo o lugar e ele era tudo o que eu gostava assim, o cheiro, saca, todas as sensações, não só a história que tá naquele lugar, mas o cheiro, o tato, a parede e taipa, os animais que estão ali, os sons, era multissensorial.

[...]

Eu vi com a Kelly como ela fazia, observava, eu fazia visita junto com ela, depois eu fazia a visita e ela acompanhava, e assim eu fui aprendendo. E fui pegando esse esquema de falar com as crianças. Tinha muita coisa a ver também com o que eu já via na faculdade, que é trazer o assunto para a pessoa, e não tirar a pessoa do lugar que ela tá e levar para o assunto.

[...]

Quando a gente começa um trabalho novo, a gente pensa muito no trabalho, no assunto, na exposição, no que que eu tenho que passar para essas crianças, como se a gente tivesse que passar alguma coisa. A gente, na verdade, troca informação, troca experiência... Com o tempo eu fui entendendo.

68

**ANDERSON** As questões do afeto, que passam pelas visitas como foi muito falado no primeiro capítulo, passam também pela nossa formação, fazem parte da experiência, num sentido deweyano mesmo.

**DANIELA** E o aprender com o/a colega passa por refletir sobre essa experiência. A formação também é feita pela troca quando a gente está fazendo visita. Lembro-me de que, tanto com o André quanto com o Anderson, nós sabíamos o momento exato que cada um precisava respirar, ou até onde cada um ia, onde você entrava. E com o Anderson foi mágico, a exposição da Penélope na Capela do Morumbi, porque a gente construía uma história nova a cada visita, a gente cortava pedaços desse fio, que ficou o rolo de fio utilizado da obra lá, e a gente dava para as/os estudantes e, nós só começávamos a contar uma história e eles e elas continuavam. E aí: “a história é a seguinte: Penélope estava lá, fazendo uma costura porque o Ulisses foi para a guerra”, então eles continuavam: “Ah, Ulisses foi para a guerra porque o Neymar apareceu na vida da Penélope”... Acho que

é um aprendizado por todos os lados; podemos usar a palavra atravessamento, eu acho que atravessamento é uma palavra maravilhosa, porque somos atravessados/as pelo/a nosso/a colega de trabalho, somos atravessados/as pelos/as estudantes que estão lá visitando, somos é atravessados/as pela casa, somos atravessados/as por tudo que tem sensorial no entorno, então eu acho que era um complemento.

**VALERIA** Trocas, atravessamentos, reflexões sobre estas trocas e atravessamentos... Nos dizeres de António Nóvoa (1995, p. 28): “a formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre sua utilização. A formação passa por processos de investigação, diretamente articulados com as práticas educativas”. E isso me traz, novamente para uma fala do André:

**ANDRÉ GREATTI** Eu me lembro que toda vez que a gente terminava uma visita, eu e a Dani ficávamos conversando sobre o que aconteceu na visita. Então, a gente ficava tendo ideias assim: “vamos fazer tal coisa, vamos fazer aquele outro, vamos fazer um jogo, vamos contar uma história assim...” Teve uma vez, inclusive, que eu fiz uma espécie de infográfico (Figura 10), porque eu não sabia explicar para os alunos o que era aquele Moinho que tem na Casa do Bandeirante, eu fui pesquisar o que que era, eu fiz um desenho, e enrolei e deixei escondido, e toda vez que eu ia no Moinho eu abria e mostrava para a galera como é que funcionava, coisa que a gente produzia desse jeito mesmo, às vezes sem grandes recursos. A experiência né? A gente via a necessidade e fazia.

69



**FIGURA 10**

André Greatti em visita no Moinho da Casa do Bandeirante, 2009.

Foto: Camila Lia.

A necessidade é a mãe da invenção, diz o ditado popular. Quantas invenções fizemos... E fazemos. É bom estar trabalhando com estas memórias, recordando, refletindo sobre elas, essa escrita/conversa acaba sendo, também, uma experiência de formação para nós, uma experiência estética, no sentido deweyano, como falou o And:

Só pode ser compreendida a natureza da experiência, observando-se que encerra em si um elemento ativo e outro passivo, especialmente combinados. Em seu aspecto ativo, a experiência é *tentativa* – significação que se torna manifesta nos termos *experimento*, *experimentação*, que lhe são associados. No aspecto passivo ela é *sofrimento*, *passar por alguma coisa*. Quando experimentamos alguma coisa, agimos sobre ela, fazemos alguma coisa com ela; em seguida sofremos ou sentimos as consequências. (DEWEY, 1979, P. 152).

**ANDERSON** Isso, a reflexão sobre a experiência, o atuar e o sofrer a atividade realizada, a visita, o encontro com professores, esse é um trabalho constante. A gente produziu muito nesses processos, produziu não só as ações em si, mas suas reflexões em trabalhos acadêmicos, artigos e participações em eventos científicos<sup>28</sup>.

70

**VALERIA** Acho ainda que vale mencionar que nós da supervisão não temos só o trabalho de supervisionar – acho essa palavra tão engraçada, parece que a gente tem um superpoder, o da supervisão – mas atuamos também como formadoras/es mediadoras/es que, como falei antes, talvez seja esta a parte mais gratificante do nosso trabalho, nós propomos estudos e experimentações que se tornam experiências estéticas, como diz o Thiago, por exemplo:

**THIAGO** Tinha um tempo de estudo, e é interessante porque na época eu não entendia muito, eu acho que a gente não tem uma boa relação com a autonomia, a gente é muito adestrado desde a escola e tal, direcionado. Quando eu fui trabalhar em outras instituições eu vi o quanto eram direcionados os estudos, o quanto se queria uma fala homogênea. Então a AEP possibilitava que estudássemos, também, o que tinha relação com a história de cada educador. Na minha experiência eu nunca tive nenhum momento de retaliação, ninguém falava: “não fala isso, não estuda isso...”, pelo contrário...

28 Ver anexo com a relação das produções científicas e acadêmicas realizadas entre 2008 e 2020.

[...]

Eu tenho uma experiência com a dança, com artes do corpo, com hip hop, enfim, danças populares, eu tive a graça de pegar a exposição do Luiz Gonzaga na OCA do Parque Ibirapuera, pra mim foi um presente porque eu estava pesquisando danças populares, e uma coisa bem particular da AEP, diferente de outros museus em que eu fui trabalhar posteriormente, é a liberdade que a gente tinha para construir, desconstruir, provocar e transformar as narrativas. Então, por exemplo, eu me lembro que na exposição do Luiz Gonzaga, nas minhas visitas sempre a gente sempre dançava um coco, um xaxado, a exposição convidava a isso. E, mais do que a exposição convidar a isso, tinha abertura para tal. O Anderson sempre falava “meu, vai aí”, e dava supercerto. Eu tive uma experiência que tem a ver com o meu caminho que é a aproximação com o patrimônio, com a arte a partir de outros sentidos que não só a visão, então é muito legal quando eu vejo essa imagem dos meninos pondo a mão na parede<sup>29</sup>, eu me lembro de diversos momentos em que os meninos dançaram...

Essa fala do Thiago sintetiza o que a gente vem conversando sobre reflexão sobre e na experiência, eu diria uma cadeia de experiências até. Faz parte do trabalho da mediação como proposta educativa proporcionar experiências estéticas, isso acontece quando ele fala da autonomia que tem no seu trabalho e sua ação potencializadora de experiências para as/os visitantes, algo que Jorge Larrosa (2004, p. 154) nos traz, ao revisitar o conceito de Dewey: “A experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que passa ou o que acontece, ou o que toca, mas o que nos passa, o que nos acontece ou nos toca”.

**ANDERSON** Val, é de tamanha importância pensar na fala do Thiago quando ele traz o exemplo sobre a autonomia para realizar alguma atividade para o público. Penso que, antes da construção de uma proposta educativa, vale pensar o que eu quero alcançar com essa atividade, o que ela provoca em mim sendo eu um/a educador/a propositor/a. Que estratégias eu construo para experimentar o experimental? Aonde eu quero chegar? Sempre trouxe essas perguntas provocadoras no planejamento de uma atividade. A partir disso começa a surgir a atividade, pensar no público-alvo, nos materiais necessários, na divulgação, no registro. Nesse momento o/a educador/a não é só um reprodutor/a de

<sup>29</sup> Sobre a imagem geradora do grupo focal (Figura 3).



conhecimentos, ele se apropria de toda a construção da atividade. Se torna um/a “educador/a-etc.”.

**VALERIA** Anderson, fiquei curiosa para saber mais sobre esse ou essa “educador/a-etc.” Tem a ver com aquele trabalho do Ricardo Basbaum “artista-etc.”<sup>30</sup>?

**ANDERSON** Sim, foi em uma livre relação com essa obra que a Mônica Hoff (2009) cunhou a expressão “mediador-etc.”. Então, esse/a “educador/a-etc.”, Val, é alguém que se movimenta, circula. Ele ou ela pensa na atividade, no público, na compra dos materiais necessários, na realização da atividade na prática, na divulgação, no registro e no relatório pós-atividade, é “uma figura múltipla e ímpar que não é mais uma ponte entre a obra ‘hermética’ e o público” (HOFF, 2009, P. 109), não é apenas um/a mero/a reproduzidor/a de um conhecimento, mas se movimenta, podendo ele ou ela ser o/a educador/a, o indivíduo, o/a visitante ou até mesmo o próprio objeto de arte.

**DANIELA** É importante levar em consideração que durante esse processo criativo os sujeitos envolvidos têm vivências e experiências distintas, além de necessidades diferentes, o que torna primordial o cuidado com a linguagem. Para que ela aconteça é necessário ir além da obra em si e buscar formas e situações de mediação, aumentar seu repertório, estudar sobre o espaço a ser explorado/visitado, conhecer seu público e, principalmente, conhecer a si mesmo/a. Cada uma dessas maneiras estimulam a mediação e potencializam a experiência do público no espaço expositivo.

**VALERIA** Sabemos que a prática recorrente de um/a educador/a patrimonial no Museu da Cidade de São Paulo é a mediação cultural que busca estratégias para transformar a imagem do museu: de um depósito de coleções ou de bens herdados em um espaço que valoriza a ressignificação dos objetos artísticos e alimenta o universo afetivo e reflexivo do público. Podemos retomar essa proposta do aprender pela experiência e voltar ao Larrosa quando diz que:

A possibilidade de que algo nos passe ou nos aconteça ou nos toque requer um gesto de interrupção [...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar; parar para

**30** Trabalho apresentado na 30ª Bienal de Arte de São Paulo. Para saber mais: <http://www.bienal.org.br/post/551>



sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2004, P. 160).

Além de primar pelo diálogo, a mediação vem em forma de uma experiência, essa interrupção, essa paciência e dar-se tempo e espaço é uma preocupação, a fim de promover o acesso à cultura ou a um patrimônio cultural cheio de complexidades como a cidade. Daí um/a “educador/a-etc.” para e com um “público-etc.”.



FIGURA 11

Oficina realizada na Capela do Morumbi, 2009. Foto: Camila Lia.

**DANIELA** Isso me faz pensar também na formação de público propriamente dita, que é o resultado de ações educativas variadas como o atendimento do público espontâneo, público estrangeiro, visitas agendadas para grupos de escolas públicas e privadas, de ONG's, de instituições de ensino superior. Vale ressaltar que para cada público/visitante do Museu da Cidade existe uma abordagem diferenciada, a mediação se dá de acordo com a necessidade de cada pessoa. Por isso a importância da preparação do/da educador/a para receber o público. Essa diversidade contribui para o preparo das ações educativas, pois com tais experiências vão sendo construídas maneiras de mediar o patrimônio, a cultura e a arte com o público visitante, tendo como eixo central a memória da cidade de São Paulo.

**ANDERSON** Dani, é interessante você tocar no assunto sobre a formação de público no Museu da Cidade. Recordo que em 2014, quando encerramos o atendimento escolar do projeto “Cultura é Currículo”, da FDE, começamos a pensar em estratégias para tornar o Museu atrativo para o público.

**VALERIA** Com o fim do projeto da FDE, o educativo deu início ao mapeamento das instituições localizadas nas proximidades de cada unidade do Museu da Cidade, em busca de formar futuras parcerias. Começamos a ver a cidade como um objeto de investigação: onde está o público/visitante do Museu da Cidade?

**DANIELA** Essa é uma boa pergunta, Val. Onde está o público/visitante do Museu da Cidade? Recordo que, em 2008, quando entrei para o projeto, tudo era ainda muito novo, porque anteriormente aconteceram ações educativas muito pontuais, como falamos no capítulo anterior, mas desde 2008 a AEP como empresa contratada para gerir, planejar e executar ações educativas, imprimiu uma característica que vai além do atendimento ao público. Nossos primeiros passos nessa caminhada no projeto foram no sentido de procurar entender as especificidades de cada unidade do Museu, assim como as primeiras pesquisas históricas a serem realizadas. Foi um processo curioso trabalhar esse construir e desconstruir a história das Casas do Museu e o melhor foi poder ter abertura para trocar experiências nos encontros de formação interna com a equipe.

74

## CO-MEMORAR

Como mencionado em momentos anteriores, a AEP é um coletivo de arte/educação que atua desde 2001 em instituições culturais. Aliás, o motivo desta publicação é comemorar um trabalho de 20 anos. Co-memorar, lembrar de forma coletiva, colaborativa, como estamos fazendo aqui.

E, como temos conversado aqui, a prática reflexiva que potencializa a criação de propostas de visitas, de materiais, de formação de equipe é um diferencial qualitativo dos trabalhos desenvolvidos. Assim, para nós que estamos há tanto tempo colaborando neste coletivo (Val, desde 2001; Dani, desde 2008; e And, desde 2010), nos sentimos parte, agentes e recebedores desta formação e comemoração, assim como, acreditamos, as pessoas que concordaram em compartilhar suas memórias em suas falas e relatos.

**ANDERSON** Muito bom você compartilhar as primeiras caminhadas do educativo no Museu. No mesmo ano em que você começou a trabalhar no MCSP surgiu o nosso primeiro projeto, o “Pode entrar”, como mencionado antes, e é curioso pensar no nome desse projeto, porque antes as unidades do Museu não eram muito bem sinalizadas e o público/visitante sempre perguntava se poderia entrar, se aquele espaço era uma propriedade particular ou pública. Na época, em um dos nossos encontros internos de formação, resolvemos construir uma bateria de atividades educativas, e esse foi o nosso primeiro caminho para pensar em quem era o público/visitante de cada unidade do Museu.

**DANIELA** Foi muito importante ter participado desse projeto, And. Mudou o meu olhar para o visitante. As ações educativas desenvolvidas visavam a provocar no público novos olhares sobre a cidade através de conceitos de identidade, memória, patrimônio e, mais pontualmente, a ideia de apropriação e ocupação criativa e reflexiva das unidades do Museu. Tivemos uma liberdade muito enriquecedora para criar as atividades a serem oferecidas para o público. Foi lindo. Também tem uma questão interessante aqui, que vem junto com a questão do “Pode entrar”. Os patrimônios edificados representados pelas casas do Museu muitas vezes assustam por sua monumentalidade e afastam algumas pessoas, que acabam pensando que para entrar ali precisam estar adequadamente vestidas, ou simplesmente se sentem inibidas e não entram. Isso talvez sinalize para um não reconhecimento dela com aquele patrimônio em questão.

75

**ANDERSON** Verdade. E precisamos mencionar as instituições do entorno das unidades do Museu com as quais realizamos parcerias e que desenvolvem trabalhos continuados, como é o caso do CEI Monumento (Centro de Educação Infantil), junto à Cripta Imperial e à Casa do Grito, somando-se à parceria com o Museu Paulista. Também vale apontar o trabalho realizado entre a Chácara Lane em parceria com a EMEI Gabriel Prestes (Escola Municipal de Educação Infantil), como foi conversado no primeiro capítulo, com a ocupação da casa pelas/os estudantes, desenvolvendo uma curadoria mirim com montagem de exposição realizada em conjunto.

O nome do projeto é “Do Coisário ao Relicário”. Nessa parceria com a EMEI Gabriel Prestes, foi proposto que as crianças levassem para deixar exposto na Chácara Lane algum objeto de memória. Algo que tivesse uma carga afetiva para a criança. Foi uma experiência incrível ver todos aqueles objetos de afeto espalhados pelos cômodos da Chácara Lane, e o melhor foi que as crianças escolheram o lugar na Casa para deixar o seu objeto, criando uma aproximação com a história e a memória da Chácara Lane.

**VALERIA** And e Dani, que potência pensar na chegada das educadoras e dos educadores nas unidades do Museu da Cidade e, de fato, as atividades educativas realizadas fizeram, e fazem, com que o público/visitante se aproxime mais da contextualização histórica das unidades do Museu da Cidade, mas sem perder a dimensão do afeto, do afetar e ser afetado.

Ainda sobre a formação de público, lembro-me que o projeto Cultura Currículo da FDE foi fundamental para as constantes visitas das crianças. Fico aqui pensando no leque de possibilidades que havia para trabalhar a educação patrimonial com o público infantil. Fez-me lembrar do trecho que o Anderson escreveu em um dos encontros dos estudos decoloniais, realizado em maio de 2019 no Instituto de Artes da UNESP.

Então chegaram os estudantes

Todos ávidos por palavras quaisquer, meio tímidos, meio calados, em seus pensamentos traziam guardada a curiosidade, e nas mochilas, suas histórias e vontades

sem pressa para irem embora.

As horas pareciam flutuar e a mediação

começava a narrar aquele lugar.

Deslizaram-se as horas.

Conversa de lugar.

Conversa de corpo.

Conversa do ar e, entre tantos prédios que antes não existiam,

Um mundo ali acontecia. (COSTA ET AL, 2019)<sup>31</sup>

**DANIELA** And, esse seu poema, além de ser maravilhoso, sintetiza bem a proposta reflexiva sobre ação, ele em si é uma reflexão sobre a ação, mas não só, uma reflexão de como são importantes a escuta atenta e a observação das/dos estudantes, de suas expectativas, de seus saberes, de como esses corpos ocupam esse lugar...

**VALERIA** E de como um mundo acontece numa visita, numa conversa.

**31** Poema produzido por Anderson Costa em um exercício em grupo realizado pelo GPIHMAE (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imagem, História e Memória, Mediação, Arte e Educação) no encontro sobre estudos decoloniais no Instituto de Artes/Unesp, 2019.



FIGURA 12

Oficina realizada na Casa Modernista, 2009. Foto: Camila Lia.

Eu gostaria de retomar um ponto aqui: o da formação continuada da equipe, que é muito importante para nós. Se me permitem abrir um parêntese... Sabem que minha formação inicial é em História, eu já havia trabalhado com educação em museus antes de trabalhar com a AEP, mas nenhuma das exposições havia sido de Arte. A primeira em que trabalhei, de Arte, foi do Tunga, no CCBB/SP em 2001, logo quando a AEP iniciou. Então, eu, historiadora, professora de História, sem nenhum conhecimento em Arte/educação ou em Arte mesmo – só estudei Renascimento na faculdade de História –, caí de paraquedas numa exposição de ar-te-com-tem-po-râ-nea! Minha formação como arte/educadora se iniciou ali, a proposta de formação continuada pela AEP era forte, embasada, um mundo se abriu para mim, tanto que fiz mestrado e doutorado em Arte, na linha de pesquisa de Arte/educação, sobre mediação cultural.

77

Fechando o parêntese, falamos muito até agora em mediação cultural, para além da metodologia de educação patrimonial, começamos este capítulo trazendo esse nome do cargo das pessoas da equipe, educador/a patrimonial, e como isso tem sido um ponto em nossa reflexão. Vale lembrar que Educação Patrimonial é uma expressão para uma proposta metodológica que foi introduzida, em termos conceituais e práticos, a partir do 1º Seminário realizado em 1983, no Museu Imperial (Petrópolis-RJ), inspirando-se no trabalho pedagógico desenvolvido na Inglaterra sob a designação de *Heritage Education* (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999).

Educação Patrimonial é um processo permanente e sistemático de trabalho educativo centrado no patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. [...] A metodologia específica da Educação Patrimonial pode ser aplicada a qualquer evidência



material ou manifestação da cultura. (HORTA, 1999, P. 6).

O objeto, móvel ou imóvel, tangível ou intangível, patrimonializado, é mais valorizado do que a experiência de construção de saberes, pois esses saberes devem ser construídos a partir de uma “fonte”.

**DANIELA** Penso que o educador ou a educadora pode até lançar mão da proposta metodológica da Educação Patrimonial; contudo, o diferencial no processo da mediação cultural é como ele ou ela irá trabalhar com os diferentes contextos envolvidos na leitura dos objetos: o contexto de produção, sim, o patrimônio como fonte, mas também envolver o contexto de recepção pelo público, o da instituição e o seu próprio contexto, expectativas, desejos... Tudo isso deve ser considerado:

Quando nós falamos sobre aprendizagem e, particularmente educação em museus, não estamos falando sobre aprender somente fatos.

Educação inclui fatos, mas também experiências e a emoção. Requer esforço individual, mas é também uma experiência social. Nos museus é a experiência social que é frequentemente lembrada. (HOOPER-GREENHILL, 1999, P. 21, TRADUÇÃO NOSSA).

78

**ANDERSON** E a consciência desse processo se torna possível por conta dos trabalhos de formação continuada, como conversamos antes, por isso a problematização do ser educador/a patrimonial que se dá a partir de diversos caminhos a serem percorridos. Como já comentamos, no Museu da Cidade desde 2008 até os dias atuais, esse caminho é constituído por encontros mensais de reuniões de formação interna da equipe, e o fato de ter uma equipe multidisciplinar permite uma diversificada troca e um aprendizado que alimenta as ações da mediação cultural com o público/visitante. Possibilita também que o/a educador/a não seja somente um reproduzidor de conhecimento, ele constrói e desconstrói uma ideia em conjunto com o visitante.

**DANIELA** Também faz parte dessa caminhada do/da educador/a patrimonial no Museu da Cidade realizar visitas a outros equipamentos culturais, para compreender o funcionamento dos diferentes setores educativos de museus da cidade. Ter essa abertura para essa troca possibilita às educadoras e aos educadores fazer uma autorreflexão sobre o seu trabalho no dia a dia nas unidades do Museu, e toda essa vivência alimenta o processo criativo da equipe para a construção de oficinas, visitas temáticas e ajuda também a pensar em



materiais de apoio que possam auxiliar o/a educador/a durante o processo de mediação realizadas nas unidades do Museu da Cidade.

**VALERIA** Importante você ter comentado sobre as educadoras e os educadores fazerem uma autorreflexão sobre o seu trabalho na prática. Para além da possibilidade de realizar visitas a outras instituições, a AEP em conjunto com o Museu da Cidade sempre priorizou os encontros de formação interna da equipe. Esse é um dos momentos fortes do projeto como um todo. O/A educador/educadora está em constante atualização das pesquisas históricas sobre as unidades, pesquisas sobre educação e mediação, e toda essa vivência possibilita que a equipe tenha um novo olhar para o seu trabalho que automaticamente reflete no atendimento do público/visitante e na própria instituição – quando mencionamos o fato da problematização dos nomes das casas do Bandeirante e do Sertanista, por exemplo. Mas parece que estamos voltando lá para o ponto inicial...

**ANDERSON** Penso que a memória é um rever e ver e rever, as palavras não dão conta...

**DANIELA** São memórias latentes, muito parte da nossa vida, mexe com saberes, verdade, mas com emoções também, as palavras não dão conta de “comemorar” a vida. Por isso, às vezes, as memórias vão e vêm, se embaralham, se desembaralham, como tem sido esta escrita/conversa, como têm sido sua mediação e os nossos processos como mediadoras e mediador. E, neste nosso processo, formando e sendo formadas/os em uma constante, sigo me perguntando: afinal, o que é ser educadora patrimonial? É formar o outro para olhar o patrimônio? Para preservá-lo? Para compreendê-lo? Ou é ensinar e nos ensinar a sentir e a construir o patrimônio que nos importa? A questionar? Ou mesmo cabe perguntar se educamos ou somos educados pelo patrimônio? Ou mesmo qual é a validade de tudo isso? Entendemos e sentimos muitas coisas, questionamos e somos questionadas/os, nos transformamos. Ser educadora patrimonial, ser educadora, ser mediadora, ser conversadora, ser pensadora, enfim... não é só um trabalho.

**VALERIA** É mais que trabalho, é vida. E, como disse Guimarães Rosa: “O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”<sup>32</sup>.

32 GUIMARÃES ROSA. Grande Sertão Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 334.

## TEMPOS INCERTOS

Tempo de isolamento social: a partir de março de 2020 uma situação aquém do controle do Museu, ou dos museus, do Educativo, ou dos educativos, e da AEP fez com que museus fechassem as portas para os atendimentos. Mas, na verdade, os museus não fecham, o trabalho continuou internamente. No caso do MCSP, o educativo seguiu atuante. Muitas ações ocorreram de forma remota, por exemplo, produção do material educativo para professoras/es sobre a exposição Infância no Museu, o Sarau LGBTQIA+, o Clube de Leitura “Tramas urbanas”, formação para professoras/es e guias de turismo e tantas outras ações.

Tempo de imaginar: sem muitas certezas e com muitas esperanças para um futuro (o tempo de término deste texto se dá na semana em que começou a vacinação contra o COVID-19 no Brasil), seguimos imaginando quando as crianças e suas “mochilas com histórias e vontades” retornarão e o mundo voltará a acontecer em tempo presencial.



4

**ENSAIO VISUAL:  
TENTATIVAS DE CAPTURAR  
E NARRAR TREZE ANOS**

*SIEMPRE, ANTE LA IMAGEN, ESTAMOS ANTE EL TIEMPO.*

**GEORGES DIDI-HUBERMANN**

**VALERIA:** Não tem como contar a história da Arteducação Produções no serviço educativo do Museu da Cidade de São Paulo só com palavras, é verdade, e não acho que as imagens utilizadas no decorrer de nossa escrita/conversa, até agora, sejam suficientes.

82

**ANDERSON** Como a Dani disse lá no começo da nossa conversa, um diferencial da AEP é a equipe multidisciplinar, um coletivo que tem um trabalho voltado à arte-educação e pesquisas e trabalho com mediação cultural.

**DANIELA** Sim, penso que as propostas de ultrapassar os limites da Educação Patrimonial como metodologia foram mesmo um diferencial.

**VALERIA** E se a gente construísse um ensaio visual? Imagens que trouxessem, de alguma forma, essa história da passagem do tempo, ano a ano, educadoras e educadores em ação?

**ANDERSON** Boa! Importante trazer que a ação educativa não envolve somente visitação, mas a formação (inicial e continuada) da equipe, ações com o público para além das visitas: os saraus, os encontros com professoras/es e oficinas diversas elaboradas pela equipe.

**VALERIA** Exato, tudo isso é atuação do educativo da AEP no Museu da Cidade. Vale ainda dizer que a visualidade é algo essencial neste trabalho, não só pelo fato de trabalharmos com imagens em muitas ações, mas também entendendo que se trata de um museu com acervo móvel e imóvel, imagens que mexem com o imaginário, como falamos no decorrer do texto, visualidade que afeta e é afetada pela cidade, pelo público. Lembrando do que conversamos até agora, gosto muito de pensar pelo viés dos Estudos da Cultura Visual e a ideia de visualidade<sup>33</sup>, a construção de narrativas visuais concebidas pelos museus em geral. Podemos pensar em que narrativa visual criaríamos para contar essa nossa história. Vamos fazer isso?

**DANIELA** Acho perfeito! Inclusive porque as imagens trazem uma narrativa poética aqui, com possibilidades de interpretação para além das palavras.

**ANDERSON** Mais uma busca agora, mais um caminho, mais achadinhos, só que agora nos registros de imagem desses 13 anos da AEP no MCSP. E como disse a Camila em seu relato: *A quantidade avassaladora de imagens que produzimos e vemos hoje pode nos levar a esquecer mais do que lembrar.*

83

**VALERIA** Mais uma traição da memória. Mas a intenção aqui é que nosso leitor/ouvinte e nossa leitora/ouvinte possam atravessar essa memória imagética e observar este ensaio visual que segue como uma exposição fotográfica que preparamos com várias frases de espanto, nostalgia e alegria aos depararmos com registros, por vezes antigos, procurando lembrar mais do que esquecer.

**DANIELA** Ah, esta narrativa visual só é possível porque Camila Lia, Anderson Costa, Andréa Faragacci e Adonay Donley compartilharam suas fotos.

<sup>33</sup> Me refiro aqui aos Estudos da Cultura Visual e à ideia de visualidade discutida por mim a partir de Walker e Chaplin (1997), Hooper-Greenhill (2000) e Mirzoeff (2011) apud ALENCAR, 2015 p. 67-70.





Chegadas e partidas, 2008.



O olhar, 2009.





Prosa, 2010.



Magia, 2011.





Mediação, 2012.



Caminhos, 2013.





Descobertas, 2014.



Metrópolis, 2015.





Noturno, 2016.



Morada, 2017.





Memória, 2018.



Processos, 2018.





Depois de um Sarau, 2019.



Identidades, 2019.



Natalia Godinho está apresentando

### Museu de Cidade

"O Museu de Cidade deve, pois, dar conta da cidade – o que não quer dizer, é óbvio, esgotar esse objeto de atenção, mas enfrentá-lo na sua complexidade, considerando passado, presente e abrindo-se para o futuro. (...)" tendo como finalidade "(...) propiciar aos habitantes a tomada de consciência da cidade e o aprofundamento permanente dessa consciência".  
"O museu de cidade e a consciência da cidade", Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses

Detalhes da reunião

Pessoas (41) Chat

Lucas Moreira Gomes Dias 09:18

Lu Peivoto 09:19  
Conheço o Museu que coordena as várias CASAS - Conheço O Solar, Casa número 1, Beco do Pirto, Casa do Grito, Casa Modernista, Casa Bandeirista no Jabaquara( esqueço o nome).

Talita Barreto de Souza 09:19  
Infelizmente ainda fi conheço, sou de Santos.. Mas irei 😊

Oswaldo Sant'Anna 09:20  
sim

cristina borges 09:22  
vamos receber este conteúdo via email?

Ativar o Windows  
Ative o Windows para obter o melhor desempenho e recursos. Ativar o Windows. Clique em Mensagens para saber mais.

Windows taskbar: Digite aqui para pesquisar, 09:23, 00/12/2020

2020, 2020



Expectativas, s.d.



5

**UMA CONVERSA FINAL?**

E A MINHA PROVOCAÇÃO SOBRE ADIAR O FIM DO MUNDO É EXATAMENTE SEMPRE PODER CONTAR MAIS UMA HISTÓRIA.

**AILTON KRENAK**

**VALERIA** Vamos contar mais uma história? A partir do que a gente foi conversando/ escrevendo, das conversas com ex-educadoras/es e educadoras/es que ainda estão no Museu, dos relatos que recebemos por escrito, em muitos momentos eu ri e em vários outros me emocionei. Queria trazer este trecho do relato do Rodrigo:

93

**RODRIGO** Uma coisa é o tempo das coisas. Outra coisa é o tempo que concebemos a partir da relação que temos com elas. Seja em um ou em outro caso, parece que só podemos falar sobre o tempo à medida que ele próprio se consolida, desenha e se instaura, tanto nos objetos em si, como também na consciência que os apreende.

**ANDERSON** Ah, que lindo isso, que bom conversar com vocês sobre estas memórias, esses 13 anos de AEP no Museu da Cidade são uma vida, 13 anos são um ser humano entrando na adolescência...

**DANIELA** Sim e com todas as crises, um reinventar-se sempre, seja no repensar o patrimônio cultural e a mediação desse patrimônio, seja pensar na cartografia da cidade em relação aos indivíduos que a percorrem trazendo mais memórias e histórias que afetam seus (e nossos) trabalhos e formações, como a Lilian fala:



**LILIAN** [...] eu fiquei pensando na Escutatória, do Rubem Alves, o quanto a gente precisa pensar sempre a cidade, a gente sempre tá pensando a cidade. Claro que o visitante vai perguntar a história da casa em que você está, o ano em que ela foi construída e que é importante saber. É importante trocar ideias e saberes com o educador que fica lá sempre. Mas, além de pensar a cidade, é importantíssimo escutar o que o visitante está dizendo nessa conversa, porque a conversa é uma troca, você fala e você tem que ouvir também, e é sempre muito potente ouvir o que o outro tem pra falar, porque pode ser que seja uma pessoa que estuda essa questão há muito mais tempo que você, mas pode ser também uma pessoa que está pensando aquilo pela primeira vez e te traz um olhar totalmente diferente do que você vê todo dia.

**VALERIA** A escuta é muito fundamental na mediação, a escuta atenta, a escuta disposta e intencional, uma escuta que observa, que agrega e que provoca alguns querereres: saber mais, pesquisar mais, achar mais. Como camadas de estratigrafia num sítio arqueológico, o que temos achado?



**FIGURA 13**

Maquete de sítio arqueológico  
no Sítio Morrinhos, s.d.

Foto: Adonay Donley.

**DANIELA** Vou falar que essa imagem (Figura 13) mexe muito comigo, pois foi aí, em frente a esse tanque, que representa uma escavação arqueológica, que tudo começou para mim, e é aqui que começamos a terminar esta nossa conversa. Dito isto, gostaria de falar que após essa nossa busca de vestígios, essa nossa escavação da memória de nossa passagem pelo Museu da Cidade, o que nos fica é o que nos transforma. Mas com certeza isso não acontece só conosco, as reflexões que nos levam ao passado estão também nos educadores e educadoras com quem conversamos e também nos relatos que nos enviaram. Assim como na arqueologia, o importante é a maneira como esses vestígios nos afetam hoje, no presente. Olhamos para o passado, buscamos vestígios para nos entender e entender nossos processos enquanto indivíduos e sociedade. Trago aqui um relato muito sensível da educadora Juliana Santos (educadora do Museu de 2008 a 2011) e de como ela faz esse movimento de olhar para a sua história passada e pensar o lugar onde está hoje:

**JULIANA SANTOS** Neste momento, disponho-me a uma reflexão sobre as possibilidades de ver o mundo, sobretudo na forma de como este nos atravessa para que o nosso ser e estar nele se manifeste de maneira inteira-intensa. Como é impressionante perceber o quanto estamos condicionados a aguçar o olhar em nossa sociedade, esse órgão parece ganhar tributos incomparáveis aos demais, um olhar que ganha espaço, atravessa qualquer obstáculo e delinea com voracidade o que é enxergado. Porém, quando volto para o meu interior e busco recordar como eu percebi o mundo pela primeira vez, lembrei-me da pele. Sim! A pele, este órgão que nos reveste. Foi com ele que fiz a minha primeira leitura, atravessei o canal e nasci para este universo. A Luz me incomodava um pouco e eu mantive meus olhos fechados por alguns dias, foi através das minhas mãos que segurei forte nos dedos de minha mãe, e na roupa de meu pai, quando este me abraçou e aproximou-me de seu rosto tão quentinho. Esse toque me trouxe segurança! E depois disso, abri os olhos, ainda embaçados pela falta de uso, e demorei para enxergar, mas o cheiro daquelas peles já configuraram a minha primeira leitura.

[...] a memória do toque afetoso do se fazer vida, de mãos que veem e percebem muito antes mesmos dos olhos desanuviarem o que está a sua frente. Posso dizer que me tornar arte-educadora foi um momento muito parecido com o nascer, só que desta vez para o mundo da educação e das artes em confluência com outros toques. Aqueles toques de quem, por mais tempo, percorreu por superfícies ásperas, lisas ou cheias de ranhuras.

A partir disso, sinto a necessidade de retomar um texto de Eduardo Galeano, A função da Arte 1, uma narrativa que traz um menino, Diego, que não conhecia o mar, e é levado, por seu pai, até ele. Este texto é finalizado com a frase do menino “Me ajuda a olhar”, como se seus olhos não pudessem dar conta de absorver a magnitude do mar; o menino precisava de ajuda, estava boquiaberto tanta beleza.

Pois bem, trabalhar na AEP espaço que me acolheu e me ensinou a dar os primeiros passos nas mediações, fez-me ser Diego e por muitas vezes ser o Pai, que com a sutileza do toque ajuda o outro a enxergar com outros sentidos partes da nossa cidade com histórias tão maravilhosas que precisam ser compartilhadas.

Os meus 5 anos trabalhando com a equipe, trouxeram o sentimento da empatia, antes mesmo desta palavra se tornar tão famosa, trouxe uma atuação que priorizava o compartilhar antes mesmo de ser um fenômeno nas redes sociais. Esses ensinamentos carrego até hoje na minha prática como professora, escritora e mãe, além de manter vivo a prática do ouvir.

**VALERIA** A arqueologia e a trajetória de vida do indivíduo!

96

**ANDERSON** Sim, são formas de olharmos o mundo.

**DANIELA** Olhamos nesta nossa conversa/escrita para muita coisa. Olhamos para nosso desenvolvimento, no coletivo, na equipe, nossa transformação no pensamento e na vida. A cidade, nesses 13 anos foi pensada e repensada, e a forma como a vemos, dentro e fora do Museu ganhou inúmeros significados.

**VALERIA** Ao final de cada grupo focal, para o encerramento, eu busquei assim, de repente, uma estratégia, se é que posso chamar assim, uma proposta de síntese por metáforas, algo que adotei em outros trabalhos de mediação cultural fora da AEP, anteriores à AEP, mas que, como conversamos antes, nossa bagagem e nossos “sapatos magnéticos” são aquilo que nos forma como profissionais e seres humanos. Assim, pedimos no encerramento dos grupos focais que sintetizassem sua passagem pelo MCSP como educadoras e educadores da AEP em um objeto (GF1), uma paisagem (GF2) e uma comida (GF3). Peço para que vocês, Anderson e Dani, deixem suas metáforas aqui também.





## Referências bibliográficas

- ABREU, Regina. Dois Mários e um sem-número de Museus polifônicos. *In*: CHAGAS, Mário de Souza. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. 2. ed. Chapecó: Argos, 2015. p. 15-22.
- AGUIRRE, Imanol. Nuevas ideas de arte y cultura para nuevas perspectivas en la difusión del patrimonio. *In*: AGUIRRE, Imanol *et al.* *El acceso al patrimonio cultural*. Retos y debates. *Cadernos da Cátedra Jorge Oteiza: Universidad Pública de Navarra, Espanha*, 2008. p. 67-118.
- ALENCAR, Valeria Peixoto de. *O mediador cultural*. Considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de Arte. 2008. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Artes/UNESP, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/86980>. Acesso em 25 fev. 2021.
- ALENCAR, Valeria Peixoto de. *Mediação cultural em museus e exposições de História*. Conversas sobre imagens/histórias e suas interpretações. 2015. Tese (Doutorado) - Instituto de Artes/UNESP, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/132741>. Acesso em 25 fev. 2021.
- ARRUDA, Beatriz Cavalcanti. *O Museu da Cidade de São Paulo e seu acervo arquitetônico*. 2014. Dissertação (Mestrado) – Museu de Arqueologia e Etnologia/USP, São Paulo, 2014.
- BARBOSA. Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BARBOSA, Anderson Costa, et al. Poema feito como um exercício em grupo realizado pelo GPIHMAE (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imagem, História e Memória, Mediação,

- Arte e Educação) no encontro sobre estudos decoloniais no Instituto de Artes/Unesp. São Paulo: UNESP, 2019 (inédito).
- BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010, p. 67.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III – Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo*. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- CHAGAS, Mário de Souza. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. 2. ed. Chapecó: Argos, 2015.
- COUTINHO, Rejane. Entre o encontro e a provocação: a ação mediadora. In: MARTINS, Mirian Celeste; SCHULTZE, Ana Maria; EGAS, Olga (orgs.) *Mediando [con]tatos entre arte e cultura*. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, Pós-graduação, v. 1, n. 1, 2007.
- COUTINHO, Rejane. Questões Sobre a Formação de Mediadores Culturais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 18., 2009, Salvador, BA. Transversalidades nas arte visuais. *Anais...* Salvador, BA, 2009. Disponível em: [http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/rejane\\_galvao\\_coutinho.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/rejane_galvao_coutinho.pdf). Acesso em: 5 nov. 2020.
- DARRAS, Bernard. As várias concepções da cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009. p. 23-52.
- DEWEY, John. *Democracia e educação*. 4. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Ante la imagen: pregunta formulada a los fines de una historia del arte*. Múrcia: CENDEAC, 2010.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HOFF, Mônica. Por um mediador-etc ou a experiência da Bienal do Mercosul. SANTOS, Anderson Pinheiro (org). *Diálogos entre arte e público*. Educadores entre museus e salas de aula: que diálogos são esses? Caderno de textos II. Recife: Fundação da cultura da cidade do Recife.v. 3, 2009, p. 109-114
- HOOPER-GREENHILL, Eilean. *The educational role of the museum*. 2. ed. London: Routledge, 1999.
- HOOPER-GREENHILL, Eilean. *Museums and the interpretation of visual culture*. London: Routledge, 2000.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LIA, Camila Serino. *Experiências de Educadores: convite para reflexão sobre a formação contínua*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Artes/UNESP, São Paulo, 2012.

- MAGNANI, José Guilherme Cantor; WAKAHARA, Julio Abe; CAUHY, Jupira; BRUNO, Maria Cristina Oliveira; FRANCO, Maria Ignez Mantovani (coords.). *Expedição São Paulo 450 anos: uma viagem por dentro da metrópole*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 2004.
- MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MAYUMI, Lia. *Taipa, canela preta e concreto: estudo sobre o restauro de casas Bandeiristas*. São Paulo: Romano Guerra, 2008
- MENESES, Ulpiano Bezerra de O museu na cidade x a cidade no museu: para uma abordagem histórica dos museus de cidade. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 5 n. 8/9, p. 197-205, set.1984 a abr. 1985. Disponível em: <file:///C:/Users/Valeria/AppData/Local/Temp/ulpianobezerra-1.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2021.
- MIRZOEFF, Nicholas. *The right to look: a counterhistory of visuality*. London: Duke University Press, 2011.
- MUNDURUKU, Daniel. *Sobre piolhos e outros afagos. Conversas ao pé da fogueira sobre o ato de educar(se)*. São Paulo: Callis, 2005.
- MUSEU DA CIDADE DE SÃO PAULO (MCSP). Disponível em: <http://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/>. Acesso em: 8 jan. 2021.
- NÓBREGA, Thelma Médici. Transcrição e hiperfidelidade. *Cadernos de Literatura em Tradução*. São Paulo, n. 7, p. 249-255, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/49417/53490>. Acesso em: 6 jan. 2021.
- NÓVOA, António. *Os professores e sua formação*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- OLIVEIRA, Luiz Fernandes; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. *Educação em revista*. Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, abr. 2010. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982010000100002&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982010000100002&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 28 dez. 2020.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. 2.ed. São Paulo: EXO experimental, 2009.
- RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- ROLNIK, R. *Territórios em conflito*. São Paulo: espaço, história e política. Três Estrelas. São Paulo, 2017.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SIMON, Nina. *The museum participatory*. Santa Cruz, CA: Museum 2.0, 2010.
- WALKER, John; CHAPLIN, Sarah. *Visual culture: an introduction*. Manchester: Manchester University Press, 1997.
- ZANETTINI, Paulo Eduardo. *Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na casa bandeirista*. 2005. Tese (Doutorado) – Museu de Arqueologia e Etnologia/USP, São Paulo, 2005.



## anexo 1

lista de exposições no MCSP com colaboração educativa do AEP<sup>1</sup>

ANO	UNIDADE DO MCSP	EVENTO
2008	Casa Do Bandeirante	Memória da Terra - Vania Pires
	Capela do Morumbi	Luz - Laura Vinci
	Capela do Morumbi	Maquetes Reunidas - Guto Lacaz
	Casa Modernista	Ambientes Modernos - Mauro Claro
2009	Casa do Grito	Da Independência ao Grito: História de Uma Casa de Pau-a-pique
	Casa do Bandeirante	Metrópole do Café - Rosa Belluzzo
	Capela do Morumbi	Tímpano - José Spaniol
	Sítio da Ressaca	Os Caifazes de Antonio Bento - Maria Lucia Montes
2010	Sítio Morrinhos	Escavando o Passado: Arqueologia na Cidade de São Paulo
	Capela do Morumbi	Ecco Narcisus - Hudnilson Jr
	Casa do Bandeirante	Bandeiras e Bandeirantes: Mito e História - Pedro Puntoni

<sup>1</sup> Centro de Memória do Circo, Arquivo Histórico Municipal, Centro de Arqueologia de São Paulo, OCA – Pavilhão Lucas Nogueira Garcês, Pavilhão das Culturas Brasileiras – Palácio do Estados Engenheiro Armando de Arruda Pereira e Museu do Theatro Municipal de São Paulo não fazem parte do MCSP em 2022, entretanto e em momentos específicos, tiveram colaboração educativa do AEP.

	Monumento à Independência	Da Independência ao Grito: Um Projeto do Monumento
	Casa do Bandeirante	Guerra dos Emboadas: 300 Anos Depois - Curadoria de Leonardo J. Magalhães Gomes
2010	Sítio da Ressaca	Luiz Gama e o Abolicionismo Paulista - Maria Luiza Oliveira
	Pavilhão das Culturas Brasileiras	Puras Misturas - Adélia Borges
	Capela do Morumbi	Ambientes Modernos: A Casa da Rua Santa Cruz - Gregori Warchavchik
	Casa do Tatuapé	Fazeres e Sabores da Cozinha Paulista - Rosa Belluzzo
<hr/>		
	Pavilhão das Culturas Brasileiras	Monica Nador: Autoria Compartilhada
	Arquivo Histórico Municipal	Arquivo Histórico de São Paulo: A Cidade e seus Documentos
	Pavilhão das Culturas Brasileiras	Rio São Francisco Navegado por Ronaldo Fraga
2011	Arquivo Histórico Municipal	Cosmografias para São Paulo - Mayana Redin
	Capela do Morumbi	Sob o Peso dos Meus Amores - José Leonilson
	Capela do Morumbi	Arquitetura Paralaxe - Alexander Pilis
	Solar da Marquesa	A Marquesa de Santos: Uma Mulher, Um Lugar - Heloisa Barbuy
	Casa do Bandeirante	Cultura Indígena: A Busca de Elementos Indígenas na Casa do Bandeirante

	Casa do Tatuapé	Rio Tietê, Importante Para Quê?
	Monumento à Independência	Fogo: Simbologias, Significados e Representações
	Sítio da Ressaca	A Metamorfose das Palavras
	Sítio Morrinhos	Arqueologia: Ciência que Conhece a Vida por Intermédio da Morte?
	Pavilhão das Culturas Brasileiras	Novas Aquisições - Artes Plásticas - José Alberto Nemer
2011	Capela do Morumbi	A Descoberta do Espaço
	Casa do Tatuapé	Bairros de São Paulo
	Casa Modernista	Mina Klabin e o Paisagismo Moderno
	Pavilhão das Culturas Brasileiras	Artefatos Indígenas - Cristiana Barreto e Luis Donisete Grupioni
	Beco do Pinto	Ar - Laura Vinci
<hr/>		
	Casa do Bandeirante	Pássaros do Paraíso - Hugo Canoilas
	Capela do Morumbi	Looking at Listening - Sergei Tcherepnin
2012	Casa da Imagem	Tombos - Rochelle Costa
	Capela do Morumbi	Maryanne Amacher

	Casa da Imagem	A Cidade Desaparecida - Militão Augusto de Azevedo
	Casa da Imagem	Ao Viajante: Clínica Oculista - Rochelle Costi
	Casa da Imagem	Aristodemo Becherini: Entre a Cidade e a Publicidade
	Casa da Imagem	A Praça Ramos e Azevedo na Fotografia de Carlos Moreira
2012	Beco do Pinto	Meu Chapéu Tá Lá no Alto do Céu - Ana Paula Oliveira
	Casa da Imagem	Guilherme Gaensly, Fotógrafo Cosmopolita
	Capela do Morumbi	Cromoteísmo - Lúcia Koch
	Centro de Memória do Circo	Hoje tem Espetáculo - Veronica Tamaoki
	Chácara Lane	Da Seção de Arte ao prêmio Aquisição: A Gênese do Gabinete do Desenho - Agnaldo Farias
	Chácara Lane	Desenho, Esquema, Esboço, Bosquejo, Projeto Debuxo ou o Desenho como Forma de Pensamento - Agnaldo Farias
	Oca	Imaginário do Rei - Visões sobre o Universo de Luiz Gonzaga
2013	Oca	Transit_sp - Daniel Rangel e Fernando Alvim
	Casa da Imagem	Potências de 10 - Marcelo Moscheta
	Oca	Flávio de Carvalho - A Experiência como Obra



	Capela do Morumbi	Poente - Felipe Cohen
	Casa Modernista	2ª. Mostra de Programa de Exposições
	Capela do Morumbi	Penélope - Tatiana Blass
	Beco do Pinto	Perfume de Princesa - Wagner Malta Tavares
	Casa do Tatuapé	Zona Leste: Um Novo Olhar - Manuela Rufinoni
	Casa da Imagem	Testemunha Ocular - Juca Martins
	Casa da Imagem	Repaisagem - Marcelo Zocchio
2013	Beco do Pinto	Pedras que Repetem - João Loureiro
	Casa da Imagem	Urbanas, Fotografias - German Lorca
	Casa do Sertanista	A Casa das Fontes - Sandra Cinto
	Beco do Pinto/Casa da Imagem	Corte e Retenção - Rubens Mano
	Pavilhão das Culturas Brasileiras	Design da Periferia - Adélia Borges
	Pavilhão das Culturas Brasileiras	Ibirá - Flora - Renato Imbroisi
	Capela do Morumbi	Recuo - Iran do Espírito Santo

---

---

	Arquivo Histórico Municipal	Salas de Cinema em São Paulo: 1895-1939 - Acervo
	Solar da Marquesa	Domitilas - Kika Nicolela
	Casa da Imagem	Jaraguá - Caio Reisewitz
	Oca	Memória Mutante - Curadoria de Henrique Siqueira
	Casa da Imagem	Sabotagem - Márcia Xavier e Letícia Ramos
	Casa da Imagem	Sérgio Jorge, Múltipla Trajetória - Curadoria de Rubens Fernandes Junior
	Solar da Marquesa	Arquivo Cordero - Texto de Miguel López-Pelegrin
2014	Solar da Marquesa	Atopias - Thereza Salazar
	Casa da Imagem	Turista Hotel - Cristiano Mascaro
	Casa da Imagem	Câmara de Descompressão - Edu Marin
	Casa da Imagem	Túneis Não Mostram o Final - Felipe Bertarelli
	Chácara Lane	Doação Mário Segall
	Chácara Lane	60 Fotografias do Acervo
	Oca	Mayas: Revelação de um Tempo Sem Fim - Mercedes de La Garza

2014	Chácara Lane	Arquivo Júlio Cordero
	Oca	Ibirapuera: Modernidades Sobrepostas - Rodrigo Queiroz e Ana Barone
2015	Solar da Marquesa	No Ar - Laura Vinci
	Oca	Fundamentos da Substância do Design: Metáforas Culturais para Projetar um Novo Futuro - Beto Shwafaty
	Solar da Marquesa	Medida do Tempo das Coisas - Daniel Malva
	Casa da Imagem	Nair Benedicto, Por Debaixo do Pano - Diógenes Moura
	Casa da Imagem	Papéis Efêmeros da Fotografia - Rubens Fernandes Junior
	Casa da Imagem	Uma Mulher Moderna: Fotografias de Gertrudes Altschul
	Arquivo Histórico Municipal	Memória da Amnésia - Curadoria de Giselle Beiguelman
	Solar da Marquesa	Paisagem Desaparecida
Oca	Puera - Modernidades Sobrepostas - Ana Barone e Rodrigo Queroz	
Arquivo Histórico Municipal	Pequena Mostra do Acervo do Arquivo Histórico de São Paulo	
Oca	Alimentário: Arte e Construção do Patrimônio Alimentar Brasileiro - Jacopo Crivelli Visconti	
Casa da Imagem	Travessia - Guilherme Maranhão	

	Sítio Morrinhos	Mãos no Barro da Cidade: Uma Olaria no Coração de Pinheiros
	Capela do Morumbi	Anekdotas - Laura Belém
	Solar da Marquesa de Santos	Bailes do Brasil - Ricardo Feldman e Jum Nakao
	Oca	Reverta, Arte e Sustentabilidade
	Oca	A Diferença entre Ver e Olhar
	Solar da Marquesa e Beco do Pinto	Gilberto Mariotti e Daniel Murgel
2015	DPH/SMC	1ª. Jornada do Patrimônio
	Capela do Morumbi	Corpos Duplos - Duplas Imagens - José Pedro Croft
	Casa Modernista	Daniel Steegmann e Philippe Van Snick - Marta Mestre
	Oca	Invento - As Revoluções que nos Inventaram - Marcelo Dantas e Agnaldo Farias
	Oca	O Papagaio de Humboldt - Alfons Hug
	Arquivo Histórico Municipal	Urbanismo Ecológico
	Centro de Memória do Circo	Hoje tem Espetáculo: Intervenções Circenses e Visita Monitorada - Verônica Tamaoki



---

	Solar da Marquesa	Yolanda Penteado, A Dama das Artes de São Paulo
	Casa da Imagem	Fotografia Publicitária Brasileira - Rubens Fernandes Junior
	Casa da Imagem	Atlas Fotográfico da Cidade de São Paulo e seus Arredores - Tuca Vieira
	Casa da Imagem	Garagem Automática - Felipe Russo
	Casa da Imagem	Fotoimagens - Ana Vitória Mussi
	Casa da Imagem	Paisagens Oficiais - Coletiva
	Casa do Bandeirante	Arrasto - Marcelo Moscheta
2016		
	Beco do Pinto	A Conquista do Nada - Gilberto Mariotti
	Chácara Lane	Arte à Mão Armada - Carmela Gross
	Capela do Morumbi	Instalação de Carmela Gross - Douglas de Freitas
	Arquivo Histórico Municipal	São Paulo em Registros Oficiais
	Chácara Lane	Guerra do Tempo - Marilá Dardot
	DPH/SMC	2ª. Jornada do Patrimônio
	Capela do Morumbi	Domo - Vanderlei Lopes

2016	Casa do Bandeirante/Casa do Sertanista	Construção e Memória
	DPH/SMC	3ª. Jornada do Patrimônio
	Casa do Tatuapé	Ato Contínuo - Coletivo em Branco
	Arquivo Histórico Municipal	Diversas Histórias
	Capela do Morumbi/Casa do Sertanista/ Casa do Bandeirante	Morumbi, Caxingui, Butantã
	Casa do Bandeirante	Luz Encarnada em Corpo/Corpo Evanescido em Luz - Albano Afonso
	Casa Sertanista	Ronda - Carla Chaim
	Casa da Imagem/Solar da Marquesa	Equações da Metrópole - Acervo
2018	DPH/SMC	4ª. Jornada do Patrimônio
	Casa do Tatuapé	Inundações em São Paulo - Acervo
	Chácara Lane	Allegro - Guto Lacaz
	Casa da Imagem	Sob Ataque - Coletivo Garap
	Casa da Imagem	Não Oficial - Paulo D'Alessandro
	Casa da Imagem	Diário 90/19 - Cláudia Guimarães (Curadoria de Eder Chiodetto)

	Casa da Imagem	Cara, Corpo, Voz! - Claudia Guimarães
	Casa Modernista	Casa Modernista - Gregory Warchavchic
	Solar da Marquesa/Beco do Pinto	Chacina da Luz e Monumento Nenhum - Giselle Beiguelman
2018	Casa do Bandeirante	A Lógica do Lugar - Gustavo Resende
	Casa da Imagem	Sólove
	DPH/SMC	5ª. Jornada do Patrimônio
	Solar da Marquesa	Primórdios da Coleção de Bens Móveis do Museu da Cidade de São Paulo
<hr/>		
	Solar da Marquesa	São Paulo Invisível - Alecsandra Matias
	Casa da Imagem	Exposição Fronteiras Movediças - Penna Prearo
	Beco do Pinto	Relicto - Fernando Limberger
2020	Solar da Marquesa	Do Cenário ao Museu
	Casa da Imagem	Exposição Fronteiras Movediças - Penna Prearo
	DPH/SMC	6ª. Jornada do Patrimônio
	Capela do Morumbi	Sursun Corda - Carlos Uchôa

## anexo 2

### lista de ações educativas no MCSP<sup>2</sup>

<b>ANO</b>	<b>ATIVIDADE</b>	<b>AÇÃO DESENVOLVIDA</b>
2009/2010	Pode Entrar!	Visita educativa
	Pode Entrar!	Visita educativa
2011	Sentidos	Encontro educativo
	Encontros educativos sobre patrimônio histórico	Encontro educativo
	O resto do universo	Encontro educativo
	Peabiru: caminhos carreiros	Encontro educativo
2012	Os escaninhos juninos das moças sinhás	Encontro educativo
	O eterno ciclo	Encontro educativo
	Sarau em casa	Projeto de sarau aberto [itinerante]
	Formação de professores	Encontros de formação para professores e educadores.
2013	São Paulo Revisitada	Encontro educativo

<sup>2</sup> Propostas concebidas e desenvolvidas pelos educadores e supervisores.

	Criação de arte postal	Oficina de criação
	O que os olhos não veem	Encontro educativo
	Sarau em Casa	Projeto de sarau aberto [itinerante]
	Oficina de Câmera escura	Oficina educativa
	Atividades aos domingos	Programa de atividades educativas
	Encontros Patrimoniais sobre educação	Encontros para educadores e professores
2013	(CMC) Minha memória do Circo	Oficina educativa
	Oficina de Cianotipia	Oficina educativa
	Construindo um livro	Oficina educativa
	Herança indígena na contemporaneidade	Oficina educativa
	Xaxado	Oficina educativa
	Xilogravura	
	Oficina de malabares com limões	Concebida e desenvolvida no Centro de Memória do Circo, sobre práticas circenses
2014	Memória presente- construindo um arquivo modernista	Visita e oficina educativa



2014	Sarau em Casa	Projeto de sarau aberto [itinerante]
	Projeto laboratório de Inhotim	Encontro educativo
2015	Oficina de pau a pique	Oficina educativa
	Arqueologia do espaço	Encontro educativo
	Oficinas lúdicas - Domingos de brincadeira	Oficina educativa
	Mulheres do Brasil	Encontro educativo
	Sarau em casa	Evento especial
	Museu para uma sociedade sustentável (Semana de Museus - IBRAM)	Encontro educativo especial
2016	Chão batido, coco pisado	Oficina multidisciplinar educativa de música e dança
	Formas ao redor	Encontro educativo
	Tricotando memórias - Práticas e Gêneros	Oficina educativa
	Quando fecha o monumento	Encontro especial com visita
	Oficina de argila no Sítio Morrinhos	Oficina educativa
	Desenho no Museu - especial do Dia das Crianças	Oficina educativa
	Lá na terra o que é que tem?	Oficina educativa

	Explorando o Sítio Morrinhos	Oficina educativa	
	Diálogos de sinais - criando laços com a comunidades surda	Oficina educativa	
	Lá do tempo do Jabaquara	Oficina educativa	
	Sarau do Grito	Projeto de sarau aberto [itinerante]	
	Intervenção dos educadores no Solar da Marquesa de Santos	Atividade artística e intervenção performática dos educadores	
	Mulheres da cidade no Museu	Encontro educati	
2016	Caminhada Noturna - Monumento à Independência	Encontro educati	
	No beco tem bicho - especial Dia das Crianças	Evento de oficinas especiais	115
	Cartografias do olhar- diálogos com a cidade	Encontro educativo	
	Histórico das ações de educação patrimonial (Jornada do Patrimônio)	Encontro educativo	
	A Casa Modernista entre tempos (Jornada do Patrimônio)	Encontro educativo	
	Olha o que eu achei aqui (Jornada do Patrimônio)	Encontro educativo	
	Museus go (atividade em parceria com o Museu do Ipiranga)	Encontro educativo	
2017	Identities e rios sob São Paulo – Colaboração com Coletivo Rios e Ruas	Evento formativo para os educadores	
	Processos e Memórias	Encontro educativo	

	Parceria - Casa de Vidro e Capela do Morumbi	Parceria institucional entre o educativo do MCSP e o educativo da Casa de Vidro (visita casada)
	Oficina de câmara escura	Oficina educativ
	Caminhada Noturna - Monumento à Independência	Encontro educativo
	Tramas Urbanas- clube de leitura	Programa especial mensal
	Entre memórias	Encontro educativo
	Um tanto de samba pingado	Encontro educativo
	Diálogos em sinais	Encontro educativo em libras
2017	Olhar a cidade sob a perspectiva negra	Encontro educativo
	Diálogos étnico-raciais: a negritude em ações educativas	Encontro educativo
	Oficina de brinquedos	Oficina educativa
	Carnaval dos museus	Evento educativo
	In memorian	Encontro educativo
	Mulheres na Independência	Encontro educativo
	Expedição Ipiranga	Encontro educativo
	Click a pé	Encontro educativo

	Mulheres negras	Encontro educativo
	Participação na Feira de Ciência Colégio Mazarello	Encontro educativo
	A carta de Niarah	Encontro educativo
	Se a coisa tá boa, a coisa tá preta	Encontro educativo
	Bicicletaipa	Passeio educativo com bicicleta
	Povos da floresta	Encontro educativo
2017	Sarau LGBT	Edição especial do sarau
	Sarau Plural	Edição especial do sarau
	Participação no evento Big Draw	Encontro educativo
	Percursos ancestrais	Encontro educativo
	As cores da terra	Oficina educativ
	Reconstruindo o Parque do Ibirapuera	Oficina educativa
	Arquivo Histórico Municipal - Mensagem na Garrafa	Oficina educativa
2018	Arquivo Histórico Municipal - Projeto recomeço	Encontro educativo
	Arquivo Histórico Municipal - Formação de Professores	Encontro educativo

	Centro de Memória do Circo - Retalhos Populares	Oficina educativa
	Tramas Urbanas - clube de leitura	Encontro educativo
	Piquenique no Sítio Morrinhos	Encontro educativo
	Brinquedos de modelar	Oficina educativa
	Olhar a cidade sob a perspectiva da população negra	Encontro educativo
	Janela do Grito	Encontro educativo
	Mulheres da Independência	Encontro educativo
2018	História da modernidade paulistana	Encontro educativo
	Arquitetando	Encontro educativo
	Olhar, ocupar, imaginar e dançar	Encontro educativo
	Estudos negros	Encontro educativo
	Construindo o brincar, oficina de petecas	Oficina educativa
	Rotas (in)visíveis- o caminho do Peabiru	Encontro educativo
	Memórias de uma cidade	Encontro educativo
	Oficina de pau a pique	Oficina educativa



	Processos e memórias	Encontro educativo
	Caminhos de São Paulo	Encontro educativo
	Rejunte poético	Encontro educativo
	Bicicletaipa	Passeio educativo com bicicleta
	LudOca	Oficina educativa
2018	Fotomontagem	Oficina educativa
	Revelando os objetos arqueológicos	Oficina educativa
	Sarau LGBT	Edição especial do sarau
	Modos de habitar indígena	Encontro educativo
	A cidade como objeto de investigação	Encontro educativo
	Se a coisa tá boa, a coisa tá preta	Encontro educativo
<hr/>		
	Tramas Urbanas - clube de leitura	Encontro educativo
2019	Visitas temáticas: aniversário da cidade de São Paulo	Visita educativa
	Caminhos do Tatu	Oficina educativa
	Afetos	Oficina educativa

	Sarau LGBT	Edição especial do sarau
	Materializando Vivências	Oficina educativa
	LudOca	Oficina educativa
	Pau a Pique: memórias da forma	Oficina educativa
	Festival das Cores	Oficina educativa
	Brincando com o corpo e a cidade	Oficina educativa
	Curadores Mirins	Oficina educativa em parceria com o Museu Paulista da USP - Museu do Ipiranga
2019	Museu de descoberta	Oficina educativa em parceria com o Museu Paulista da USP - Museu do Ipiranga
	Jornada do Patrimônio	Visita educativa
	Ocupa OCA das Minas	Oficina educativa
	13º Primavera de Museus - Do coisário ao relicário: memórias e afetividades	Oficina educativa em parceria com a EMEI Gabriel Prestes
	13º Primavera de Museus - Casa de Barro, memórias da terra	Oficina educativa
	13º Primavera de Museus - Mãos no museu	Oficina educativa
	13º Primavera de Museus - Em busca de representações indígenas na cidade de São Paulo	Encontro educativo
	13º Primavera de Museus - Azul, Vermelho e Amarelo	Oficina educativa

	13º Primavera de Museus - Sons: Do coisário ao relicário	Oficina educativa
	13º Primavera de Museus - Caminhos do TATU	Encontro educativo
	13º Primavera de Museus - Caminhos do TATU	Oficina educativa
	13º Primavera de Museus - Do bairro ao museu	Encontro educativo
	13º Primavera de Museus - Preservando memórias de família	Encontro educativo
2 019	13º Primavera de Museus - Mapas do invisível: memória das sociabilidades paulistanas	Encontro educativo em parceria com o SENAC
	Brincadeiras de quintal	Oficina educativa
	Memórias insurgentes: batuques e sambas em dissonância à modernização de São Paulo	Oficina educativa
	Bordado em fotografia	Oficina educativa
	Libras no museo	Encontro educativo em libras
<hr/>		
	Tramas urbanas - clube de Leitura	Encontro educativo
	Sarau LGBT	Edição especial do sarau
2020	Formação de professores on-line	Curso de formação
	Formação de guias de turismo on-line	Curso de formação

	Produção de materiais para as redes sociais	Material educativo
	Produção de conteúdo para painéis expositivos	Materiais educativos
	Projeto Vamos conversar sobre a cidade	Pesquisa e produção de material educativo
	Projeto Vamos conversar sobre a cidade	Pesquisa e produção de material educativo
2020	Infâncias em São Paulo	Material educativo
	Vídeos para a Jornada do Patrimônio	Material educativo
	Roda de conversa on-line com o Colégio Terra Brasil	Encontro educativo em parceria com professora da Escola Colégio Terra Brasil – Atibaia/SP
	Lives Diálogos no Museu	Encontro educativo

---

### anexo 3

#### lista de publicações relacionadas ao educativo do MCSP<sup>3</sup>

Antes de mais nada, gostaríamos de mencionar o *Memorial e Relatório anual* que é produzido pela supervisão da ação educativa do Museu da Cidade de São Paulo anualmente desde 2010. Faz parte do contrato da AEP com o Museu da Cidade de São Paulo a obrigatoriedade de entrega de relatórios mensais com o registro e quantidade de atendimentos ao público. Contudo, para além de mostrar números e estatísticas de atendimento nas atividades desenvolvidas, a partir de uma ideia das educadoras e dos educadores, desenvolvemos a criação de um Memorial anual que, além de registros e resultados das atividades desenvolvidas que demonstramos a cada nova gestão do MCSP, também apresenta uma proposta reflexiva sobre o trabalho de mediação e pesquisas feitas pela equipe sobre as casas, como bem foi explorado no segundo capítulo desta publicação.

123

Os Memoriais fazem parte do Centro de Documentação da Prefeitura Municipal de São Paulo e estão, neste momento, disponíveis na sala do Educativo do Solar da Marquesa de Santos.

**3** Nota dos autores: Relação de trabalhos científicos publicados e produções acadêmicas realizadas por educadores e educadoras e/ou pela supervisão que tiveram como assunto o trabalho educativo no MCSP de 2008 a 2021.



2021

Material educativo para professores, fruto de pesquisa das/dos educadoras/es pesquisadoras/es do Museu da Cidade de São Paulo e parte dos assuntos que circundam a exposição sistêmica *Infâncias em São Paulo*, em cartaz na Casa da Imagem, Casa do Butantã, Casa do Tatuapé, Chácara Lane e no Solar da Marquesa de Santos durante o ano de 2021.

MUSEU DA CIDADE DE SÃO PAULO. *Infâncias em São Paulo*. Material educativo. São Paulo: MCSP, 2021. Publicação digital disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1xuWP\\_xhXTtBw7DJbvguU7tBeY4aiMVVU/view](https://drive.google.com/file/d/1xuWP_xhXTtBw7DJbvguU7tBeY4aiMVVU/view). Acesso em 10 mar. 2021

2020

Artigos da educadora Lilian Damasceno e do educador Gustavo Sousa publicados na revista *Memoricidades*, do Museu da Cidade de São Paulo, no capítulo *Tramas Urbanas*, espaço para falar de leituras e mediação cultural:

MARQUES, Lilian Damasceno. *Escreva Carolina*. In: *Memoricidade*. Revista do Museu da Cidade de São Paulo, v. 1, n.1, p. 92-93, dez. 2020. Disponível em: <https://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/revista/numero-atual/>. Acesso em 10 mar. 2021.

SOUSA, Gustavo Silva. *A primavera periférica de Sérgio Vaz*. In: *Memoricidade*. Revista do Museu da Cidade de São Paulo. v. 1, n.1, p. 94-95, dez. 2020. Disponível em: <https://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/revista/numero-atual/>. Acesso em 10 mar. 2021.

124

2019

Artigo publicado e apresentado no 29o. Congresso da Federação de Arte/Educadores do Brasil (29º. ConFAEB).

Nesse artigo são apresentados conceitos de como é entendido e trabalhado o patrimônio cultural a partir do ponto de vista da mediação cultural no Museu da Cidade de São Paulo e a seguir, uma reflexão de como se aplicam esses conceitos em ações, a partir de um relato sobre a experiência realizada/vivenciada durante a atividade *O Corpo como estratégia de investigação da cidade*. Essa ação ocorreu na Casa da Imagem, uma das unidades do Museu da Cidade de São Paulo e dela participaram 16 jovens, integrantes do projeto “Laboratório Inhotim”, da cidade de Brumadinho-MG.

BARBOSA, Anderson Costa; DIONIZIO, Daniela Calvo Rodrigues. *O corpo como estratégia de investigação da cidade*. In: 29o. CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/ EDUCADORES DO BRASIL CONFAEB: nortes da resistência: lugares e contextos da arte educação no Brasil, 2019, Manaus, AM. Anais. Ponta Grossa: Ed. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2011, p. 301-309. Disponível em: [https://faeb.com.br/wp-content/uploads/2020/07/2019\\_anais\\_xxix\\_confaeb\\_manauas.pdf](https://faeb.com.br/wp-content/uploads/2020/07/2019_anais_xxix_confaeb_manauas.pdf). Acesso em 20 jan. 2021.

Artigo publicado e apresentado no 29o. Congresso da Federação de Arte/Educadores do Brasil (29o. ConFAEB).

Este artigo tem como objetivo a disseminação das ações desenvolvidas pelo setor educativo do Museu da Cidade de São Paulo em torno da discussão e da visibilidade do patrimônio e memória da comunidade LGBTQIA+ no acervo arquitetônico da instituição, com foco nas edições do Sarau LGBTQIA+ como agente transformador da reocupação dos espaços públicos e mudanças de protagonismo no discurso museal.

LA TORRE, Leonardo. O SARAU LGBT DO MUSEU DA CIDADE DE SÃO PAULO E A (RE)OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO PELA COMUNIDADE LGBTQI+. In: 29o. CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES DO BRASIL CONFAEB: nortes da resistência: lugares e contextos da arte educação no Brasil, 2019, Manaus, AM. Anais. Ponta Grossa: Ed. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2011, p. 310-318. Disponível em: [https://faeb.com.br/wp-content/uploads/2020/07/2019\\_anais\\_xxix\\_confaeb\\_manaus.pdf](https://faeb.com.br/wp-content/uploads/2020/07/2019_anais_xxix_confaeb_manaus.pdf). Acesso em 20 jan. 2021.

Participação no *XIV Congreso Internacional del Departamento de Arte. Arte Y Educación en América Latina. Enfoques, Lecturas y Estructuras Decoloniales*. Cidade do México.

Participaram da reunião de arte educadores Juliana Correia, Vinicius Nonato, Lilian Damasceno e Daniela Dionizio. Também participaram de mesa de comunicação Juliana Correia e Vinicius Nonato com temáticas que trazem a tona questões relacionadas a cidade de São Paulo, como os Slams e o AfroJam. São questões que permeiam nossas pesquisas no Museu da Cidade e também as pesquisas pessoais de cada educador.

125

O registro desta participação encontra-se em:

<https://arteibero.com/2019/07/09/reunion-de-arte-educadores-en-la-ibero/>

## 2016

Artigo publicado e apresentado no seminário: *Arte, Museu e Acessibilidade: reflexões da rede de educadores em museus de Goiás*, promovido pelo Rede de Educadores em Museus (REM) de Goiás.

Trata de um texto sobre a arte urbana, da qual a reflexão parte da Capela do Morumbi, a partir da obra *Penélope*, de Tatiana Blass.

DIONIZIO, Daniela Calvo Rodrigues. Ações criativas em espaços urbanos. In: *Arte, Museu e Acessibilidade: reflexões da rede de educadores em museus de Goiás*. VII Seminário da REM-Goiás. Goiania, GO. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/188/o/ArteWichers.pdf>. Acesso em 10 mar. 2021.

## 2014

Artigo publicado e apresentado no XXIV Congresso da Federação de Arte/Educadores do Brasil (XXIV ConFAEB).

Trata do projeto desenvolvido pelas educadoras da Casa Modernista intitulado: “Projeto memória presente - Construindo um arquivo modernista”, em que o processo de

mediação trabalha a reapropriação e ressignificação do patrimônio em relação à História Oral.

FELIX, Luciana Forte; BARBOUR, Vivian Legname. Recriando espaços por meio de narrativas: a potência da mediação nos processo de ressignificação dos bens culturais. In: XXIV CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES DO BRASIL CONFAEB, 2014, Ponta Grossa, PR. *Arte/educação contemporânea: metamorfoses e narrativas do ensinar/aprender*. Ponta Grossa: Ed. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2014, p. 1100-1112. Disponível em: [https://faeb.com.br/wp-content/uploads/2020/07/2014\\_anais\\_xxiv\\_confaeb\\_pontagrossa.pdf](https://faeb.com.br/wp-content/uploads/2020/07/2014_anais_xxiv_confaeb_pontagrossa.pdf). Acesso em 19 jan. 2021.

2012

Dissertação de Mestrado de Camila Lia A pesquisa tem como objetivo compreender percursos e processos de formação contínua para a mediação cultural a partir de investigação e reflexão sobre as experiências de educadoras e educadores que atuam no âmbito de instituições culturais e museológicas da cidade de São Paulo e parte foi realizada junto às educadoras e aos educadores do MCSP.

LIA, Camila Serino. *Experiências De Educadores: convite para reflexão sobre a formação contínua*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Artes/UNESP,São Paulo, 2012. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86831/lia\\_cs\\_me\\_ia.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86831/lia_cs_me_ia.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 19 jan. 2021.

126

Dissertação de Júlia Rocha Pinto. Esta pesquisa tem como foco as práticas avaliativas realizadas por setores educativos de museus de arte e instituições culturais. A experiência da avaliação como reflexão do processo educativo realizado em espaços culturais foi também vivenciada pela pesquisadora junto à equipe do Pavilhão das Culturas Brasileiras em São Paulo, onde foram pensadas estratégias articuladas através de relatos da mediação cultural por parte dos sujeitos envolvidos.

PINTO, Júlia Rocha. *Processos avaliativos em mediação cultural*. A postura reflexiva das ações educativas. 2012. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Artes/UNESP,São Paulo, 2012. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86929/pinto\\_jr\\_me\\_ia.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86929/pinto_jr_me_ia.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 19 jan. 2021.

Texto publicado e apresentado em mesa-redonda no XXI Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil (XXI ConFAEB). O texto organizado por Valeria Alencar e Camila Lia contou com a escrita das educadoras Daniela Calvo Dionizio, Patrícia Scarparo e dos educadores Francisco Porcel e Leandro Machado.

Esse artigo tem como objetivo tecer e compartilhar reflexões que permeiam a memória e o imaginário paulista representado pelo seu Patrimônio Cultural, mais especificamente pelo acervo do Museu da Cidade de São Paulo (MCSP), a partir das ideias e olhares dos mediadores que atuam neste museu por meio de seu Projeto de Educação Patrimonial.

ALENCAR, Valeria Peixoto de; Lia, Camila Serino (orgs). O patrimônio cultural, suas memórias e a mediação cultural. In: XXI CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/ EDUCADORES DO BRASIL CONFAEB, 2011, São Luís, MA. *XXI Confaeb: Anais*. São Luís: Editora da UFMA, 2011, p. 1955-1962. Disponível em: [https://faeb.com.br/wp-content/uploads/2020/08/2011\\_anais\\_confaeb\\_maranhao.pdf](https://faeb.com.br/wp-content/uploads/2020/08/2011_anais_confaeb_maranhao.pdf). Acesso em 19 jan. 2021.

#### **NOTA DAS ORGANIZADORAS**

Sobre as imagens reproduzidas que constam nesta publicação, o AEP - Arteducação Produções informa que esta obra literária possui fins didáticos e educacionais, sem intuito de lucro econômico, ou de uso publicitário, tendo sido produzida com o objetivo específico de manutenção da memória e de histórias dos projetos envolvidos, em cada uma das instituições citadas. Desta forma, para elaboração da pesquisa científica e registro das narrativas e documentos levantados, foram estabelecidos contato com os autores, colaboradores, fotógrafos, artistas e as instituições envolvidas e citadas nesta obra, tendo sido obtida autorizações expressas para uso de suas imagens e cessão de direitos autorais. Caso alguém necessite de informações adicionais, ficamos à disposição para quaisquer esclarecimentos sobre os documentos ou as imagens retratadas nesta obra.



